



RB169,908



Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton

SCENAS INNOCENTES

DA

COMEDIA HUMANA

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

SEGUNDA EDIÇÃO

LISBOA

LIVRARIA DE A. M. PEREIRA — EDITOR

50 — Rua Augusta — 52

—
1873



SCENAS INNOCENTES

DA

COMEDIA HUMANA

SCENAS INNOCENTES

DA

COMEDIA HUMANA

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

SEGUNDA EDIÇÃO



LISBOA
LIVRARIA DE A. M. PEREIRA — EDITOR
50 — Rua Augusta — 52

—
1873

REVISED EDITION

COMPTON'S

DICTIONARY

OF THE ENGLISH LANGUAGE

LONDON
PUBLISHED BY THE
COMPTON AND COMPANY, LTD.
11, ABchurch Lane, E.C. 4

1911

PROMESSA CUMPRIDA

Era preciso acabar tediosamente um dia de carnaval, e entrei n'um baile publico de mascaras, em janeiro de 1858. Era no Porto.

Principiavam a affluir os *principes*, e as *pastoras*, as *lavradeiras*, e as *gregas*, de braço dado com os benemeritos parceiros. Os principes, conscios da sua realeza truanesca, marchavam timoratos, cada um com sua pastorinha engrinaldada de flôres symbolicas da candura de suas donas, cuja virtude corria de certo parellhas com o sangue real dos companheiros. Uns e outros subiam as escadas do palco, acabavam ao espelho o alinhio dos cabellos oleosos, ou cobriam o surrado pescoço que revia o suor empoeirado das fadigas do dia.

Estava eu contemplando tudo aquillo com tristeza e inveja, quando um *dominó* parou diante de mim, fitou-me a luneta de um só vidro, e, apoz alguns

minutos de observação, que se me afigurou mysteriosa, retirou-se.

N'um grupo de homens, que nos observavam, ouvi dizer : « É uma mulher alta, mas é mulher. »

Reparei com a devida attenção. Divisei um pé de pequenez extraordinaria para homem, mão ainda menos trivial, pisar curto e leve, donaire e ademanes feminis, certo perfume de graça, gentileza, e melindre que um homem a custo remeda, por muito que o favoreça compleição amulherengada, e a mulher de boa educação mais custosamente disfarça.

Perdõem-me a curiosidade incompativel com meus annos e costumes. Segui o dominó, e requestei-lhe a attenção com pedir-lhe que me dissesse o que havia em mim que tanto tempo captivára os reparos lisonjeiros da sua luneta.

— Pelo tom melifluo em que me fallas, disse o dominó falseando a voz, vejo que me julgas mulher.

— Julgo.

— Pois inscreve lá no catalogo das tuas desillusões mais una.

Fallou-me naturalmente : era, sem disputa, um homem, cuja voz eu não conhecia.

— Esfriou o teu interesse? — proseguiu elle. — Pois agradece-me a presteza com que desenganci a tua curiosidade. Agora, já nem sequer te importa saber quem sou?... Que montaria dizer-t'o? Não me conhecerias, porque não me recordo de ter fallado contigo. Quando, ha pouco, te observava, dizia eu

commigo: Talvez que este homem soubesse consolar-me...

— Buscaste o local e não sei se o homem menos proprio para te consolares... — atalhei eu, sorrindo ao romanticismo da dolorida creatura.

— Dizes bem... Eu venho aqui recrudescer as torturas que me flagellaram durante o dia: sê tu o algoz da noite, se quizeres, e podêres...

— Então és um suicida de mau gosto. Ajuntar aos soffrimentos do espirito o supplicio de uma mascara... isso é de mais. Werther, Chatterton, Gilbert, Larra, Girard de Nerval, e os outros illustres suicidas, com cujos nomes os imberbes do folhetim fazem litteratura grossa, nenhum d'esses me consta que tolerasse a agonia de um mascara...

— É que eu sem ella não poderia contemplar com infernal voluptuosidade a mão que me mata.

— Affigura-se-me que tens muita imaginação, e pouco juizo. Já não ha mulher que mate um homem com senso commum, desde que a homœopathia, applicada aos achaques do coração, faz admiraveis curas. Ao lado da mulher pathologica está a mulher pharmaceutica; uma empunha o punhal que fere, a outra manipula o balsamo que cicatriza. Eu só conheço uma mulher capaz de matar um homem: é a enfermeira que por descuido troca os remedios.

— Adeus! atalhou o dominó — Enganei-me. És mais feliz do que eu queria que fosses, ao menos hoje.

— Felicissimo... pois não sou? Um homem, que vem ás oito horas para um baile de mascarar do *circo*, prova que se está saboreando de uma felicidade invejavel... Realmente, é lindo isto! Todos os sentidos se embriagam aqui nectariamente, excepto o do olfacto que se azeda com o fartun que trescalam estes *principes*. O coração palpita arrobado quando estas pastorinhas nos segredam umas ingenuas bucolicas, em comparação das quaes as de Rodrigues Lobo e Quita são trovas de peixeiras despejadas. E as paixões timoratas que se nos revelam aqui atravez da mascara pudibunda? E as consequencias salutaes d'essas denuncias, que o pudor não ousaria fazer a rosto descoberto?

Abrira-se, n'este momento, um camarote dos do tôpo do proscenio. O *dominó*, como sacudido por choque electrico, rodou meia volta, encarou com uma, ou com todas as pessoas que occuparam o camarote, e assim ficou, enleiado ou abstrahido, n'aquella contemplação.

Eu, porém, observei-lhe o respirar descompassado, o tremor nervoso da surpresa, o quer que era singular, e de tudo inferi estar entre aquellas mulheres a *mão que mata*.

— Qual é das tres? — perguntei eu, com as costas voltadas para o camarote.

O *dominó* fitou-me com rapido movimento de cabeça.

— Qual é das tres? — perguntei eu — A curiosi-

dade é permittida ao homem que te mereceu o bom conceito de medico moral n'essa febre amarella do coração.

— Conheces alguma?

— Nenhuma. Vejo lá, porém, no centro uma mulher sympathica...

— Formosa...

— Pois sim, formosa, se o queres... É ella?

— Uma paixão de sete annos.

— Quantos tens tu?

— Vinte e um. Amei-a aos quatorze.

— Não teria ella então vinte e...?

— Vinte e quatro. Pódes tu imaginar a angustia de Leandro, quando as vagas do Helesponto se erguiam a montes, e o coração o impellia a arcar com a morte... e Hero da margem d'além accendia o pharol inutil para salvá-lo, e elle de abysmo em abysmo, do dorso de uma vaga para o bojo de outra... até que alfim...

— Expirou... Não imagino, nem creio no facto: mas sei imaginar o que é um moço de quatorze annos, amando com virginal ardor uma mulher...

— Que não póde ser d'elle...

— Gravissima culpa me confessas, infeliz! mas têt-a-has expiado com a sobejidão de dôres em sete annos...

— No digas sete annos; diz uma longa vida, porque a devia viver, e sei que morro breve.

Fez-se uma subita mutação na minha alma. Ti-

nha-o escutado com indifferença, até que o som tremulo d'essas palavras lagrimosas me doeu como se as escutasse da bocca de um amigo intimo.

— Agora, attendo-te. Já travei amizade com a tua alma; importa-me pouco saber o teu nome. Diz o que sentires, confessa-te sem pejo nem reserva, por que amanhã passarás por mim como um estranho que nunca me fallou.

— A historia do primeiro dia é a do ultimo: a lucta da virtude martyr com a paixão respeitosa.

— Estás convencido da virtude martyr?

— Quero estar; preciso d'esta crenga; verdade ou mentira... não sei; quero acreditar que ella é martyr, senão morro amaldiçoando-a. E porque duvidas tu?

— Porque não conheço a virtude martyr; conheço apenas a virtude sem tentações, ou tentada por um demonio benigno. O martyrio é menos frequente do que pensas, desde que se morre regularmente sem cheiro de predestinação, e Roma já não precisa de canonisar santos para espalhar reliquias pela christandade. Mulher nenhuma, a não ser remelosa como Lia, supporta o seu martyrio sete annos. Não será consoladora para ti a persuasão, ou sequer a suspeita, de que a tal senhora te não recompensa com uma lagrima o voto que lhe fazes da tua vida?

— Não sabes consolar de outro modo?

— Sabia d'antes, quando contava os teus annos, e vivia n'um paraíso, e andava atraz das serpentes

pedindo que me enganassem, e comia não só maçãs empeçonhadas mortalmente, mas comeria até bolotas, se as ditas serpentes quizessem...

— Maldito sejas, que me estás torturando! Falas-me a linguagem do demonio que muitas vezes me vem arrancar pelos cabellos ao leve somno da noite. Já duvidei d'aquella mulher, já zombei de mim proprio e d'ella; mas a zombaria custava-me remorsos infernaes, e o castigo vinha logo com a paixão mais ateadada, com o amor cheio de humildade e supplicas...

— Sempre desprezadas?

— Sempre escutadas com o escarlata do pudor na face, e uma promessa pára as nupcias do ceo. Chamava para ao pé de si os tres filhinhos que tem, e dizia-me «são os tres anjos defensores, que Deus poz ao pé de mim.»

— Assim, creio na virtude, guardada por tres anjos: a que tem só uma sentinella, quasi sempre é tomada de assalto... Salva-te, quem quer que sejas; salva-te, e salvando-te, ficarás pago em tua consciencia de una acção honrada, e em teu amor-proprio de uma retirada sem irrisão. Diz-lhe que respeitas o patrocínio dos tres anjos, e volta o teu amor para qualquer mulher menos escoltada de sequitos celestiaes.

— Já não é tempo. A imagem d'aquella foi-me aberta no coração a fogo, fogo, do que as lagrimas ateiam... devorou-m'ó, derrancou-me o sangue que

já me vem em lufadas á bocca. Creio até que já nem ella me salvaria.

— E ella sabe-o?

— O quê?

— Sabe que padeces assim, e que morres na desesperação d'essas promettidas nupcias do ceo?

— Sabe.

— E está assim com aquelle rosto festeiro, sadio, e nutrido de bello sangue?

— Porque não has de crêr que ella soffre?

— Aposto, em nome da medicina, se aquella mulher tem uma enxaqueca, uma dôr de peito, um ataque de nervoso, um estherico, um desmaio! Salva-te, meu amigo, se ainda podes... Salva-te pela vergonha de ti proprio... e abraça-me, a rosto descoberto, no dia em que podêres dizer-me:— Já amei quatro, depois que te fallei n'um certo baile de mascaras, em que vi cair a d'aquella mulher ao impulso magico das tuas palavras, que então me soavam horribilissimas de cynismo e despejo.

— Pois sim; se podêr salvar-me, se podêr amar as quatro, dar-te-hei o abraço.

— E, se não podêres, é escusado esperar conhecer-te um dia?

— Has de conhecer... Quando receberes um escripto com estas duas palavras: PROMESSA CUMPRIDA, segue a pessoa que t'a entregar. E adeus.

Apertou-me a mão com estremecimento, e afastou-se.

Sentei-me defronte do camarote em que estava a noiva promettida para as nupcias do ceo. Contemplei-a vinte minutos. Vi-a conversar prasenteira com as mascaras que entravam no seu camarote. Entre muitas conheci o meu interlocutor. Era esse o unico a quem ella respondia com um ar de fastio, tristeza, aborrimto, impaciencia... não sei o que era, mas parecia-me a peor d'essas quatro conjecturas.

Á meia noite, estava eu escrevendo, com esta mesma penna que me serve agora, a maior parte do dialogo que ahi fica, e lancei-o para uma pasta, on detenho riquezas que não valem um caracol, logo que sairem da pasta.

Não ha ninguem menos curioso do que eu. Nunca me deu para saber quem era aquella mulher, com o intuito, ao menos, de inferir quem seria o mysterioso amator, que eu quizera resgatar do inferno do «ridiculo» o peor, o que sobrepuja em tormentos todos quantos as religiões, mais ou menos imaginosas, inventarem.

Nove mezes depois, no dia 20 de outubro de 1858, recebi um bilhete com as palavras : PROMESSA CUMPRIDA. Segui um criado que m'o entregára, até uma rua dos arrabaldes do Porto. Entrei primeiro n'um jardim, e depois n'uma pequena casa situada ao fundo d'esse jardim.

Batia-me o coração extraordinariamente, porque, dias antes, ouvira dizer que n'aquella casa estava um

tisico no ultimo grau ; disseram-me o nome do doente, e recordei-me de ter fallado com elle, dois mezes antes, na officina de mr. Fillon, photographo, ainda hoje residente na rua das Hortas. (1860)

Era o sujeito que eu vira.

— Não pude amar as quatro ; mas, não obstante, quero dar-lhe o abraço — disse elle, com um sorriso tão melancolico que me embargou a voz.

Apertei-o ao coração com enthusiasmo, e senti razarem-se-me os olhos de lagrimas. Eram estas lagrimas uma scintilla escapada das cinzas do coração que um embate electrico sacudira. Sem isso, não sei como se póde chorar, quando ha juizo.

O moço tinha os olhos enterrados nas orbitas descarnadas ; sobre cada face havia uma mancha côr de carmim, ladeada pelas proeminencias dos ossos.

Sentou-se, e fez-me sentar. ao seu lado.

— Aqui me tem, justificando o homem do baile mascarado — proseguiu elle, com palavras intercorradas pelo abatimento — acredita agora que se póde vestir um *dominó* como quem se ensaia para vestir uma mortalha?

— Não so morre assim, meu amigo — disse-lhe eu por não saber o que devia dizer-lhe — Está ainda sob a pressão dolorosa da sua phantasia apaixonada. A natureza é valente na sua idade, e o coração obedece-lhe a par e passo que perde o vigor. Reanime-se, e espere. Força de vontade, meu amigo... não queira morrer... Essa mulher não vem salvar-o?

— Já não morro de amor, meu amigo; agora é o ultraje que me mata.

— Como? o ultraje!

— Sim. Aquella mulher enviuvou ha cinco mezes. Pensei que a Providencia déra ao primeiro marido a bemaventurança do ceu para me deixar a mim a bemaventurança da terra.

— Pensou bem: devia julgar-se salvo.

— Nem assim, porque esta doença estava muito adiantada.

— Mas ella de certo quer da sua vida dois dias, duas horas, ou dois momentos em que possa dizer-lhe: «sou tua! recompensei-te como pude, e quando pude.»

— Não. Disse-me que a sua posição era inconveniente á minha; pediu-me que vivesse para quem pudesse dar-me a felicidade que ella não procurava nas segundas nupcias. Empurrou-me para a sepultura com a ponta do pé.

E desatou n'um soluçar que me angustiava o coração.

Entraram algumas pessoas que o visitavam. Enxugamos ambos as lagrimas, e contribuimos com alguns monosyllabos para uma conversação frivola.

Despedi-me, promettendo-lhe uma visita no dia immediato. Cumpri, com immensa repugnancia, e encontrei-o dormindo.

Tornei no dia seguinte, e encontrei-o... morto.

TRES MEDICOS

THESE MEMOIRS

Disce, puer
Stacio (Silv.)

I

Em um d'aquelles seus dias de muita desconso-
lação, Guilherme do Amaral levantou o rosto de so-
bre as palmas das mãos, que assentavam no mar-
more de uma jardineira, contemplou as estantes dos
seus livros, e disse mentalmente:

—De que serve aquillo?!

Ergueu-se depois, foi distraidamente á livraria,
apoiou o cotovelo no friso de um lote, e tirou, como
ao acaso, dois livros eguaes no formato e na enca-
dernação. Era um o STELLO, de Alfredo de Vigny;
o outro — O LIVRO DAS COMMUNAS, de Roselly de
Lorgues.

Por que estariam assim unidos e parelhos dois li-
vros tão dessimilhantes? Um é o romance sem flo-
res de imaginação; o homem-machina; a face negra
da vida, chamada *certeza*; a vilania e miseria do ser
humano demonstrada mathematicamente; a legenda

de mais um descrido; os queixumes de mais uma alma que o vendaval da irreligião devastou; em summa, é aquelle livro o bello ataúde das crenças no homem e das esperanças em Deus.

É o outro um livro de theologo, de moralisação, de piedade; celeiro em que o varão justo inceleirou as messes ceifadas por entre as escarpas e agruras do seu calvario; patrimonio do ceu, que nos legou o homem da paixão; herdade commum de que desistem de boamente os nossos irmãos felizes, para nol-a deixarem sem debate por desprezo d'ella e de nós.

Leu Amaral algumas paginas do *Stello* com a ligeireza de quem dispensa entender o que lê; e folheou os primeiros capitulos do outro livro, com o desplicencia de quem se enfastia.

N'esta conjunctura, entrou o amigo unico de Guilherme, e disse-lhe:

—Estás hoje macilento extraordinariamente!

—Estou doentissimo—respondeu o fidalgo da Beira, bocejando, e distendendo os braços nas variadas attitudes de uma voluptuosa preguiça—Resolvi hoje fazer junta de medicos, e já aqui tenho dois.

—Onde estão os dois?!—disse o escriptor, que não percebera a allusão dos livros.

—Aqui: são o doutor-negro, do conde Alfredo de Vigny, e o franciscano Gerard, de Roselly de Lorgues.

— Não conheço o segundo—redarguiu o poeta—do primeiro apenas me entre-lembro que é um romance, cujo heroe é uma das mil creaturas « não comprehendidas » da novella franceza, escola que, ha vinte annos, gira em redor do Fausto, espirituallisando tanto o homem, que, afinal, o subtilisa até á sombra de um sonho, no dizer de Pindaro; e, por outro lado, o envilece até á bruteza da sensação, encarecendo as inauferviveis legitimidades do sangue, dos nervos, dos musculos, e...

— Parece-me que estás ahi dizendo absurdidades!—atalhou Guilherme—ou eu não entendo os Faustos da critica, que são os mais imperceptiveis de quantos ha!... Se te não recordas do *Stello*, eu te digo summariamente o que é, e o para que serve este sublime livro de philosophia, que tu chamas romance. *Stello* é um homem, que tem na cabeça uma legião de demonios-azues, os quaes poderiam ser amarellos ou verdes, se a molestia, na pathologia ingleza, não tivesse assignado nome de *Blue-devils*—diabos-azues. Esta legião, de tal modo estragou o cerebro de *Stello*, que o infeliz amanheceu, um dia, atormentado pelo pensamento de dar á luz um volume de idéas politicas, com o modesto intento de concertar o rachitismo da humanidade. Revelou o possesso a sua enfermidade ao doutor-negro, sincero amigo d'elle, e o homem mysterioso levantou-se de golpe, exclamando: « Deus do ceu e da terra! vêde vós a que degrau da escala da ex-

travagancia os demonios-azues e a desesperação podem levar um poeta!» E, depois, o medico das almas, o archanjo invencivel dos demonios-azues acrescentou: «Vou contar-lhe tres anedoctas que hão de ser-lhe excellentes remedios para a desvairada tentação de atirar com os seus escriptos ás phantasias de um partido.» E contou as historias de Gilbert, de Chatterton e André Chenier, na linguagem tetrica em que os tres illustres martyres a contariam, de pé, sobre os cômoros da sua vala, com as dobras da mortalha onduladas ao capricho da viração.

De sobra sabes tu —proseguiu Guilherme do Amaral, feita uma curta pausa—a historia de Gilbert. A ti, poeta, mais do que a mim, pensador obscuro e vadio de profissão, cumpre sabel-a, e não esquecel-a nunca. São estes exemplos proveitosos aos vassallos de Apollo, ou deviam sel-o, como os avisos de Joseph, interprete do sonho das vaccas magras, o foram ao monarcha do Egypto. Contou o doutor a triste vida e morte de Gilbert, em prova do escarneo com que a sociedade laurêa os Messias que a incommodam com a idéa nova, se essa idéa não produz a vantagem de substituir o gaz hydrogenio ao azeite de purgueira, ou suppre o uso dos braços pela expansão do vapor. Não te esqueçam estas palavras do sabio, que vira, na garganta do poeta, entalada a chave suicida: «É tres vezes desgraçado o insensato, que diz o que pensa, antes de ter segurado o pão de toda a vida! Hypocrisia! tu é que és pro-

priamente a razão! és o escudo protector de toda a gente; e o pobre precisa de todo o mundo.»

Atalhou o poeta :

—Eu preciso apenas da minha consciencia para amparo do espirito, e do caldo negro da independencia para sustentar este ignobil arcaboço, onde minha alma se estorce de nojo, quando se recobra das infames humilhações a que a materia a submette.

Guilherme sorriu á resposta emphatica do jornalista, e continuou :

—Quanto darias tu pela folgada estupidez do merceeiro, que alli está defronte, bamboando os pés nús aos regalos das brisas, que parece terem sido creadas por um sopro do ceu para refrigerarem especialmente os pés d'aquelle especieiro?

—Quanto dava eu?! — respondeu o poeta. — Eu daria já a minha vida, com quantos bens Deus me reserva, em troca da certeza de que algum de meus filhos não resvallará pelo despenhadeiro de seiscentos contos á miseravel condição do teu especieiro. Eu peço á divina Providencia que me deixe este raio de luz intellectual, estas flores immoredouras da minha imaginação, embora o caminho real da vida me seja tapetado de espinhos e cortado de precipicios. Sei de cór alguns versos de Gilbert, e sinto que sejam elles o indelevel stygma da vida do poeta :

Malheur à ceux dont je suis né...

Père aveugle et barbare ! impitoyable mère !

Pauvres, vous fallait-il mettre au jour un enfant,

Qui n'heritât de vous qu'une affreusé indigence !
Encor si vous m'eussiez laissé votre ignorance
J'aurais vécu paisible en cultivant mon champ ;
Mais vous avez nourri les feux de mon genie.

O que ha aqui? —proseguiu o escriptor.—Nem ao menos a sublimidade da desesperação! Até para os raptos da raiva se faz mister o animo frio de Byron ou Lamartine. O poeta immerge, e some-se no pantano onde desceu a esfriar os fogos da sua veia. Não ha poesia no espirito plebeu que maldiz a luz, a providencia do genio que o estremára do commum dos homens. Como seria Deus equitativo, se aventurasse e opulentasse os suores dos obreiros do pensamento, esses tão grandemente estipendiados por prazeres do espirito, por fagueiras imaginações, que lhes dançam em festivas chorêas, ainda na pobreza e na soledade? Se me bem recordo, o doutor-negro de Vigny dá os poetas como raça sempre maldita pelas potencias da terra. Eu não tenho a honra de ser potencia da terra, nem mesmo potencia da minha freguezia, e assim mesmo maldigo os maus poetas, que se impõem a expensas da cidade, como os meninos de Lacedemonia, e tentam justificar a sua soberba inutilidade com algumas grozas de libellos rimados contra a gente que não dá por elles. Eu tambem sei de cór a ladainha dos grandes e verdadeiros poetas. Vejo-os, todos os dias, avocados por alguns litteratos coixos, que, no auge de sua modestia, se equiparam com elles no genio e na desgraça. Não pude

ainda convencer-me do infortunio de Milton, de Camões, de Shakspeare, de Musset e de Byron. Um viveu capitão e arbitro das pelejas, que travaram os anjos de Deus com as legiões infernaes; outro, escreveu em bronze o hymno da patria, e morreu propheta dos destinos d'ella; o terceiro abraçou a gloria, doida de amores por elle, e embriagou-se de jubilos tantas vezes quantos foram os padrões, que levantou na base eterna dos seculos; o heroico inglez de Missolonghi viveu livre, espirou á larga o fogo dos pulmões, deliciou-se no desafogo dos odios que o descentralisavam do mundo, e mostrou de sobra, e mais que o necessario, que era humanissimo com as italianas de Veneza, que se matavam por elle. Em quanto a Musset...

Guilherme, cansada a paciencia, abriu o Stello, fingiu que lia, e disse, decorridos alguns segundos:

— Creio que tens razão. Nenhum dos poetas, que citaste, foi desgraçado, por que me não consta que algum d'elles conhecesse fallador com veia mais turgida que a tua!... Trazes sempre um discurso prompto para cada coisa, e, onde quer que chegas, instauras uma academia. O folhetim do jornal tem o consolador *continuar-se-ha*; mas tu, verbo infinito, és o folhetim sem paragem, és a gomma elastica da eloquencia farfalhuda. O teu aranzel onde tem posta a mira? Conclue depressa, que eu já de antemão concordo mesmo com o absurdo.

E o escriptor replicou:

—Pondo de parte as primicias da tua incivildade montezinha, das quaes nada concluo por hoje, o meu discurso estava a fechar, ingrato! Queria dizer eu que poetas infelizes são os que não tem o senso commum do teu visinho especieiro. Se me permittes outro discurso, alinharei, diante da tua respeitavel critica, uma fileira de felicissimos poetas, que nem sequer soffreram n'este mundo os descontos do talento.

—Não te permitto outro discurso!—interrompeu o fidalgo beirão—salvo, se elle fôr a demonstração da felicidade de Chatterton.

—Demonstro!—acudiu o poeta.—Chatterton amou Kitty Bell... e Kitty Bell...

—Matou-lhe algumas vezes a fome com uns masapões impalmados dos lotes, a occultas do marido...

—E quem te disse a ti que o talento, e os masapões, e o amor não completavam a felicidade de Chatterton?

Amaral folheou de novo o Stello, e leu em voz alta:

J'en vois, hélas! d'aussi malheureux que prennent de diverses sortes leur destinée amère. Il y en a en qui le chagrin devient bouffonnerie et grosse gaieté; ces sont les plus tristes à mes yeux.

E, pondo os olhos melancolicamente no escriptor, disse:

—Tu és um d'estes, meu pobre poeta! Nunca me doem tanto as tuas dôres, nobremente escondidas,

como quando te vejo rir... Deixa cair a mascara diante de mim, meu amigo! Por amor d'este livro, que eu amo tanto, e a quem tenho pedido, tantas vezes, o balsamo para as feridas do desengano, ouve-me com seriedade.

—Mas eu sei a vida de Chatterton e de André Chenier...—disse o escriptor.—Sei que Stello, depois que ouviu as tres historias, rejeitou o apostolado das idéas novas, e recaiu no sopôr de uma ditosa estupidez. Sei isso tudo, meu bom amigo; o que não sei é o que te aconselhou o segundo medico.

—Ahi vou—disse Amaral.

II

Guilherme, folheando *Ô LIVRO DAS COMMUNAS*, disse :

—N'aquelle dia de Waterloo, em que Napoleão se viu reduzido á mera condição de homem, um official de vinte e cinco annos, ferido e condecorado em Marengo e Austerlitz, sentou-se entre os cadaveres de alguns camaradas e amigos, e meditou alguns minutos na mentira das glorias humanas. D'alli foi para casa de seu pae, ancião douto e pobre, que vivia ignorado e feliz no recanto de uma provincia. Felix Jourdan sondou o segredo da felicidade do velho, aquelle ridentissimo viço d'alma atravez das rugas do rosto, e descobriu que seu pae era profundamente religioso. Espreitou-o nas luctas com a adversidade, e viu-o serenamente cruzar os braços, e ficar em pé, e risonho, entre as vagas revoltas da desgraça, que passaram e se desfizeram.

Era o esteio da religião, que amparava o sabio da philosophia do evangelho.

Era o *beati qui lugent*, que abria nos labios do velho o riso de paz intima, quando em redor de si rebramiam as tormentas, sobre as quaes a sua alma era como a barquinha de Jesus de Nazareth.

Reconheceu o moço que a religião era uma existencia de triplice força no coração do homem, e quiz afferrar n'essa ancora; mas a duvida, senão a descrença, desvigorava-lhe o pulso. Como o raio da fé o não alumiasse, Felix determinou estudar as maximas questões da providencia e da vida futura. Recebeu o minguado peculio, que podia sair dos poucos haveres de seu pae, e foi manusear as bibliothecas, visitar os museus, e examinar as instituições e crenças dos povos.

Sentou-se o peregrino nos bancos das universidades dos Paizes-baixos e da Suissa, estudando philosophia em Oxford e Edimburg. Examinou as reputações de estrondosa virtude, e heroismos de silenciosa caridade.

Não viu, porém, acção que tanto lhe movesse o animo, como a virtude humilde de seu pae, e aquella sua ditosa obscuridade.

Voltou, pois, á casa paterna, e apurou os ouvidos da alma ás palavras do varão justo. Expandiu-se, e confessou-se a seu pae, desde as suas propensões infantis até ás dolorosas repugnancias que o arredavam da piedade religiosa.

Saiu a passeio com elle o velho. A natureza falava então de Deus com linguagem mais insinuante que a dos alumiados do cenaculo.

Felix pasceu então os olhos n'aquelles amenos prados e varzeas fertilissimas. «Que alegre estava o espirito do creador, quando os fez rir em tanta variedade de flores! Que liberal, quando os coroou de tanta abundancia de fructos! Entre todas as naturezas insensiveis, as flores parece que com mais expressos acenos estão forcejando por remedar a formosura do seu auctor!»¹

Quando estas impressões lhe davam no espirito rebates de não sei que saudades de uma outra phase, que vivemos alguns dias no diluculo d'esta escura existencia, então foi que o velho fallou da misericordia divina com tanta simplesa e ao mesmo tempo altura de pensamento, que, no animo do mancebo, lampejou o clarão da fé. Veria elle na face illuminada de seu pae uma auctoridade irresistivel?

Passados mezes, o ancião, inclinada a fronte no seio do filho, expediu o espirito.

Felix, na sua inconsolavel angustia, invocou a religião; fugiu d'aquelles sitios; foi pedir diversões ao ceu de Italia; mas a sua saudade recrudecia-lh'a a indifferença do mundo, e a mudez do ceu. Lembrou-se de um homem, que encontrára nas suas peregrinações estudiosas, unico homem, que irmanára

¹ P. Francisco de Sousa (*Oriente conquistado*).

com seu pai na vida activa e silenciosa. Era este homem um frade franciscano, chamado Gerard, reitor da escola franceza de Hunebourg.

Contou-lhe Felix os seus estudos, as suas incertezas, e o desfallecimento em que sentia o espirito, desde que a palavra ungida de seu venerando pai immudecera com o ultimo respiro. Escutou-o o frade, e disse-lhe estas palavras de S. Bernardo: «Achareis nas florestas o que embalde buscais nos livros... Florestas e penedias vos ensinarão o que não podeis saber dos mais doutos homens.» *Cœli ennarrant gloriam Dei.*

Passados dias, fallou assim o frade ao soldado de Napoleão:

— Meu amigo, as orações de vosso santo pai foram attendidas. Deus dá-vos a fé. Purificai-vos já para mais digno serdes d'ella. Abra-se em presença do Eterno a vossa alma. Esta immolação do amor proprio instituiu-a o Salvador. A humildade é a iniciação da penitencia, bem como o é da sabedoria o temor de Deus. Fazei um esforço: ajoelhe o vosso orgulho. Filho, fallai! Que ha ahi para temer, se dizeis vossas fragilidades a homem que tambem as tem, e cuja vida, mais longa que a vossa, foi talvez mais culpada? Cobrai animo, que saber, consciencia, e experiencia, nada ha em mim que tenha de assombrar-se. Ai! tamanhas são as dôres sepultas em meu seio, e terribilissimos os segredos que meu coração sabe; tantas chagas, vi, e tantas enfermidades da al-

ma descobri, que pude em fim amiserar-me das lastimas da nossa natureza!

Confessou-se o homem inconsolavel, o desterrado dos prazeres da vida, e ergueu-se, comprehendendo as palavras de S. Paulo: «O homem animal não percebe o que é do espirito divino; por loucura o tem, e o não entende, por que é precisa luz natural para entendel-o.»

Um dia, disse o franciscano ao convertido a Deus: — Cingi ao peito a coiraça de Eleazar, e á frente o diadema do Archanjo.

Felix Jourdan fez-se levita.

Estas, ou outras equivalentes, foram as palavras do monge, depois de uma curta apologia da religião de Jesus:

— Consagrae-vos a Deus que já não sois do mundo. Dizei ao soberano mestre: «Devora-me o zelo da vossa casa», e Deus vos dará por herança sobre a terra as maldições dos impios, e a salvação dos crentes. Alem de que, amigo, á beira do tabernaculo ha visões sublimes, inenarraveis jubilos, que as turbas desconhecem, e o mundo menospresa. Ahi é que os dons maravilhosos se expandem exuberantemente. Gosos sublimes e magnificencias immortaes rebrilham ao entendimento. E, se, por momentos, durante o sacrificio, os nossos olhos carnaes se abrissem, póde ser que vissemos, como Zacharias, ante o altar dos perfumes, o anjo do Senhor, em pé, á nossa dextra.

E, ao dar-lhe o derradeiro *vale*, o osculo do apostolado, e a insuflação santificada da abnegação e do martyrio, exclamou :

« Arrancarás de teu coração o amor á mulher;

« Arrancarás de teu coração o amor a ti mesmo;

« Arrancarás de teu coração o amor á propriedade;

« Arrancarás de teu coração o amor á familia;

« O orgulho da tua posição e da tua sciencia repellil-o-has;

« Se os não puderes vencer, combate-os durante o dia; e, nas trevas da noite, repulsarás os phantasmas embriagantes, que te assediarem e levarem de vencida na soledade...

« Para ti familia não ha ahí nenhuma. A tua familia é a raça humana.

« Os homens, reprobos da opinião publica, cancerados pela indigencia, esmagados pela perseguição, pobres e invalidos, ahí tens as potencias, cujos favores te cumpre ambicionar. Hão-de recompensar-te com a calumnia: dirão que o teu officio é esse, e para isso te pagam... Persevera. As linguas infamadoras abençoarão depois AQUELLE, em cujo nome vieste... Vais reinar no meio dos teus inimigos: *dominare in medio inimicorum tuorum*. Vai, que te chama o Christo. Não lhe digas como Samuel: « Fallai, Senhor, que o vosso servo escuta. » O que ELLE quer de ti, de sobra o sabes. Responde-lhe com a phrase submissa que Jesus fallou a seu pai: « Eis-me aqui! » — *ecce venio!*

— Fizeste insensivelmente um sermão — disse o escriptor recuando a cabeça para o respaldo da cadeira.— Agora, meu caro Guilherme, conta-me os contentamentos intimos do teu padre.

— Amaral, desgostoso da interrupção, respondeu:

— Os intimos contentamentos não os dizia o penitente, nem o historiador, nem os sei eu dizer, nem os tu comprehenderias. Sei que o padre era o anjo bom dos desgraçados; e os cegos de entendimento lutando com elle arca por arca, recuavam feridos na coixa como os athletas, que pugnavam com o anjo. Enxugou lagrimas: eis aqui as consolações. Consolou-se melhorando os maus, e santificando os bons. Honrou o presbyterio, disseminou as escólas christãs, recrutou numerosa milicia para o estandarte do christianismo, e usou a incansavel energia da sua alma apaixonada, bemsfazendo, amando os homens por amor de Deus, evaporando em perfumes de graças as lagrimas, que lhe cahiam no seio. Aqui tens a receita do meu segundo medico, poeta. Alfredo de Vigny diz-me que o mundo não vale o apostolado do espirito, que lhe conhece as enfermidades, e tenta remedial-as. Este diz-me que doutrine a politica do Evangelho, e que me vá, caminho do Calvario, e que falle de ao pé da cruz para que a minha voz prevaleça á dos politicos e reformadores.

— E tu vais ao Calvario? — disse o jornalista.

— Vou, quando o raio de graça me alumiar, co-

mo a columna de fogo que se movia na dianteira do povo de Deus.

— Pois eu, em quanto o raio de graça — retorquiu o poeta — não desce da esphera luminosa em que Deus se glorifica em suas creaturas, vou apresentar-te o meu medico, e tu ouvil-o-has complacente como ouviras o frade franciscano. Escuta.

— Na tua livraria não ha um Senancourt? — disse o litterato.

— Que é um Senancourt?! — perguntou Amaral.

— LES RÊVERIES do auctor de Óbermann.

— Não conheço, e desadoro desde já a obra por causa do titulo. São divagações sonhadas nas margens do Rheno? *Rêveries!*... figura-se-me alguma coisa inintelligivel e subtil como a historia do espirito humano, symbolisada nas vaporosas hallucinações do Goethe!

— É o medico das minhas febres malignas e congestões espirituaes. Peço licença para levantar, em nome d'elle, a minha humilde voz, no congresso do franciscano e do doutor-negro. Hontem á tarde estava eu na *Praça de D. Pedro*, e vi passar tres equipagens de tres nobres. Não conheci os brazões, e importunei um amigo pedindo-lhe a significação he-

raldica das armas, que eu não tinha visto na sala de Cintra. O meu amigo contou-me tres historias, justamente tres historias como o doutor-negro as contára a Stello. A primeira foi a de um fabricante de moeda falsa; a segunda dizia respeito a um negreiro; a terceira era a chronica de um assassino, que sepultára nos subterraneos do seu palacio, que fôra convento, a ossada de um hospede, e o segredo de dois milhões de cruzados. Eram as lendas dos tres brazões. Recolhi-me, como o sympathico heroe de A. de Vigny, e meditei, como meditam todos os philosophos que não teem carruagem, sobre a historia da carruagem dos negreiros, dos moedeiros falsos, e dos assassinos. Quando me remi do lethargo, tinha o cerebro em braza viva, e as arterias arfavam no pulso, como se girasse n'ellas uma onça de acido hydrocyanico. Ergui-me, sem alento, para ganhar o meu quarto. Quiz tomar uma carruagem; lembrou-me, porém, que no meu *porte-monnaie* escassamente tinha a subsistencia de quinze dias; e tambem me lembrou que o meu editor, na vespera, me fizera uma pavorosa descripção da apathia intellectual em que dormia o espirito publico, depois do meu ultimo livro. Fui para casa a pé, e atirei-me sobre aquelle velho sophá, onde tu dizes que eu posso imaginar-me em Herculanium conversando com os poetas cezarios. Senti debaixo de mim um corpo molesto, affastei-o com a mão, e topei o livro de Senancourt, em cuja primeira pagina eu escrevi, ha

dez annos, estas palavras: « O livro que mais estimei. » Por que estimei eu tanto este livro? — perguntei eu mesmo ás minhas reminiscencias. Abri-o, á fortuna, e achei o titulo de um capitulo: *Meios contrarios*. Este rótulo era pouco convidativo para estimulo dissolvente de uma pessima situação; li, porém, o capitulo como quem busca divertir a alma de um pensamento oppressivo, cansando-a e entorpecendo-a nò esforço da comprehensão.

— E o livro era azado para isso... — disse Amaral. — Está explicada a inscripção que pozeste na primeira pagina, se adormeceste.

— Não adormeci: li segunda vez, e levantei-me bom. Então comprehendi a minha affeição ao livro. Aquelle é que é um medico, aquelle sim, Guilherme!

— Então que lêste?

— Pouco mais ou menos, isto... Mas terás tu paciencia por duas horas? Olha que eu vou fazer um discurso.

— Diz lá; mas, se eu fechar os olhos, respeita o extasis, e não me accordes. Adormece-me, em nome de Senancourt, que eu aceito o medico, e dou-lhe o partido da casa. Estou pendente dos teus labios, poeta!

E o escriptor, com insolita seriedade, fallou assim:

— Em substancia diz o medico o seguinte: — Os caracteres fracos precisam de prazeres; os animos

circumspectos o de que precisam é de segurança. No reboliço d'esta universal tormenta ha um só prazer: é a situação mais tranquillã ; são os gosos mais moderados, e que mais facilmente se conseguem e reproduzem; é a concordancia da paz interior com a actividade desapaixonada, da austeridade no prazer com a doçura na paciencia... Não dormes ainda?

— É cedo: continúa. O estylo do cabeçalho não é de todo soporifero. O teu Senancourt não vem incluído nos ingredientes, que rodeam o divino Morpheu, prescriptos por Demoustier:

Le dispensateur du repos
Dort entouré de somnifères,
De gazettes et de pavots,
D'opium et de commentaires,
De nènufar et de journaux.

— Não te fica mal — disse o litterato — concederes as duas horas de seriedade. Vem impertinentes ao meu discurso as citações grutescas. Quer-se fina tempera d'alma para entender a sfinge. Recolhe-te, e escuta.

— Estou recolhido, e não valia a pena gastar duas phrases tumidas em tão pouco... *Tanti non erat esse te disertum.* Diz.

O escriptor continuou:

— Os prazeres ardentes são momentaneos, e costum graves inconvenientes. O que devemos cobiçar é viver sem soffrer muito. Áquelle que soffre foge-lhe uma parte da existencia. O mal é nocivo á ple-

nitude da vida por que é sempre causa de aniquilamento. Quando o soffrimento nos ameaça, e receamos que as forças defensivas nos falleçam, suspendem-se os outros movimentos do nosso coração, e então pouco ha que esperar de nós, por que se torna incerto o nosso destino. O bem-estar de grande numero de individuos, que vivem retirados das agitações, depende mais da sua disposição habitual de pensamento que da influencia de causas exteriores. A crise moral póde surprehendêl-os e magoal-os momentaneamente; mas a força dos acontecimentos é meramente relativa. Os soffrimentos são mais ou menos intensos, conforme a época em que nos opprimem. O que hontem poderia aniquilar-me, levemente me incommóda hoje. Cinco minutos de reflexão me bastam. A maior parte dos objectos encerram e presentam, indirectamente pelo menos, as propriedades opportunas. Pôl-as em acção é no que assenta a industria da felicidade. Ha ahi que farte instrumentos fecundos de prazeres uteis; ponto é saber menceal-os. Quem não sabe trabalhar com elles, fere-se. Discernir, isto é, reflectir é o que mais importa...

— Ó Demoustier, Demoustier! — exclamou Amaral em attitude melodramatica — se tivesses nascido depois de Senancourt, e d'este poeta, seu nefando interprete, não esquecerias estes dignos ornamentos da camara de Morpheu! O teu medico é optimo, ó litterato! As minhas palpebras descahem como o véo da noite da fronte casta da meiga lua!

— Pois dorme, alma bastarda, e mais a tua absurda imagem da lua, que eu continuarei fiel ao amigo a quem devo a saude do espirito.

— Mas duas horas, meu Deus! duas horas! E não haverá quem me livre d'este calix?!

— Escuta em quanto podéres, tornou o discipulo de Senancourt, e proseguiu:

— As impressões, avidamente recebidas, prepararam-nos, muitas vezes, annos de tristeza; e algumas vezes bem póde ser que as commoções penosas sejam causa de um bem-estar, augmentado pelas recordações da dôr que passou. O habito de coordenar os effeitos de um certo numero de impulsos, e de tirar de uma causa remota differentes commoções, faz que os males presentes sejam menos intensos, salvo se desgraçadamente nos subjugam. A temer em excesso os males supervenientes vivemos fóra do momento actual. Por que não sabemos fazer bom uso das nossas horas não as gosamos nunca.

— Isso é assim — atalhou Amaral. — Sinto agora isso em toda a extensão da sua litteral e atroz realidade.

— Parece já coisa impossivel retroceder á simplicidade dos tempos antigos — continuou o poeta — mas não é impossivel o descobrir meios para nos aproximarmos da realidade d'elles: póde mesmo ser que os encontremos nos nossos desatinos. Vertiginosamente arrebatados no circulo da inconstancia humana, devemos achar no ponto perigoso, onde

queremos chegar, uma sahida convisinha do ponto d'onde partimos.

— Isso agora é tenebroso como uma pagina de Kant!

— Vais vêr a luz, homem sem raio de fé philosophica! Isto não são anedoctas de Alfredo de Vigny, nem homilias de frade franciscano. Aqui, requer-se contensão de espirito. Attende, meu amigo, que eu ato o fio. Na ordem primaria do mundo, o homem era susceptivel de impressões menos variadas. Na ordem actual, é-nos dado adoptar o meio de receber quasi unicamente as impressões fortes, ou escolher aquellas que mais conformes ás nossas verdadeiras necessidades nos parecerem. Este segundo meio importa o mesmo que ser sabio. O primeiro — o das impressões fortes — está no opio, no punch, no absyntho, nos excitantes que precipitam e facilitam e perturbam as fatigantes operações de nosso ambicioso espirito. A impetuosidade do primeiro accesso de embriaguez póde instantaneamente levar-nos ao estado primitivo: a memoria e a previdencia desaparecem, as sensações immediatas fortificam-se, os sonhos da felicidade devem dourar-nos a imaginação escandecida. Melhor, será, porém empregar os esforços moderados, que trazem o monotono contentamento de cada dia, e são esses os que formam a sublime arte de viver, segundo a razão.

— Já adivinhei a final receita de teu medico — interrompeu Guilherme. — Manda-me ser sabio. Ora,

a estrada da sciencia é por ventura clara de modo que o homem possa vêr sempre diante de si o anjo do seu destino a guiar-lhe os passos?

— Ha pontos escuros na estrada da sciencia: o que lá não ha são os grandes clarões, que ambicionam os espiritos desregrados. A luz da sciencia é uma luz, que não offusca: mostra-nos sempre a trilha onde firmamos o pé, caminheiros tranquilos e desasombrados. Dois são os flagellos dos espiritos não vulgares: os poucos obstaculos á sua muitissima actividade—é o espirito que n'este caso nos anniquila. O outro é a demasia da compressão, que nos fórça o espirito a uma dolorosa apathia. A tua enfermidade, Guilherme, é o excesso de actividade de espirito contra obstaculos insignificantes. Se queres prolongar a mocidade da alma, faz que as paixões se callem á voz da razão.

— A *razão!* A razão que faz?— atalhou, sorrindo, o enfastiado fidalgo.

— A razão combina as idéas, diz o medico. A justeza, a imparcialidade, a verdadeira philosophia poupam-nos a muitos erros. A inquietação, que succede ao cansaço, o aneio vago, que a mais ligeira seducção instiga, a inutil turvação em que nos lança a volubidade do pensamento, tudo isto a razão affere no seu verdadeiro tamanho. A razão cala as nossas sensações, e guia-nos ao ponto que mais seguro se offerece á debil intelligencia do homem. Não nos encantam os bens chimericos é verdade; mas gosamos me-

lhor o nosso quinhão de mundo real. O que ha mais sublime na elevação a que o homem social aspira é o repouso dos sabios, o supremo bem da dignidade humana. N'esta situação é a equidade que nos sustenta; é a obediencia ás legitimas regras que nos cauciona o respeito dos outros. E assim nos urge a submissão ás difficuldades inevitaveis, e o acceptar as contrariedades motivadas pelo interesse geral.

—Basta!—interrompeu Guilherme do Amaral, sacudindo da testa o narcotismo das substanciosas maximas.—O doutor-negro de A. de Vigny fallou-me á imaginação, e refrigerou-m'a. O frade de Roselly de Lorgues fallou-me ao coração, e banhou-me da luz da fé os escuros para onde eu tinha varrido o lixo da philosophia. Senancourt veiu fallar-me á razão, que o frade annula, e o romancista escarnece como vil escravo de paixões e caprichos. O teu medico está infeliz. Eu antes quero o *Kempis*, e o *Retiro-Espiritual*, e sobre todos e tudo aquelle medico de Molière, que dizia:

Altro non é la pazzia
 Che malinconia
 Il malato
 Non é disperato
 Se vol pigliar un poco d'allegria
 Altro non é la pazzia
 Che malinconia.

E eu sou um ingrato sem entranhas nem senso-commum, proseguiu Amaral.—Tenho ali uma botica completa da alma. Milhares de vezes me tenho er-

guido do leito da morte, por favor d'ella com a mocidade nos olhos, e no coração, e a electricidade dos dezoito annos a sacudir-me os nervos. Que estupida ingratição ! Deixei a medicina provada, e estive em risco de morrer de uma intumescencia de philosophia, ministrada pela tua bôca fatidica. Vais assistir á minha cura, poeta !

Tirou Amaral de um armario algumas garrafas de cristal repletas de um vinho da limpidez e côr do topasio, e disse :

— Viva a sciencia ! De cada uma d'estas garrafas sahe, como da cabeça de Jupiter, uma Minerva vestida e calçada. D'aqui a uma hora verás que este villão e abjecto corpo não póde com a alma irradiante entre as suas visões maravilhosas.

E, de feito, uma hora depois, o corpo de Guilherme do Amaral não podia com a alma, e resvalava para debaixo da banca.

O escriptor ficou encostado á meza, contemplando as garrafas, e murmurando :

— Terá elle razão ?

The first part of the book is devoted to a general survey of the history of the subject. It begins with a discussion of the early stages of the development of the subject, and then proceeds to a more detailed examination of the various branches of the subject. The author discusses the contributions of the various schools of thought, and the influence of the various countries on the development of the subject. He also discusses the various methods of research, and the various theories of the subject. The second part of the book is devoted to a more detailed examination of the various branches of the subject. It begins with a discussion of the history of the subject, and then proceeds to a more detailed examination of the various branches of the subject. The author discusses the contributions of the various schools of thought, and the influence of the various countries on the development of the subject. He also discusses the various methods of research, and the various theories of the subject.

The third part of the book is devoted to a more detailed examination of the various branches of the subject. It begins with a discussion of the history of the subject, and then proceeds to a more detailed examination of the various branches of the subject. The author discusses the contributions of the various schools of thought, and the influence of the various countries on the development of the subject. He also discusses the various methods of research, and the various theories of the subject.

O PADRE MANOEL DE MACEDO

E A ZAMPERINI

Ó saudosa idade de ouro, dias do velho Portugal, em que a virtude, com sua irmã gêmea, a castidade, andavam entre os homens, como hoje dizem que andam entre os malaios e os hottentotes, para os quaes os róseos dedos da aurora da civilisação não levantaram ainda o véo dos escandalos illustrados!

Ó virtuosos prelados, que vedaveis com o baculo flammejante de excommunhões a entrada dos theatros ao clero, para que o sal da terra se não derancasse lá onde a podridão é tamanha que o proprio sal corre risco de apodrentar-se!

Ó dulcissimas recordações!

Ha hoje oitenta e nove annos que a prima-dona Zamperini cantou no theatro da rua dos Condes em Lisboa.

Qual fosse o enthusiasmo incendido pela cantora,

quão farta colheita de almas fez então o inferno por intermedio d'ella, afóra muitas que a religião pôde ainda arrancar ás garras do anjo das trevas, que bem pôde hoje chamar-se o anjo das luzes: isso infere-se do artigo que vai adiante transcripto de uma nota ao Hyssope, poema heroi-comico de Diniz.

O mais tocante, porém, do artigo, o que mais dentro das boas almas vai bulir é de certo a humildade de um poeta, que quebra aos pés do cardeal a lyra das suas odes á Zamperini, e obedece á prohibição que lho veda o regalar em publico os ouvidos com a voz arrebatadora, pela qual, por um triz, e, se lhe não vale o patriarcha, se despenha nas voragens do inferno, onde, segundo o santo idumeu, reina horror eterno e ranger de dentes.

O poeta era o padre Manoel de Macedo, o patriarcha D. Francisco de Saldanha.

Eis uma pagina da historia do theatro lyrico em Portugal:

«Zamperini, comica cantora, veneziana, veio a Lisboa em 1770, com a qualidade de *prima Donna* e á testa de uma companhia de comicos italianos, ajustados e trazidos de Italia pelo sr. Galli, notario apostolico da nunciatura, e banqueiro em negocios da curia romana.

«Entregou-se a essa *virtuosa* sociedade o theatro da rua dos Condes. Como havia tempos que não se ouvira *opera italiana* em Lisboa, foi grande o alvoroço que causeu esta chegada de tantos *virtuosos*,

mormente da sr.^a Zamperini, que logo com sua familia foi grandiosamente alojada. Esta familia Zamperini compunha-se de tres irmãs e de um pai, homem robusto e bem apessoado, que, apezar de uma enorme cabelleira com que debalde pretendia dar quináu aos esportos alvidradores de idades, mostrava todavia no semblante poder exigir da sr.^a Zamperini menos alguma coisa que piedoso e filial respeito, ou dever-lhe outorgar alguma coisa mais que a sua paternal benção.

« Sendo forçoso costear esta especulação theatral, os agentes interessados n'ella, lembraram-se de recorrer ao filho do marquez de Pombal, o conde de Oeiras, então presidente do senado da camara de Lisboa, que já preso e pendente da encantadora voz da seréa Zamperini, annuiu sem difficuldade ao plano que lhe foi proposto. Sob os seus auspicios, ideou-se uma sociedade, com o fundo de cem mil cruzados, repartido em cem acções de quatrocentos mil réis cada uma.

Para alcance prompto d'esta quantia, lançou-se uma finta sobre alguns negociantes e estrangeiros que, em dia assignalado e a horas fixas, sendo juntos no senado, sem saberem a que eram chamados, ouviram da bôca do conde presidente as condições d'essa nova sociedade theatral. N'uns, o receio de serem malvistas do governo, n'outros a vontade de agradar ao filho do primeiro ministro, foram as poderosas considerações que os arrastaram todos a as-

signar as ditas condições, das quaés a mais penosa era a da somma, que logo preencheram.

« Parece que os inventores e agentes d'esta sociedade tiveram por alvo singular o de multar a austeridade de alguns negociantes velhos; pois no rol dos assignantes a maior parte dos nomes era de pessoas idosas que nunca haviam sido vistas em publicos divertimentos. N'essa mesma junta foram logo nomeados quatro administradores inspectores do theatro, os quaes com o maior desinteresse, rejeitando commissão e ordenado, se deram por pagos e satisfeitos com a simples e modica retribuição de um camarote commum a todos quatro. Ignacio Pedro Quintella, provedor da companhia do Gran-Pará e Maranhão, e tio do ill.^{mo} barão de Quintella, Alberto Meyer, Joaquim José Estolano de Faria, e Theotônio Gomes de Carvalho foram os nomeados inspectores administradores, *nemine discrepante*.

« Poucos mezes depois da abertura d'este theatro, assim montado e administrado, morreu o já indicado pai da sr.^a Zamperini: a administração fez-lhe um sumptuoso funeral, e, no trigesimo dia apoz o obito, magnificas exequias na igreja do Loreto, onde fôra sepultado. Alguns criticos de má lingua haviam espalhado o boato de que, n'essas exequias, havia de recitar a oração fúnebre o padre Macedo, a esse tempo muito bom, e justamente acreditado prégador, e poeta que já cumprimentára a Zamperini com varios sonetos, odes, etc. O patriarcha D. Francisco de Saldanha,

receando que assim succedesse, mandou vir á sua presença o padre Macedo, e prohibiu-lhe de orar em taes exequias; de ir á opera; de fazer versos á Zamperini; e ordenou-lhe de substituir por uma cabelleira o cabello que trazia, á italiana, bem penteado e muito apolvilhado. Em vão allegou o padre Macedo com o exemplo dos clerigos da nunciatura, que todos usavam de pomada e pós; e que a cabelleira offendia os canones; pois até os padres, que d'ella usavam por causa de molestia, eram obrigados a impetrar breve de Roma, que na nunciatura era taxado em um quartinho, por tempo de um anno de indulto. O patriarcha foi inexoravel sobre este ponto da cabelleira, e sómente moderou a ordem de não ir á opera, com o preceito unico de não apparecer na platéa, e com a faculdade de acantoar-se no fundo de algum camarote, ou em frisa pouco apparente, como a do auditor da nunciatura, Antonini, e do secretario do cardinal Conti, o padre Carlos Bacher, e outros padres italianos, que, como elle, frequentavam a opera e a casa da Zamperini.

« Não foi o padre Macedo o unico apaixonado da Zamperini: muitos poetas nacionaes e estrangeiros tributaram-lhe obsequiosas inspirações das suas musas. Entre elles distinguui-se o encarregado dos negocios de França, o *chevalier de Montigny*, cujos lindos versos ainda são lembrados. Em todos os estados e em toda a idade, encontrou essa serêa rendidos e rendosos adoradores. Em dias santos, á ultima missa,

a que ella costumava assistir, na igreja do Loreto, era o concurso, que apoz si chamava, numerozo e lusidissimo.

« Antes de findos dois annos, e logo depois da morte do administrador Ignacio Pedro Quintella, o fundo da sociedade theatral achava-se exaustoz, e as receitas montando a tão pouco, que mal cobriam as despezas indispensaveis de serviço mais ordinario, os administradores deixaram de pagar os salarios dos comicos e dos musicos da orchestra. Entre os primeiros havia um chamado Schiattini, tenor acontraltado, homem jovial e poeta que, por haver pedido o que lhe era devido, em estylo que não agradou aos administradores, foi por estes aquartelado na casa dos orates, d'onde era conduzido ao theatro todas as vezes que havia opera. Schiattini, valendo-se então do privilegio analogo á residencia a que fôra condemnado, vingava-se em parodiar sobre a scena a parte que no drama lhe tocava, com satyras recitadas e cantadas que divertiam os espectadores á custa dos agentes da administração. Recresceu a provocada raiva d'estes, e o pobre Schiattini, vendo-se em maior aperto, recorreu a el-rei D. José, que, informado da injustiça com que era tratado, o admittiu na sua capella.

« Escusado é, parece-me, dizer que esta negociação theatral apenas durou até meiado de 1774, em quo o marquez de Pombal fez sahir de Lisboa a Zamperini; e ainda mais escusado relatar as causas d'esta ordem do governo; direi sómente que os accionistas

não colheram coisa alguma d'essa empreza; pois, achando-se empenhada e devedora a infinitos credores, não tiveram outro beneficio, que o que lhes resultava do privilegio especial de não serem obrigados a mais de que o fundo que cada um julgou perdido, logo que com elle contribuiu.»

Aqui termina a nota illustrativa, e um tanto irrisoria da installação do theatro lyrico em Lisboa.

É altamente comica a loucura forçada a que foi condemnado o tenor por que pedia o que lhe deviam! Quantas companhias de canto teriam sahido doidas dos nossos theatros lyricos, se o pedirem os seus ordenados fosse symptoma de demencia!

Trocáramos de boa mente este chilro existir da actualidade, estes bocejos de impertinente somno que nos brutalisa n'uma cadeira de platéa trocáramos de certo por ouvir ha oitenta e nove annos o Schiattini improvisando satyras em verso italiano contra os administradores que lhe não pagavam, e os bons burgueses a rirem, e os administradores, fulos de raiva, a jurarem entre si que o homem estava sinceramente doido! Oh! que cheias noitadas não tiveram aquelles dilettanti de rabicho e calção, em confronto d'estes, cuja soporifera seriedade é apenas interrompida por algum soneto côxo de amator lôrpa que o padre Macedo teria mandado no dia seguinte com o tenor Schiattini para a casa dos orates!

A proposito do Macedo, importa saber que, privado de apparecer na platéa, e relegado para o fun-

do de um camarote, o bom do padre excedeu o zêlo do prelado, acantando-se de modo que não podia ser lobrigado pelos olheiros do patriarcha; mettia-se nos camarins com seraphico resguardo; e prestava á arte um preito innocente, conduzindo a Zamperini a casa, depois do theatro, e ceiando com ella, na companhia de alguns padres italianos não menos orthodoxos.

E ainda ha quem nos incampe a austera religiosidade do clero no seculo passado! Atrevem-se os pessimistas d'estes nossos dias de triumphal devassidão a volverem olhos saudosos para o seculo em que se fazia Mafra e a capella de S. Roque, e se despejavam no Vaticano as parias que nos pagava, o Oriente e a America!

Sejamos equitativos. O clero actual não esconde a corôa na platêa, é isso verdade; mas ou porque se benza no vestibulo do theatro, ou porque vá armado de arruda contra os feitiços das primas donas, é certo que a muzica não o gafa de ruins tentações, nem consta que elle gaste muito de seu sal em combater a lepra que, por via de regra, traz iscadadas as almas das primas donas, contraltos, comprimarias, e *tutti quanti*.

A MULHER DA AZINHAGA

ADDITIONAL TO HISTORY

Põem os escriptores em memoria coisas
acontecidas, assim de virtudes como de vi-
cios, umas para seguirmos, outras para evi-
tarmos, e aconselham-nos que lancemos mão
do bom, e demos de mão ao mau.

(HEYTOR PINTO. *Imagem da vida christã*).

I

Aqui temos a nossa suspirada azinhaga, o hori-
sonte lindo das nossas moderadas ambições, e a cruz
de pedra tosca, onde fitámos os olhos lagrimosos
n'aquella tarde.

Assenta-te n'este combro, aonde eu vim, sósi-
nho, duas vezes assentar-me, e scismar contigo, até
que a saudade, o remorso, e a desesperação me aba-
faram o desafôgo do gemido.

Ali, n'aquella devêza, espojava-se o nosso cão,
e, de contente com a frescura das searas, vinha, a
intervallos, lamber-nos as mãos.

«Quando me tornarás a vêr! Talvez que nun-
ca!» dizias tu ao teu segundo amigo n'este mundo,
ao fagueiro animal, que se te enroscava aos pés.

Ali está ainda, com o açafate dos bolinhos sobre
os joelhos, aquella mulher de aspecto amargurado.
Passaram já dois annos alvejando-lhe as cans, e ar-

rugando-lhe a pelle do rosto que as lagrimas haviam desmaiado.

« Adivinho que ha dôres grandes na alma d'aquella creatura » disseste-me tu.

O infortunio dá a intuição magnetica do soffrimento de estranhos. Como se as lagrimas continuadas enfraquecessem os olhos da face, e aclarassem os do espirito, compensando os eleitos do desgosto infinito com a faculdade de irem dentro da alma aprender a paciencia, tu, filha da minha paixão, adivinhavas que a pobre mulher padecia muito, e esperava lá a morte nas visinhanças da valla commum.

Ali está ella ainda. Não se atreve a offerecer-te os bolinhos velhos e secos que vende. Não importa. Compra-lh'os tu. Paga-lh'os pelo quadruplo do seu valor. Dá-lhe essa delicada esmola, e não lhe perguntes se ha mingua d'ella. Não te esfrie a caridade o ar de ingrata indifferença com que a pobresinha t'a recebe. Não é orgulho: é a impassibilidade da indigencia, que antes de vir áquelle extremo, gastou em lastimas e supplicas baldadas o sentir de christã, e agora está assim apparentando um rude stoicismo, suprema expressão do mal-estar na vida humana.

Adivinhaste. A mulher da azinhaga do « Arco-Cego » padecia muito.

Em uma das duas tardes, em que vim aqui evocar recordações para amparar esperanças, lembraram-me as tuas palavras, e contemplei-a com aquelle

gostar amargo que me vem de tudo em que os teus olhos se demoravam um momento, e os teus labios gravaram com uma palavra na minha memoria, na memoria do meu coração.

Assim devaneava em ti, contemplando-a, quando um homem idoso, e bem trajado, parou diante d'ella, e cortejou-a. Domorou-se alguns minutos, e lançou-lhe ao regaço dinheiro que ella lhe devolveu, e elle regeitou, retirando-se apressado.

A mulher curvou a face sobre o açafate dos bolos; e, quando a levantou, limpava os olhos ás pontas do lenço branco da cabeça.

Fui disfarçadamente ao pé d'ella, e comprei-lhe uma medida d'aquellas favas torradas que te faziam rir pela semsaboria, e perigo de estalar os dentes.

Não me deu logar a dirigir-lhe pergunta alguma. Dava-me, sem me encarar, o troco de uma pequena moeda de prata, e eu retirei-me sem recebê-la.

« Muito obrigada » disse ella, erguendo o lenço que forrava o açafate para arrecadar o dinheiro.

« É insondavel o segredo » disse eu comigo, e fui indo triste, e a scismar na combinação dos encadeados successos da minha vida, em que tudo conspira para contristar-me e offerecer-me o mundo pelo seu lado lastimoso.

Duas noites depois d'essa tarde, estava eu n'um « café » de Lisboa, justamente n'quelle em que madrugamos n'um dia risonho, pedindo almoço, e sorrindo de tudo, que tudo nos promettia uma excur-

são alegre ao vale de Santarem, em que Almeida Garrett imaginára quadros feiticeiros, tão graciosos em phantasia de amantes. Recorda-te sem lagrimas. O sol d'aquella manhã voltará...

N'esse «café», pois, estava comigo um homem de quarenta annos, affeiçãoado por sympathia de dôres ao meu infortunio, desgraçado em quanto esperava a felicidade, cynico, sem affrontar os felizes do mundo, desde que viu ir na mortalha de uma mulher a sua ultima esperança.

Fallavamos da embriaguez de Spronceda e de Alfredo de Musset. Eu recriminava a fraqueza de dois espiritos, luminares da poesia contemporanea. Elle absolvía a prostituição, do talento, negando ás faculdades ricas da alma o beneficio do balsamo para as feridas rasgadas no coração. D'aqui derivamos naturalmente para o thema do amor. Contou-me factos, para argumentar contra as minhas theorias. E, entre outros de menos exemplar e interessante enredo, lembra-me este :

II

« Maria Angela era uma menina que o meu amigo conhecera aos dez annos, tendo ella dezoito. Vivia com seus paes nos arrabaldes de Lisboa, ahi por Bemfica, nas visinhanças d'aquelle convento, onde tu, minha amiga, induzida pelos desenhos bucolicos do teu querido Luiz de Sousa, quizeste ir comigo, admirar a ficção do talento descriptivo do frade imaginoso, ou pasmar melancolicamente do estrago que dois seculos fizeram nas pittorescas maravilhas do famigerado convento.

Nos arredores d'aquellas ruinas, morava, ha trinta annos, Maria Angela. Seu pae era um official general do exercito de D. Miguel. A mãe não sei quem fôra. Entrelembro-me que o meu amigo me disse que era filha segunda de uma casa muito nobre do Alemtejo.

Em 1829, o brigadeiro previu a queda da ban-

deira sob que militava, e pensou no porvir de sua filha, cujo dote, quebrada a espada de seu pae, era uma formosura distincta, e uma educação tanto mais inconveniente quanto lhe escasseavam os bens da fortuna.

Um commerciante abastado de chá e assucar, amigo do brigadeiro, pedira Maria Angela aos quinze annos. Fôra-lhe então delicadamente regeitada a proposta; aos dezoito, porém, o futuro innegrecia, a belleza perigava ao pé do abysmo da necessidade, e o pae annuiu sem consultar a filha.

O silencio da victima tornava mais sensivel a repugnancia. Accudiu o pae com argumentos, de força, irrespondiveis. Descreveu os horrores da pobreza, e os prazeres da abundancia. Fallou em luxo, em carruagens, em pompas, em respeitos do mundo... só não fallou no coração. A mãe de Maria era excellente esposa, e mãe extremosa; e, porque o era, longe de combater o marido, com razões de coração que já não sentia, exultava nos preparativos para immolar a filha ao Moloch do ouro.

Em 1830, casou Maria Angela com o mercador de chá e assucar. Entregaram-lhe o governo de uma casa de grande labutação para distrahir saudades de seus paes, e de suas amigas. Estas, friamentē recebidas pelo negociante, não voltaram a consolar as mal represadas lagrimas da noiva opulenta. O brigadeiro fôra mandado para a provincia de Tras-os-Montes. Ficou ella sósinha, em face de seu marido,

que subia dos armazens a contar-lhe, radioso de alegria, a horas de jantar ou ceia, a felicidade das suas veniagas, maravilhado da esperteza propria e da inepcia dos logrados. No auge de sua boçal alegria, costumava elle brindar a esposa com grandes palmadas nos hombros, e muitas vezes se zangava, se ella não respondia festival a estes jubilos.

Em 1831 voltou a Lisboa a mãe de Maria Angela, e o pae ficou no cerco da Porto. A senhora hospedou-se em casa de seu genro, e melhorou a sorte da filha, consolando-a com a religião, mãe dos dois anjos bons dos infelizes — paciencia e esperanza. O negociante achava pesado o encargo, e mais ainda o que se lhe antolhava no caso de vencer D. Pedro. Receber em sua casa como dote da mulher, duas pessoas affeitas a viver á farta, e inhabeis para trabalho algum, isto assustava-o, e sobresaltava-lhe o somno. Maria respondia chorando aos sustos de seu marido, e ia no regaço da mãe enxugar as lagrimas. A velha senhora, não podendo atinar com o segredo de taes lastimas, no seio da abundancia, culpava a filha de demasiada susceptibilidade, e pedia a Deus que a levasse para si antes que Maria meditasse alguma traição aos seus deveres de esposa.

Estas supplicas a Deus seriam escutadas? Na presciencia divina estava marcado o momento da queda?

Não me respondas que sim, amiga de minha alma. De tudo o que tu me has dito, quando a an-

gustia te illucida o espirito, é que eu recompuz a minha religião, as minhas taboas da lei. Não me deixes ser por ora fatalista. Tanta semente lançada sobre espinhos, e esperançosa dos fructos da paciencia, ficaria perdida. Deixa-me crer nas duas veredas que se afastam na vida, e se não podem encontrar além da campa.

A mãe de Maria Angela morreu em 1832. O brigadeiro sobreviveu dois mezes á capitulação de Evora-Monte. O negociante tornou ao quietismo dos seus regalados somnos.

III

Lembra-me ouvir-te dizer, minha amiga, que as almas vulgares não amavam muito, mas amavam sempre; que as paixões boas do coração se consummiam no seu proprio incendio tão depressa quanto, nas almas finamente temperadas em poesia e imaginação, a mobilidade era um condão fatal, senão antes um providencial desconto.

Impugnei a tua opinião, sem poder exemplificar a contraria, e, senão a contraria, pelo menos a asserção de que o fastio tanto enoja as almas que se extremam do vulgo como as outras, cuja existencia eu já puz em duvida, abordado ao parecer de insignes philosophos da antiguidade.

O mercador de chá e assucar enfastiou-se de Maria Angela, como Saint-Preux, como D. João, como Adolpho, como Fausto, como Obermann. Todos somos iguaes perante essa linha com que Deus, cioso do amor da creatura, abalisou as affeições terrenas.

Não te entristeças, martyr. A linha assignalada por Deus recua até á sepultura, quando as feras da sociedade arremetem assanhadas contra o amor, paciente mas inabalavel, esmagado mas immortal, encarrado no rosto mas com os olhos em Deus, alcançado em todas as fibras, deturpado em todas as suas manifestações, mas vivendo da fibra que mais dóe, e rehabilitando-se para a victoria infallivel, a cada cabeça da hydra da calunnia que o ferro da pertinacia vac decependo. Amor assim é o da predestinação, anjo do meu destino e do meu amparo. Para este ha uma balisa no tumulto, o depois o infinito, esse vago que o teu scismar entende, e te preluz no espirito, quando me annncias a redempção, pelos sacrificios, pelas dôres, pelas agonias da tua santificada existencia.

Declinára até ao aborrecimento a affeição conjugal do commerciante. Maria, já affeita ao tracto invariavel de seu dono, chegára a estimal-o, e a crel-o bom. Porém aos quatro annos de captiva, de dia para dia reconheceu com dor que seu marido nem se quer lhe communicava já aquellas expansivas alegrias das especulações felizes. Depeis veio a evidencia do desprezo com as sahidas de noite, e o voltar ás horas em que os armazens se abriam. Finalmente, o arremeço, o desdem, e até a injuria grosseira quando ella melindrosamente o arguia da triste soledade em que a deixava.

Era formosa ainda, e mais, por aquelle toque de

maviosa tristeza que imprime o magoado scismar. Viam-n'a poucos, e amavam-n'a esses que a viam, e os que a tinham conhecido aos quinze, aos dezenove annos, linda e triste como anjo, saudoso do céo, e previdente do inferno que este mundo lhe tinha de ser.

Maria Angela viu um amigo de infancia, o primeiro homem que lhe dissera n'uma tarde de agosto: « Se eu fosse rico, Maria, eras minha esposa? » — Era — respondeu ella. E continuaram o dialogo n'um aperto de mãos, que as lagrimas embargavam a palavra.

Esse amigo de infancia voltára oito annos depois á casa de Bemfica, e achára outra familia n'ella. Soube que Maria casára rica e violentada. Chorou-a, e disse: « Não posso culpá-la. Eu nada lhe prometti. Trabalhei para ser rico, n'uma esperança, que nem a ella revelei. Agora, aqui estou pobre como fui. De que valera pedir-lhe que me esperasse! »

Maria Angela viu este homem, e n'elle todo o seu passado, pae, mãe, infancia, alegrias, o céo, a noite, as flores, as esperanças, as primeiras lagrimas... oh! as primeiras lagrimas! isto valia mais que tudo, minha amiga! As primeiras lagrimas do coração são um perfume que Deus acceta, e n'elle vae a imagem que o céo recebe, e purifica na do anjo immortal que a mulher, mesmo do fundo abysmo da sua degradação, procura, e ama, e exhora n'uma estrella, á hora em que não lh'as vejam, nem lh'as insultem, as lagrimas.

Como não havia de amal-o ella?!

Amou-o cega, amou-o perdida, amou-o com o entusiasmo da innocencia, sem perceber que era crime amal-o, que era vergonha perder-se, que era uma infamia fechar os olhos e despenhar-se á voragem, d'onde só uma vez a mão de Christo pôde salvar uma mulher.

Como é bello o peccado quando o coração o não confessa! Muito d'alma deve ser a paixão que desponta os espinhos do remorso, se o delicto os não imbotou com o repetir-se, ou se a culpa é a primeira!...

Nem sequer hypocrita! nem sequer cautelosa na sua culpa! nem ao menos saber que a sociedade acceita carinhosa todas as torpezas veladas de modo que sejam um rotulo bem patente ás esperanças d'aquelles que as toleram, e d'aquellas que as imitam!

Maria Angela foi denunciada pelo caixeiro a quem confiára o segredo da sua deshonna. O commerciante ouviu impassivel a denuncia. Impassivel se sentou vinte dias com sua mulher á meza. Nenhuma alteração nos seus costumes, nem um sorriso de menos, nem de mais uma palavra dura.

E ella doida de felicidade, contando impaciente minuto a minuto as horas do dia, anciosa por aquella hora da noite, em que tudo era alegria e vida n'aquella opulencia da sua camara, d'antes triste e morta...

IV

« Eu conheci o amante d'esta mulher — disse o meu amigo.

Era um moço de vinte e tantos annos, com a intelligencia divina do coração, poeta sem ter escripto um verso, rico como o primeiro homem, senhor das pompas da criação, querido de todos os que lhe mereciam as suas loucas e arrebatadas confidencias, esquecido de tudo, e perdido para tudo que não fosse ella, a *flor do Eden*, como elle a intitulava no lyrismo caloroso da sua conversação.

Uma noite, passeiavamos juntos no Caes das Columnas — proseguiu o meu amigo — e ouvimos onze horas. « Adeus, disse-me elle. Inveja-me. Amanhã apparece-me. Tu és alma a quem eu posso dar estímulos e esperanças para creres e procurares a perfeita felicidade sobre a terra. Hei de hoje pedir a

Maria Angela que adivinhe onde está um anjo como ella. Se elle existir, é teu.»

Eu sorri-me, apertei-lhe affectuosamente a mão, e contemplei-o com inveja, até o perder de vista.

No dia seguinte estava eu na cama, ás dez horas da manhã, e recebi um bilhete a lapis. Não entendi senão as palavras *punhaladas, moribundo, e morta*. Mandeí entrar o portador do bilhete. Perguntei-lhe quem escrevera aquellas linhas, e d'onde vinha. Respondeu-me que as escrevera um homem, que entrára no hospital, ás tres horas da manhã, crivado de facadas, e que disse chamar-se Jorge de ***

Corri ao hospital de S. José. O amante de Maria Angela tinha expirado, minutos antes, recomendando a um sacerdote que me encarregasse de entrar no seu quarto, e guardasse todos os papeis que eu reconhecesse perigosos á reputação de al-guem.

Não quiz ver o cadaver do meu amigo, nem respondi aos esclarecimentos que se me pediam, nem pedi alguns acerca do logar em que o encontraram. Adivinhei tudo.

No dia seguinte os armazens do commerciante de chá e assucar estavam fechados, as portas selladas, a fallencia publicada, e o fallido tinha desaparecido. Na tarde d'esse dia, Maria Angela, por um despacho do juiz, despejava a casa, levando comsigo apenas a roupa de seu uso. Ao descer o ultimo de-

grau, ouviu dizer: «Ella naturalmente sabe onde está o ladrão do marido, e lá irá ter com elle.»

Maria Angela entregou a um carreteiro o bahu da sua roupa ordinaria, e disse-lhe «para a rua Formosa n.º 55.»

Estava eu na rua Formosa n.º 55, queimando as cartas de Maria Angela, e consolando as lagrimas das duas irmãs do meu amigo, quando ella assomou no patamar de escada.

—O sr. Jorge! disse ella.

—Jorge mataram-n'ó — respondeu uma das senhoras.

Ouvi um grito, e um prolongado estrondo. Corri ás escadas. Vi uma senhora com o rosto ensanguentado entre o limiar da porta e o ultimo degrau Tomei-a nos braços, e conduzi-a para o leito de Jorge. Invoquei o auxilio de um medico, e sentei-me ao lado d'aquella mulher que abriu os olhos, e examinava quanto a cercava, sem um gemido, sem uma lagrima.

O medico sangrou-a, e estimulou-a com quantos espiritos podia sacudir-lhe os nervos. Ao cabo de algumas horas, Maria saltou do leito a rir, a dançar, a cantar, mas um cantar tão desabrido, umas cascalhadas de riso tão estridentes, umas evoluções de possessa tão phreneticas, que as irmãs de Jorge fugiram espavoridas, e eu a custo pude segural-a para não descer á rua.

N'esse mesmo dia, a pedido do medico, entrou Maria na enfermaria das doidas. A demencia tornou-

se furiosa. Esteve tres annos a ferros. Ao fim de seis annos sahi curada. Ella ahi vive.

— Vive?! — perguntei eu, maravilhado.

— Vive! é um ludibrio da providencia, não achas?

— E como vive?

— Sentada no mesmo local, onde ha trinta annos Jorge lhe perguntou se ella seria sua esposa, sendo elle rico.

— Quem a sustenta?

— Esmolas dos que a conhecem ainda, e os lucros de favas torradas e bolinhos velhos que as doceiras lhe dão de esmola, creio eu.

— E o marido?

— É um millionario da America Ingleza.

O meu amigo bebeu o undecimo calix de cognac, e deu-me as boas noites.

CONCLUSÃO

Repara bem n'aquella creatura da azinhaga do Arco-do-Cego, e ali tens Maria Angela.

Adivinhastes uma dôr que eu não sei esboçar, minha amiga. Descreve-a tu; dá-nos esse quadro piedoso do thesouro de tuas dôres: diz-nos tu o mysterio d'aquella flagellação de vinte e cinco annos. Eu descubro-me diante da martyr, enquanto tu lhe levias uma esmola de pão, e outra para a alma. Diz-lhe d'aquellas palavras com que me tens feito erguer a fronte desalentada, e procurar no céo o Senhor que te mandou a este desterro, minha providencia!

MULHERES

CELEBRADAS E EXQUISITAS

Consagra-se n'este periodico ¹ uma secção ás mulheres celebres por belleza, talento, valor, coração, e muitas outras coisas.

É novidade, na imprensa portugueza, isto. É uma idéa que inculca idéas na empreza do MUNDO-ELEGANTE. É, sem vaidade, um invento que promete a este papel una vida longa até ao fastio.

Esta invenção, e a do bitume imperial de Marrocos, pertencem á cathegoria das pataratices illustres.

É preciso acceitar o mundo como elle se fez, porque não é possivel que o fizessem assim. Faça cada qual por viver: sejamos todos pataratas. N'esta grande republica de tolos, o primeiro cidadão é o mais-industrioso, o mais prestigiador, o mais velhaco.

Já não ha modos de vida; agora é tudo vida por

¹ Era um periodico chamado *Mundo-elegante*, o qual morreu, por se ter consagrado a uma classe, que não existia na terra onde nasceu.

certos modos. Até a litteratura, por fim, depoz a sua dignidade entre os tropheus... quero dizer, entre os farrapos de Camões, de Bocage, de Quita, de Filinto, de Nolasco da Cunha, de Barreto Feio, de Lima Leitão, e sevandijou-se como tudo, para continuar a ser a expressão da sociedade.

Respeito aos grandes homens, aos austeros guardadores da arca santa do saber! Respeito a esses poucos, que ainda os ha n'esta carcassa, chamada Portugal!

Fallo de uma litteratura pifia, que por ahi se faz na gazeta, n'esse vallo por onde se escôa a vasa de quanto espirito sandeu e reprobado do siso-commun se atreve ao sacerdocio das lettras, como se esta profissão dispensasse um noviciado pelo menos igual ao do sapateiro.

Com rebôlo e cabedal, e martello não consegue o sabio fazer umas botas; mas com papel, e tinta, e penna, consegue o sapateiro fazer um folhetim.

Se não fosse isso, não se vendia o farrapo; a manufactura do papel seria uma industria morta; calava-se o gemido do prélo, e gemia o typographo; o sr. commendador Antonio José não teria quem annunciasse á Europa que elle foi para as Caldas das Taipas; o conselheiro José João daria quinhentos réis aos entrevados sem que a humanidade lhe abençoasse a « fortuna »; o honrado capitalista José Antonio voltaria da sua quinta de Ranhados, sem ninguem dar d'isso fé; o MUNDO-ELEGANTE, emfim, não teria um

jornal, nem o bello sexo uma galeria de typos especiaes.

Esta homenagem é-lhe devida. Aqui estamos nós, sacristão devoto, balançando o thuribulo da myrrha e do incenso... (não se diz do *ouro*, para não mentir, nem offender o melindre).

Só se encarecem dignamente as senhoras, debuxando com ligeiras linhas as figuras e biographias das que mais resplandeceram atravez dos seculos, e das que ainda brilham na escuridade da historia, quasi sempre ingrata á mais preciosa parte da humanidade, á joia da creação.

O meu fim é invocar frei Hilarião de Bota.

Ora esse frade escreveu a favor das mulheres um panegyrico de mil e setecentas paginas, in-folio, em latim.

Ainda ha quem abomine os frades !

São melhores estes litteratiços de agora, como Karr, e Legouvè, e Michelèt, e Ségur ! Sahiu cada um com um pêco volume de trezentas paginas laudanisadas a respeito da mulher que, ainda assim, custa a engulir (o livro, entenda-se) !

Bem haja frei Hilarião de Bota, que gerações desconhecidas esqueceram ; mas que os clamores da imprensa, calando no animo das senhoras, vão salvar do ingrato olvidio.

Principia a nossa gloriosa tarefa.

Seja a primeira a mulher divinizada por um grande poeta.

LAURA

Ahi tem a Laura de Petrarca, tal e qual.¹ De Petrarca, disse eu! Pobre poeta! Laura foi tanto d'elle como do leitor, e minha. Nós, ao menos, possuímos-lhe o retrato, e o pobre homem teve o infortunio de amar no seculo XIV, em que era mais facil arranjar dez originaes que uma cópia. Isto agora é outra coisa. Depois da mirifica invenção de Daguerre, qualquer de nós póde obter uma paixão em lamina de zinco, com capa de velludo, e isto basta para satisfazer as necessidades de um coração bem morigerado. Nós conhecemos muitos Saint-Preux e Lovelaces de retratos, que passam toda a sua vida a beijar fervorosamente o vidro, e reúnem em casa laminas de latão sufficientes para o fabrico de um serviço completo de cosinha.

Ha-de demonstrar-se por uma dissertação oppor-

¹ Cada noticia ia acompanhada do retrato da pessoa.

tunamente que a profusão dos retratos, até certo ponto, explica a moralidade dos originaes.

Laura nasceu em 1308, e morreu em 1348.

Nenhuma mulher formosa devia querer viver além dos quarenta annos.

Se Laura assistisse aos funeraes da sua belleza, e deixasse aos netos um retrato tirado aos sessenta annos; se a tradição contasse que ella cheirou simonte e teve uma dôr sciatica na perna esquerda, e um catarro chronico... quem fallaria hoje d'esse amor portentoso que durou vinte e um annos, e espremeu do seio d'alma a Petrarcha trezentos e sete sonctos, ou quatro mil duzentos e noventa e oito versos, ou quarenta e sete mil-duzentas e setenta e oito syllabas, não fallando nos desvellos da pontuação, porque n'aquelle tempo não havia pontos nem virgulas, nem simonte, diga-se de passagem, para nos não assacarem anachronismo.

Imagina muita gente de boa fé que a donosa fei-ticeira de Petrarcha devia de ser uma menina fran-zina, pallida, estiolada, mero espirito a desatar-se dos debeis vinculos corporaes, toda anjo, toda poesia, toda grão aromatico do ceu lançado ao fogo das paixões mundanas, mas subindo sempre em colum-na de incenso para a sua origem; emfim, julgam-na martyr do seu amor de vinte e um annos, amor, que, alfim, a deixa na sepultura, menos o coração, que ha-de ser entregue ao poeta não sabemos em que regiões ignotas, onde quasi todos os poetas se casam.

Era isso o que pensavam?

Enganaram-se, tenham paciencia.

Laura tinha um rosto sufficientemente cevado de fibra escarlate. Por cima de cada olho arqueava-se-lhe um rofêgo de palpebra somnolenta, e pesada. A bochecha resistiu até final ao sorvedouro do coração. As fartas madeixas ondearam sempre sobre o jaspe do levantado collo. N'essas fórmas mais robustas que esbeltas ha muita seiva, giro de bom sangue, pulmões sem tuberculos, esophago desimpedido, e por ventura um estomago vigoroso e patriarchal. Quando digo patriarchal, não me tomem o estomago de Laura como de patriarcha. É minha mente dizer que, na antiguidade, os estomagos, antes do invento da culinaria, esmoiam os vegetaes crús como a madre natureza os dava, e viviam a bagatela de sete seculos e mais.

Isto em quanto ao corpo de Laura; em quanto á alma ha muito que se diga, para desengano e quietação dos corações sensiveis.

Pensam que ella se devorou nos fogos da sua virgindade? (Não sei bem se é pertença da alma este importante quesito).

Laura casou moça com um tal Hugo de Sade, que não fazia sonetos; mas em compensação, era um bom proprietario de Saumana.

O poeta viu Laura n'uma igreja por occasião da semana-santa, e teve o impudor de erguer olhos menos seraphicos para a mulher do seu proximo.

Laura, que tinha lá os seus principios de sã virtude, mas que tambem tinha o seu todonada de garrida e logrativa (traduzam *coquétte*) deu ao poeta certos ares de comprazimento que o tolheram.

Ahi começa o homem a sonetar de modo que era mesmo uma lastima! Razão tem o divino Garrett quando diz que « a propria Laura não era capaz de lêr, sem fadiga e fastio, todos os seus louvores, se lhe apresentasse de uma vez quantos versos inspirou a Petrarcha no decurso da sua vida. »

Eu acho que ella não leu nenhum, porque o timorato poeta, em vez de relacionar-se na casa e falar em prosa da sua paixão, andava foragido e assombrado por essas terras de Christo, com a alma atanazada e infernada na difficultosa rima do soneto.

A mim não me admira matal-o a saudade; o que me espanta é não o matarem os sonetos!

Onde o infeliz mais se carpiu em lamuriantes trovas foi ao pé de uma fonte celebrada por suas chorradeiras, e onde ainda hoje os viajantes... bebem, se tem séde.

Vinte e um annos de namorar em verso, santo nome!

Que seria Petrarcha se vivesse hoje?

Era um verificador de alfandega da sua terra, se tivesse juizo; se não, a vexal-o o demonio do soneto, o homem, por causa de uma Laura contemporanea, tinha levado muita pancada.

E o peor é que ella não era lá essas coisas por elle.

Segundo se infere de seis duzias de sonetos, a creatura parece que nunca chegou a saber que era assim amada.

Dez annos esteve elle ao pé da fonte, e d'aquí foi a Roma para ser coroado no Capitolio, e depois, melhor avisado, foi para Parma, onde era arcediogo, comer a prebenda. Não acho muito compativel, em boa moral, a dignidade ecclesiastica com a vida airada que elle viveu por Seca e Meca.

Laura morreu de peste em Avinhão, não se sabe bém se em cheiro de santidade; mas em reputação de boa esposa, mãe extremosa, e digna a todos os respeitos.

Maravilhosa coincidência! Morreu a seis de abril, na mesma cidade, no mesmo mez, no mesmo dia, e á mesma hora em que Petrarcha a virá, vinte e um annos antes!

O poeta naturalmente finou-se de saudade sobre a sepultura de Laura?

Não, minhas senhoras; o poeta entrou na vida diplomatica, conquistou renome de grande politico, enriqueceu, engordou, e teve a insolencia de viver ainda vinte e seis annos.

D'onde se conclue, que o soneto é um grande respiradoiro das paixões, uma optima sangria para evitar congestões cérebraes; é o soneto, emfim, corrosivo caustico para expurgar a aposthema do amor derrancado no coração de quem o faz, e de quem o lê.

Para os corações inflamados o soneto é uma especie de fonticulo aberto por onde se estilla a peçonha do amor.

De fome tem morrido alguns fazedores de sonetos; de amor, não me consta.

ADRIANNA DE LECOUVREUR

Nasceu em 1690, e estreou-se aos vinte e sete annos no theatro francez. Teve um triumpho apenas pisou o palco. Tomou-a á sua conta o celebre grammatico Du Marsais para lhe ensinar a correcta pronuncia, e não sei que mais. Adrianna affeioou-se a este homem por um singular acaso. Quando todo o mundo a applaudia freneticamente, o sabio apenas regougava do seu camarote um — *soffrivel!*

A actriz, humilhada por louvor tão pouco lisongeiro, quiz ouvir de perto o excentrico, e convidou-o urbanamente a jantar a sós com ella. O philosopho, amigo dos bons bocados como Descartes, e não sei se das boas mulheres como todos os philosophos decentes, accitou o jantar; mas, antes de abancar, pediu á atriz que declamasse as passagens mais distinctas das peças em que fôra applaudida. Adrianna

comprazeu ao pedido, e du Marsais, concluido o monologo, dizia friamente: *soffrivel*, ou *menos mal*.

A actriz azedada em seu legitimo orgulho, perguntou: que quer isso dizer?

— Quer dizer que sois a artista mais esperancosa que tenho visto; mas que essa bonita bôca tem obrigação de dar ás palavras o verdadeiro valor: aliás, sereis sempre *soffrivel*, e mais nada.

Adrianna acceitou a censura e o mestre.

Teve muitos amantes, e entre tantos, os mais distinctos foram o primeiro, Mauricio de Saxonia, e o ultimo, Voltaire, que a emendou do tom lamentoso com que desluzia por vezes a sua habilidade.

Voltaire amou-a de collaboraçãõ com o marechal de Saxonia, mas foi sósinho a pagar-lhe o tributo de talento, que o grande senhor não podia, escrevendo uma elegia á morte de sua discipula. Esta elegia grangeou grandes inimizades e perseguições a seu author, porque era fulminado n'ella o clero que não consentira que Adrianna de Lecouvreur fosse sepultada em sagrado.

Morreu aos quarenta annos a celebre actriz. Era bella como aos vinte; mas não o seria aos cincoenta. Os vermes devoraram as restantes flores de uma formosura que mais tarde se converteriam nos espinhos do desprezo.

O rei de Navarra, induzido pela fama e gloria da façanhosa dama, repartiu com ella o peso da corôa, se é que não abdicou inteiramente no talento governamental de sua mulher.

Margarida escreveu ácerca da reforma da religião um livro condemnado de que ninguem se lembra; mas conquistou uma immortalidade pouco honesta com as suas novellas licenciosas. Lafontaine respigou por lá o entrecho de muitos dos seus contos, que tambem damnificam um pouco a proverbial *bondade* do plagiario.

Coisa é digna de espanto que a rainha de Navarra, tão pouco respeitadora do pudor alheio, pudesse manter o seu immaculado! Dizem que era austeramente virtuosa, e que nenhum dos seus maridos se queixara. Isto não prova nada, se não que a espezteza não serve só para fabricar novellas.

Margarida de Valois morreu catholica e constricta. Parece que fez bem, porque não era das que precisava menos. Aos cincoenta e sete annos tudo isso é facil.

ASPASIA

Aspasia floresceu quatro seculos antes que as ondas luminosas do cenaculo se derramassem pela face do mundo. Isto, em linguagem intelligivel, quer dizer que Aspasia nasceu quatrocentos annos antes que o genero humano recebesse dos apóstolos de Christo a noticia de que o reino do ceu era patrimonio dos pobres de espirito, noticia, que a ser verdadeira, explica a grande indigencia que por ahi vai do genero.

Nasceu Aspasia em Mileto, na Grecia, e encheu de jubilo seu pai Axiochus, e sua mãe, que por nome não perca na gloria que lhe cabe d'este producto.

Ainda no ventre, dava signaes inequivocos do que viria a ser, fazendo sentir a sua mãe raptos de alegria extraordinaria a ponto de se tornarem para o marido suspeitos effeitos do vinho de Syracusa, até que uma visinha, que deitava as cartas e cortava

as lombrigas, decidiu que as alegrias intermitentes da grávida matrona eram percursoras do jubilo que a filha daria a seus paes.

Aspasia aos doze annos ouviu fallar de uma certa Thargelia, natural de Jonia, matrona respeitavel a todos os respeitos, cujas virtudes não esmiuçamos agora, mas remettemos o leitor a Plutarcho, nos HOMENS ILLUSTRES, artigo *Pericles*, e lá verá com que modêlo a predestinada menina sympathisou desde tenros annos.

Depois que as mestras de primeiras letras a deram por prompta em obras de costura, no que fez progressos prodigiosos, seu pae tomou-lhe mestre de rhetorica, sciencia que ensina a fallar bem e muito. Aspasia fez-se uma grande falladora; e, como na sua terra lhe não podessem aturar o palavriado, resolveu mudar-se para Athenas, onde cada qual podia fallar até não poder mais.

A fama fôra adiante anunciar a boa vinda da eloquente menina, e o mesmo foi ella chegar a Athenas que entrarem-lhe de baldão em casa chusmas de estudantes de rhetorica para aprenderem d'ella a arte que fizera Alcibiades, Pericles e Socrates.

O proprio Pericles, orador e guerreiro, foi um dos concorrentes, e de vêl-a tamanho incendio se lhe ateou no coração que logo ali se lhe offereceu para marido.

Aspasia havia feito solemne voto de virgindade, e rejeitou heroicamente o grande lustre e riqueza

que semelhante enlace lhe trazia. Pericles, porém, cego de paixão, teimava contra a virtude isenta da litterata, e tratava mal em casa a mulher que elle cedeu a outro para mais á sua vontade se lastimar das esquivanças de Aspasia.

Entretanto, a casta mestra de rhetorica, nas horas vagas das prelecções, sahia a visitar os enfermos, a remediar os pobres, a consolar com sublimes discursos os tristes, e a fulminar involuntariamente os corações dos poetas de Athenas que a dominavam a nova Omphale, Dejanira, Juno, afóra um tal Crá-tinus, folhetinista despeitado, que lhe chamava *olhos de cadella*, e outras amabilidades mais affectuosas. Não sabemos, porém, se o epitheto *olhos de cadella* era realmente uma fineza. Homero, querendo encarecer a formosura de Juno, chama-lhe *olhos de boi*, lisonja que as nossas damas não receberiam de certo com bom rosto.

Recrudesciam as instancias de Pericles, e a timida donzella, receiosa de que a authoridade do implacavel amante a privasse dos direitos de cidadã, resolveu accital-o como esposo, obtida dispensa dos padres, sob a condição de que a sua virgindade seria respeitada.

Assombra este feito de virtude na antiguidade! Na idade media, e hoje muito mais, são frequentes esses factos; mas em tempos tão captivos do demónio da impureza, como eram os de Athenas, quando as nupcias celestiaes não tinham ainda sido afian-

çadas ás devotas da castidade, isso espanta, e faz mais relevante o elogio d'esta creatura.

Esposa de Pericles finalmente, Aspasia deixou de ensinar rapazes, e quinhoou da governação da republica com seu marido. Ahi revelou a talentosa matrona profundos conhecimentos de politica, economia social, administração publica, artes, regimentos de alfandega, jurisprudencia, e fomento. Inspirado pela mulher, fez-se a gloria do seu seculo, Pericles, que se pagava em fructos do espirito do debito conjugal que um voto inconsiderado não consentia.

A virtude, porém, insulta o vicio, n'este absurdo mundo, em que a honestidade é um phantasma aterrador do crime. A calumnia tramou o vilipendio de Aspasia. Conspiraram contra ella os invejosos, e d'entre elles houve um poeta satyrico que a accusou de convidar para sua casa mulheres de costumes equivocos para tornar luzidos os seus saráus com a concorrência dos moços mais galhardos da republica. Não afiançamos os bons costumes das familias relacionadas com Aspasia; mas, concedida a hypothese de que não podiam as visitas hobrear com ella em virtude, claudicará, por ventura, a memoria immaculada de Aspasia? Ainda mais: accusaram-na de impiedade os follicularios de Athenas. A espada da lei esteve sobranceira á cabeça da innocente matrona. Salvaram-na as lagrimas do marido; que ella, martyr resignada, ouviu com o mesmo semblante a accusação e a sentença.

D'ahi em diante a sua vida é toda caseira. Abre-nunciou a eloquencia e os negocios do estado, e toda se entregou ao governo da sua casa, para o que não tinha grande geito, diga-se a verdade. A tunica de Pericles andava sempre rôta, e, se não dizemos o mesmo das camisas, é porque não temos por averiguado se os athenienses usavam camisa.

Não se sabe ao certo quando Aspasia morreu. Conjectura-se que, fallecendo de peste o marido, ella, para evitar a perseguição de um tal Lysicles, commerciante de carneiros, que a quèria esposar, se deixára perecer de saudade sobre o tumulo de Pericles. Isto é o mais natural.

NINON

Vivia ainda em 1706. É pena que uma vida tão exemplar não entrasse por este seculo dentro, em que a virtude esmorece á mingua de modelos excitantes.

Ninon era filha de um musico abastado, que lhe proporcionára todos os elementos para uma educação morigerada. Aos dez annos já ella lia e entendia, entre outros compendios de sã moral, as obras de Montaigne e de Scarron. A semente d'estas fertilisantes leituras germinou temporã fructo de benção, como era de esperar. Orphã em annos perigosos, e de mais a mais residindo em Paris, Ninon de Lenclós usava da sua plena liberdade com tão restricto comedimento, que não havia ahi, na dissoluta côrte do grande rei, cortezão tentador que se lhe atrevesse.

Linda, talentosa e enamorada do seu anjo da

innocencia, bem sabia ella que diante do seu pudor se desarmariam as mais bem tramadas conpirações contra a invencivel honestidade. De mais a mais rica, sobejavam-lhe bens de fortuna que repartia pela pobreza e por doações a mosteiros de virgens com quem sympathisava por instincto e amor de si propria. Nas occasiões criticas de carestia de generos, Ninon dava todos os dias uma sopa economica aos necessitados do seu bairro, e não consentia que os jornaes fallassem d'estes rasgos de beneficencia.

Ninon confessava-se todas as semanas a um jesuita que morreu em cheiro de santidade, e muitas vezes era elle que a consultava a ella em theologia casuistica; tão alto conceito se mereciam um ao outro!

Em quanto os instinctos malquerentes da natureza selvagem a importunaram, Ninon disciplinava-se tres vezes por semana, e cingia os rins com um cilicio, que ainda hoje, repartido em fragmentos, se encontra em muitas casas de hereditaria virtude nos dois bairros principaes de Paris.

A sua casa era frequentada por anciãos de exemplarissimos costumes, que cedo ou tarde hão de ser canonisados com ella. Entre estes, houve um que ella ainda pode abençoar no occaso da existencia, agourando-lhe as altas virtudes que depois o distinguiram, e doando-lhe em vida um bom peculio para elle comprar uma bibliotheca de livros asceticos: era o seraphico Voltaire, que se mostrou sempre digno da confiança de tão boa fada do seu destino.

Ninon tinha corda soberba de voz, e admiravel engenho para bailados; mas, receiosa de que estes dons espertassem ruins pensamentos no proximo, limitou-se a cantar á familia devotas litanias, e bailava annualmente uma gavota com o padre confessor, quando este fazia annos, calando os escrupulos de sua consciencia com ter bailado David diante da arca.

O seu trajar, além de modesto, era pobre: vestia de estamenha, calçava alparcatas carmelitanas, e tinha grande recato em esconder dos olhos peccadores as bellezas corporaes que a natureza torneára a capricho.

A sua amiga predilecta foi Marion de Lorme, não menos pechosa em pontos de virtude, e mais penitente que Ninon, porque assentem varios auctores que ella se imparedou no ultimo quartel da vida, e está inteira.

Visitou-a uma grande tribulação a meio caminho da vida: foi a morte da mãe, que se despediu gloriosa d'este mundo, ao qual legava tamanho thesouro. Ninon recolheu-se a um mosteiro; mas demasiou-se tanto em penitencias, que a prelada e os medicos a obrigaram a sahir do convento para que tão requintada virtude não rematasse pelas mortificações suicidas.

Ninon escreveu um volume de cartas edificantissimas, que são um confortativo para as almas tibias. Repassadas de unção e benevolencia para com

*

as fraquezas da humanidade, não ha n'ellas o assustador inferno de Thereza de Jesus, nem as visões pavorosas de Maria Alacoque. A leitura d'estas cartas não é recommendada pelos directores espirituaes; mas, a despeito de tal inadvertencia, consta que muitos espiritos feminis, quebrantados por desenganos da vida, se recobram lendo-as, e praticando-as quanto a natureza o permite.

Ninon de Lenclós, com quanto enfraquecida no corpo pelas macerações, chegou aos noventa annos com miraculosa fortaleza de fibra. Os seus dias natalicios costumava celebral-os com o redobro das disciplinas; e então, mais que nunca, se lhe rejubilava a alma em effluvios de virginal pureza.

A sua morte foi chorada por toda a França, como uma perda nacional. A piedade de lá tem-na em conta de predestinada, e muitas matronas se apegam com ella nos transes da vida, e parece que são servidas quasi sempre.

Esta ultima biographia é escripta com a verdade e pontualidade que se emprega na avaliação de muitas virtudes contemporaneas.

O MAIOR AMIGO

DE LUIZ DE CAMÕES

Faint, illegible text in the upper section of the page, possibly a preface or introductory paragraph.

THE HISTORY OF THE

REIGN OF KING CHARLES THE FIRST

Faint, illegible text in the middle section of the page, likely the beginning of the main text.

Faint, illegible text in the lower section of the page, possibly a concluding paragraph or a signature.

I

Mathias Salazar nasceu no ultimo quartel do seculo passado, em Lisboa.

Era seu pae um professor de grammatica latina, idolatra de Horacio, e mais ainda dos nossos escriptores classicos, e sobre tudo de Luiz de Camões.

Colleccionou o latinista uma camoniana, quasi perfeita. Privou-se muitas vezes de reformar a cosada casaca para comprar a edição rara, e não pequenas angustias domesticas lhe custou esta sublime loucura, que nos ricos é luxo, e nos pobres paixão digna de respeito.

O velho Salazar legou a seu filho Mathias as melhores edições venezianas dos classicos latinos, e a camoniana, ainda incompleta.

Mathias recolheu com a herança preciosa a paixão paterna. Talvez lhe escaceassem recursos para

enterrar modestamente o pae; talvez que os derradeiros lençoes se rompessem no trato da longa enfermidade; póde até ser que o herdeiro illudisse a fome com os extasis contemplativos na livraria: é, porém certo que Mathias Salazar, com quanto magoado de saudades, gosava-se na posse da herança com jubilo, não semelhante na essencia, mas igual na intensidade, ao de um perdulario, herdeiro sequioso de esbanjar o cofre do pae avaro.

Herdara-lhe tambem a sciencia o solitario Mathias. Sabia latim em grande copia; e, posto que a idade fosse verde ainda para o magisterio, os paes dos discipulos, informados do bom proceder do moço de vinte e dois annos, consentiram que seus filhos se aperfeiçoassem com elle.

O viver de Mathias era leccionar latim, e relêr os *Lusiadas* ampliando as notas, que seu pae escrevera, em acrescentamento ás do licenceado Manuel Correia, edição de 1613. N'este lavor, enlevo das horas roubadas ao repouso, o professor esquecia-se de providenciar para as sopas do dia seguinte, quando acontecia gastar n'alguma versão estrangeira dos *Lusiadas* os amuados cobres que forrava da pitança de cada mez. A necessidade aguilhoava-o algumas vezes em seu lethargico desprezo das reclamações do estomago, e então repetia comsigo estas palavras do principe dos poetas do seu tempo: «... Ahi está o meu Antonio, pedindo-me quatro maravedis para carvão, e não tenho para lh'os dar.» E accrescen-

tava, fallando a si proprio: «Como ousas tu carpir-te, miseravel verme, se não tens um pão em casa!?»

N'um d'esses dias de extrema necessidade, um erudito abastado procurou Mathias para examinar a sua camoniana, ainda incompleta. O curioso olhou em de redor de si, e viu a indigencia tão escripta nos moveis como no semblante e trajos do possuidor da camoniana. Animou-o o aspecto da pobreza a propôr ao latinista a venda do seu thesouro. Mathias respondeu:

—Primeiro, venderia o sangue das veias, senhor!

— Talvez não saiba—replicou o rico—que eu lhe dou quatro centos mil réis pela collecção das suas edições.

— Não vendo, senhor; e creia que vivo do magro jantar de hontem, porque no principio do mez comprei o tomo VII das Memorias da Academia em que vem impresso o *Discurso do Conde da Barca contra de la Harpe*, detractor do nosso Camões.

— Sendo assim—redarguiu o douto—o senhor tem a cabeça desarranjada!

Mathias Salazar sorriu amargamente á injuria, e reteve no peito a resposta e a desaffronta.

II

Outro erudito de melhor cabeça e coração, e já sobre idade, procurou o mestre de latim para vêr algumas folhas damnificadas de um commento ás rimas de Luiz de Camões, escriptas por João Pinto Ribeiro, a alma da revolução de 1640. Porção do manuscrito, que chegára a estar na typographia, Deus sabe, porque esforços e dinheiro, chegou ás mãos do pae de Mathias!

Examinou o douto apaixonado as paginas; e maravilhou-se do muito que o paciente moço cavara no terreno philologico para recensar as palavras innovadas pelo immortal epico, ou restauradas do portuguez antigo. De sorte se travaram e amistaram os dois amigos de Camões, que d'ahi em diante passavam juntos as suas horas feridas.

A situação domestica de Mathias melhorou consideravelmente. O amigo espiava-lhe as necessida-

des, e providenciava a tempo e com a delicadeza, melhor que o favor, de modo que o philologo mal sabia quando o pequeno lucro das lições se acabava.

A tanto chegou o affecto do velho que lhe offereceu uma sua filha, menina de prendas com patrimonio bastante para a independencia. Mathias pediu espera de tempo e reflexão, e sahiu com uma resposta de que o proprio velho se espantou:

—Eu tenho todas as minhas faculdades sujeitas ao amor d'estes livros—disse o grammatico—Vivo alheio a tudo, e concentrado n'um só ponto. A minha paixão é o estudo. Se eu trouxer para junto de mim uma senhora, serei como um amigo, mas verdadeiro amante, como entendo que deve ser o marido, isso é que eu, apezar meu, nunca saberei ser. Seria desditosa a senhora que casasse comigo, se ella não amasse os meus livros mais que a mim proprio. Tenho vinte e cinco annos, e nunca experimentei leve desejo de me casar, ou mesmo de entreter o coração com affectos estranhos ao estudo. A idade das paixões passou sem eu dar fé que passava. Já agora assim irei indo, e bem vou, se alguma imprevista desgraça me não tolher este obscuro contentamento.

Não teve que retorquir o velho, nem o seu amor proprio se offendeu. Continuaram na maior intimidade, manifestada por uma nova prova de dedicação por parte do erudito, que valia muito com os homens grandes do reinado de D. Maria I e da regencia de D. João.

Vendo o velho que o seu amigo, com tantas horas de trabalho, escassamente ganhava para alimentar-se e vestir-se com a *aurea mediocritas*, que o professor tanto encarecia, cuidou em arranjar-lhe emprego n'uma secretaria d'estado. Consultou a disposição do moço, e, como o visse rebelde a aceitar occupação incombinavel com o genero de seus estudos, levou-o a acceital-o, promettendo conseguir que o ministro o dispensasse da assiduidade nos trabalhos de escrevaninha. Aceitou Mathias o emprego; e, zeloso no cumprimento dos seus deveres, sujeitou-se, sem faltar um dia, aos trabalhos que tão longe estavam de se compadecerem com a sua indole litteraria. O velho tomou a peito melhorar-lhe a mobilia, e ordenar-lhe em melhores estantes os livros, que iam crescendo á medida que augmentavam os lucros.

III

Em 1811, soffreu Mathias Salazar uma das maiores dôres de sua vida, senão a maior, depois da morte de seu pae. Então foi que José Agostinho de Macedo sahiu a lume com as suas «Reflexões criticas sobre o episodio do Adamastor nos Lusíadas, cant. v, oit. 39.» Luiz de Camões era deprimido pelo zoilo; a imagem sacratissima dos amores de Mathias era inodoada pela saliva pestilencial do sordido graciano. Sabio algum, portuguez ou estrangeiro, se atrevera a menospresar o maior poeta do seu seculo! Lá fóra as multiplicadas versões em todas as linguas; na patria as successivas edições veneradas como o archivo unico dos fastos d'ella; o poema de Camões posto como base de eterno bronze ás ruinas da nação que descobrira mundos! e, assim mesmo, houvera um portuguez a chafurdar na lama da inveja, e ousou sacudil-a á face do decrepito Portugal, que não tem

mais glorias vivas que as do seu poeta! Profunda angustia excruciara o coração de Mathias!

Posto que carecesse do habito de escrever e dar relevo e ordem á sua muita leitura de epopeas classicas, Mathias Salazar escreveu um folheto contra o detrahidor de Camões, e á sua custa o estampou, e gratuitamente o distribuiu para accelerar o conhecimento da resposta, temendo que o pôl-a á venda retardasse, e tivesse alguns fracos animos suspensos ou inclinados ás razões de José Agostinho. Para satisfação do nosso portuguez de fina tempera, sahiram á liça, contra o critico, João Bernardo da Rocha e Pato Moniz; mas o graciano recalcitrou com obcecada contumacia, e mais injuriosas invectivas no «Exame examinado» que publicou em 1812, ao mesmo tempo que ostentava «O Gama» com desenfreada philaucia.

Decorreram oito annos em que a intervalos a polemica do contumaz fradalhão fez febres de raiva a Salazar. Recrudesceram estas ao extremo afogo da indignação, quando José Agostinho estampou uma geral «Censura dos Lusiadas» depois de haver publicado «O Oriente» no estólido e protervo intuito de se avantajár á epopea de Camões, tratando o mesmo motivo do descobrimento de novos ceus e novos climas «por mares nunca d'antes navegados.»

Com que prazer, porém, Mathias Salazar não leu a «Agostinheida»! Ahi era engenhosamente biographado o frade com mordente satyra, e verberado por

látego de mão que sabia onde estavam as fibras mais doridas! Salazar decorou os relanços mais sarcásticos, para os andar declarando a quem lhe pagava a canceira com estridolas risadas, com as quaes pensava elle vingar bem vingado o seu Camões. Promiscuamente declamava elle a prosa faceta de «O Gigante Adamastor vingado, ou o Gama convertido em Gamelada» apologia de Camões, e severas palmatoadas que estoiravam nas sacrilegas mãos do frade.

A primeira vez que aos olhos de Mathias Salazar chegou o poema de Almeida-Garrett, deu-se lá n'aquella entusiastica alma uma alegria, que só outra maior elle teve em sua vida, e essa hão de vêr que o desceu á sepultura. Extraordinario devia ser o alvoroço de seu espirito, á só palavra CAMÕES, para, desde o prefacio, absorver o auctor do livro d'estas palavras: «... declaro desde já que não olhei a regras, nem a principios, que não consultei Horacio, nem Aristoteles, mas fui insensivelmente depós o coração e os sentimentos da natureza, que não pelos calculos da arte e operações combinadas do espirito.»

Se Mathias, n'um outro qualquer poema, não intitulado CAMÕES, lesse o atrevimento de «não consultei Horacio, nem Aristoteles» lançaria de si o livro attentatorio dos preceitos e dos inviolaveis sacramentos da arte.

Leu de um só folego o livro das saudades, o hym-

no grandioso do que fomos como heroes, e a asper-
 rima condemnação dô que fomos como ingratos.

E desciam-lhe a quatro as lagrimas, quando de-
 clamava :

Correi sobre estas flores desbotadas
 Lagrimas tristes minhas, orvalhai-as,
 Que a aridez do sepulchro as tem queimado.
 Rosa de amor, rosa purpura e bella,
 Quem entre os goivos te esfolhou da campã ?

Depois da restauração, Salazar poude vêr o au-
 ctor do poema: não ousara fallar-lhe; mas delicia-
 va-se a contemplar a espaçosa fronte, d'onde sahira
 a chronica de Luiz de Camões, como os anjos pode-
 riam escrevêl-a. Um erguera á patria uma ara onde
 fumará eterno o incenso do genio; o outro, na ara
 da patria, eregira o grão-cantor como symbolo já
 agora quasi unico das venturosas e ephemeras glo-
 rias d'ella, com elle mortas.

.....
 Os olhos turvos para o ceu levanta;
 E já no arranco extremo: — *Patria ao menos,*
Juntos morremos... — E expirou co'a patria.

IV

Mathias Salazar, posto que tivesse sempre vivido alheio a partidos, e até ignorasse as leis da monarchia e o legitimo senhor do throno portuguez, foi demittido em 1834 do seu logar da secretaria, que exercêra cêrca de quarenta e tantos annos. A desfortuna não lhe fez damno com esta injustiça. N'esse, ou no seguinte anno, morreu em Lisboa um conego, seu parente, que lhe deixou fazendas na provincia de Tras-os-Montes, bastantes para sustentar-lhe os restantes annos da vida com decencia e quietação de animo. E, como a esse tempo, Mathias Salazar soubesse que vivia em necessidade a filha do seu defunto amigo, já com filhos — a mesma que lhe fôra offerecida, e depois casára com um delapidador do patrimonio, e de quem enviudara — levou-a para sua companhia, acarinhou-a como a irmã, e entregou-lhe a administração de todos os seus haveres. Nobre procedimento do velho que assim pagou a amizade do outro!

N'este tempo, deu-se Salazar com todo o fervor de seu peito aos velhos amores do seu Camões. Cogitava elle em escrever-lhe a vida ; mas descorçoava-o a pouquidade de noticias elementares com que urdila, sem seguir as pisadas dos outros biographos. N'este desejo, mal ajudado pela imaginação cançada, sahiu de Lisboa em demanda do logar onde Camões passára a sua primeira época do desterro, por amor de Catharina de Athaide, ou por haver ferido em duello o maledicente que mareara a clara fama da sua Natércia.

A duas leguas de Abrantes, no declive da montanha que se lava no Tejo, onde agora é Constança, parou Salazar, e ahi repetiu ás solidões os versos do desterrado ; e de lá, olhando a torrente do Tejo e as barcas que vem derivando para Lisboa, exclamava com o poeta :

Até que venha aquelle alegre dia
Que eu vá onde vos ides, livre, e ledos ;
Mas tanto tempo quem o passaria !

Não póde tanto bem chegar tão cedo :
Porque o primeiro a vida acabaria
Que se acabe tão aspero degredo

O velho compenetrava-se de suas doridas phantasias, e consubstanciava, na sua, a alma do poeta alanceada da barbara ingratição dos seus contemporaneos. Esta dôr, igual á que elle poderia sentir pelos

infortunios de um extremoso amigo, parecer-vos-ha singular, senão maniaca. Seja como fôr, a amargura do amigo do Luiz de Camões era sincera. Talvez se deva explicar tamanha singularidade por uma desordem de espirito, preparada desde os tenros dezoito annos, em que elle começará a idolatria do poeta; e, depois, a soledade de uma longa vida, e o concentrar-se n'aquelle só pensar e meditar, quer-me parecer que tanto basta para justificar a dôr que lhe representa a constante imagem do tão infeliz como sublimado glorificador da patria.

Arfava-lhe em ancias o peito, quando na mente, como a traços de fogo, lhe sahia o soneto de Camões, invocando a morte, como remedio ao crú tormento da saudade, encruado pelo da miseria:

Oh! quanto melhor é o supremo dia
Da mansa morte, que o do nascimento!
Oh! quanto melhor é um só momento
Que livra de annos tantos de agonia! — etc.

Egual commoção o debulhava em lagrimas, repetindo a tão maviosa estancia dos Lusíadas:

.....
E ainda, nymphas minhas, não bastava
Que tamanhas misérias me cercassem;
Se não que aquelles que eu cantando andava
Tal premio de meus versos me tornassem.
A troço dos descansos que esperava,
Das capellas de louro que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me inventaram
Com que em tão duro estado me deitaram.

V

E enlevava-se em dolorosas e sombrias meditações o velho Salazar, pensando na morte do poeta.

Com quanto frei José Indio, monge de Guadaluara, annotasse á margem de um exemplar dos Lusíadas: «*Io lo bi morir en un hospital de Lisboa sin tener una savana con que cobrir-se...*» Mathias acreditava que Luiz de Camões tivesse morrido na Albergaria de Sant'Anna, asylo de caridade, em que os pobres iam curar-se nas doenças, ou morrer d'ellas. Sabia o velho que do palacio dos Vinniosos fôra a mortalha para o cantor de Ignez, e d'ahi inferia que o poeta, a tér morrido no hospital, receberia a mortalha da Santa Casa.

Passava o velho horas em extasis defronte de umas ruínas, visinhas da ermida do «Senhor Jesus da salvação e paz» junta ao Arco de Sant'Anna. Ali dizia a tradição que morara o poeta; e pondera Faria e

Sousa que nunca mais fôra habitada aquella casa. D'alli ou de uma proxima albergaria fôra arrancado o cadaver dos braços da attribulada mãe, e levado á igreja das franciscanas, e lançado em pobre sepultura.

Mas—clamava Salazar n'um brado intimo—:

Onde jaz, portuguezes, o moimento
Que do immortal cantor as cinzas guarda?

E andava como perguntando ás ruínarias e pedras mudas d'aquelle convento pelas cinzas que sacudira de si a grande alma, batendo as azas que a levaram á bem-aventurança. Ao seu pungente scismar respondiam os versos de Garrett:

Nem o humilde logar onde repoisam
As cinzas de Camões conhece o Luso.

Foi dia de jubilo para Salazar, quando, o sr. Antonio Feliciano de Castilho, em 1835 alvitrou á «Sociedade dos Amigos das letras» explorar-se a sepultura de Camões; mas logo se atravessou a guerra civil, e esqueceu exhumar os ossos, quando se cavavam sepulturas para enterrar as victimas do odio politico.

Mais tarde proseguiram as diligencias. Mathias Salazar, se bem que estranho aos commissionedos na exploração, assistiu hora por hora nos trabalhos, e deu a medo o seu parecer em todas as conjecturas. Em certo local appareceram uns ossos envoltos

em pouca terra. A commissão decidiu que eram aquelles os ossos de Luiz de Camões. Almeida Garrett, n'este presupposto, escreveu em 1839: «para mim é moralmente certo, é provado, quanto humanamente se pôde provar em casos taes, que ali estão as cinzas de Camões. O logar é o da historia: de todos os signaes que ella nos dá para reconhecermos aquelle sepulchro venerado só nos falta a loisa que o terramoto esmigalhou.»

Mathias Salazar, quando pôde, a furto, curvar-se sobre a supposta e já proclamada sepultura do poeta, tomou com mão convulsa uma vertebra d'aquella osada, e escondeu-a com avára soffreguidão, e religioso terror.

Quando chegou a casa, sumiu-se no estreito recinto dos seus livros, beijou o osso, e permaneceu horas n'um espasmo, cujo signal unico de vida eram umas lagrimas, que em bem não sei se devam chamar-se de alegria.

VI

Quando um sujeito de Aveiro escreveu, em 1852, uma carta ao sr. Alexandre Herculano perguntando-lhe se uma D. Catharina de Athaide, sepultada no convento de S. Domingos de Aveiro, seria a amada de Luiz de Camões, Mathias teve noticia d'essa carta, e o mesmo foi logo partir para Aveiro a examinar os dizeres das memorias contemporaneas de um frade, confessor d'aquella D. Catharina de Athaide, que ali vivêra e morrera. O velho examinou a memoria, ouviu a tradição, confrontou-a com a historia, e concluiu que as cinzas da infausta amante do poeta estavam no extincto convento de S. Domingos de Aveiro.

Grande, porém, senão dolorosa, foi a admiração de Salazar, quando, annos depois, lendo o primeiro tomo da edição das obras de Camões, precedida de uma detençosa e illustrada biographia do poeta es-

cripta pelo sr. Visconde de Juromenha, encontrou as seguintes linhas :

«... Mas como existiam duas senhoras do mesmo nome e appellido, servindo ambas no emprego de damas da rainha D. Catharina, ao mesmo tempo que o poeta frequentava a côrte e o paço, cumpre distinguir qual d'estas duas senhoras foi a amante do poeta. Era uma d'ellas D. Catharina de Athaide, filha de Alvaro de Sousa, terceiro filho de Diogo de Sousa Castellanho de Arronches, senhor de Vagos, Eixo, Requeixo e outros logares no termo de Aveiro, mordomo-mór da rainha D. Catharina, e casado com D. Filippa de Athaide, filha de Christovão Correia, commendador de Alvalade, de quem teve, alem de outros filhos, esta D. Catharina de Athaide, que foi dama da rainha D. Catharina, e morreu moça, pouco tempo depois de haver casado com Ruy Pereira de Miranda Borges, senhor de Carvalhaes, e jaz sepultada na capella-mór do extincto convento de S. Domingos de Aveiro, onde tem um epitaphio pelo qual consta que fallecêra aos 28 de setembro de 1551. Em uns apontamentos manuscriptos contemporaneos, datados do anno de 1573, que existiam entre os papeis d'este convento, e escriptos por um frade por nome frei João do Rosario, havido em grande credito, conforme a tradição do convento, e que se diz ter sido confessor d'esta senhora nos ultimos tempos em que vivêra, se lêem estas palavras: *E toda las veses que no poeta desterrado por esa rasão lhe fallava, sem-*

pre em resposta havia que assim não era, e que fora aquella alma grande, que para empresas grandes, e a regioens tão apartadas o levará.»

Accrescenta, algumas linhas depois, o douto Visconde de Juromenha :

«Pela delicada negativa que esta faz, se vê, que abstrahindo de si a imputação que se lhe fazia, se absteve de nomear a outra senhora, não só por amizade e deferencia com a companheira, mas talvez porque razões mais fortes a impelliam a guardar o segredo exigido... etc.»

Ora, Mathias Salazar tinha tirado das palavras de D. Catharina de Athaide ao seu confessor inferencias justamente oppostas ás do sr. visconde de Juromenha, e n'ellas permaneceu, depois mesmo que o eminente escriptor deu a razão das suas.

Mathias firmára as suas convicções nas seguintes bases :

O confessor fallou mais de uma vez em Luiz de Camões a D. Catharina de Athaide. *E toda las vezes que no poeta desterrado por esa razão lhe fallava*, diz a memoria.

Raciocinava Salazar que a suspeita do confessor já não era só suspeita em quanto a ser aquella D. Catharina a amada do poeta; no que elle insistia era em saber se a ida d'elle para a India fôra motivada por esse amor tão notorio, ou por desejos de engrandecer-se no oriente. A isto respondia a modesta senhora que não fôra o poeta desterrado por causa

d'ella, *por esa rasão*; mas sim porque tinha uma alma grande, aspirando a grandes emprezas, e impellido por essa grande alma, e não por desgostos de coração, se fóra a regiões tão apartadas.

Pedia Salazar que notassem a claresa do apontamento do confessor, e dizia:

«Se o frade estivesse duvidoso em quanto á pessoa, não formularia d'este modo o seu dizer: *poeta desterrado por esa rasão* — por causa d'ella. Fallava-lhe como de coisa sabida. O que elle queria era saber se ella fôra a causa essencial da ida de Camões para tão longe da patria.»

E admirava-se, pois, Salazar que o sr. Visconde de Juromenha podesse interpretar as palavras do frade tão ao invéz do que ellas ostensiva e virtualmente dizem, a ponto de rematar assim a sua analyse e confronto: «Não sendo, por tanto, esta, cumpre averiguar qual era a verdadeira amante do poeta.»

Eu, por minha parte, inclino-me á opinião que o leitor quizer, respeitando muito a regeitada.

VII

Desde que alguns patriotas aventaram a idéa de erigir uma estatua a Luiz de Camões, o nosso velho andava radioso de alegria, já lendo a opinião da imprensa em quanto ao local, já pedindo aos artistas o seu plano, e offerecendo modestamente os alvitres com que sonhava para sahir grande e digno o monumento. A sua idéa era que a estatua se levantasse no Campo de S'ant'Anna, por ter sido a praça convisinha da casa onde habitara o poeta, e pôr outras excellentes qualidades topographicas. Levou a um jornal o seu voto com um extenso artigo: nias os redactores perderam o artigo, e acharam que a feira da ladra não podia ser deslocada em sacrificio a uma estatua, nem a estatua soffreria que em volta da sua base se estendessem andrajos e ferraria.

Mathias Salazar benzeu-se quando viu designado entre dois restauradores *à la carte* o local para o

monumento de Luiz de Camões; mas pediu a Deus que o não deixasse morrer, sem vêr uma pedra que rebatesse os tiros de estrangeiros, por quem somos appellidados barbaros.

Quando elle manifestava este anhello a alguns amigos, estes riam dos oitenta e oito annos do ancião, que pedia vida de Nestor para ainda vêr a estatua de Camões!

No principio d'este anno de 1862, Mathias Salazar cahiu no leito entrevado, e debalde esperou recobrar forças.

—Poderei ir ao menos n'uma sege ou cadeirinha vêr a estatua do meu amigo de infancia?

O medico, a quem era feita a pergunta, ria-se da tontice do velho, cuidando que elle se imaginava contemporaneo de Camões.

Tinha Mathias em sua companhia um filho e os netos da filha já defunta do erudito que o empregara na secretaria.

Todos os dias lhe liam um canto dos Lusíadas, que elle emendava logo que o leitor passava em claro um verso ou algum monosyllabo. Se lh'os declamavam mal, tremia como se lhe applicassem a pilha galvanica aos nervos atrophiados.

CONCLUSÃO

No dia 28 de junho de 1862, ás tres horas da tarde, pediu o velho que o vestissem de casaca, colete de seda, gravata branca, e o transportassem no carrinho á sala, cujas janellas abriam para o largo de S. Paulo.

N'aquella tarde havia de passar ali El-Rei o Senhor D. Luiz I para bater a primeira pedra do monumento de Luiz de Camões.

A muito custo o vestiram, e transferiram para junto de uma janella rasgada, donde se avistava uma nesga do Tejo.

Mathias poz os olhos turvos n'aquella lista de agua azulada, e murmurou a primeira quadra de um soneto de Camões.

Eu me aparto de vós, nimphas do Tejo,
Quando menos temia essa partida ;
E se a minha alma vai entristecida,
Nos olhos o vereis com que vos vejo.

E ficou silencioso largo tempo, sem responder ás perguntas da carinhosa familia. Ás cinco horas e meia passou El-Rei com grande prestito. Mathias entrou em uma convulsão, que parecia ser o renascimento impetuoso das perdidas forças. Quasi a prumo, nos braços de dois moços possantes que o sustinham; curvou-se para a rua, e exclamou :

— A ti, a ti, Luiz, estava reservada a dita de veres em teu reinado a estatua de outro Luiz, que te cantou o reino. Ambos sois reis, e reis do mesmo nome ! Para ti a maior gloria é elle, que ainda é o pregão da tua patria, e só nos canticos d'elle t'a podem invejar os reis do mundo ! Vai, galhardo moço, que a posteridade te levantará uma estatua ao pé d'aquella que bastará á tua immortalidade !

Tamanho esforço lhe custaram estas palavras, que desceu quebrantado e quasi examine dos braços ás almofadas do carrinho.

E assim permaneceu desacordado alguns minutos, até que o estalido dos foguetes, e o estrondear dos sinos e musicas o despertaram.

Era um espetar de quem já vê a aurora da eternidade.

Quando os navios, surtos no Tejo, salvaram, a tempo que a pedra do monumento era assentada, Mathias ergueu-se ainda em tremuras nos braços dos circumstantes, e exclamou :

— Bem !... bem... o meu Camões teve a final uma patria... Lá o diz a artilheria... Por ali passou

elle, vindo da India, obscuro, pobre, com a mão estendida á mortalha dos Vimiosos...

Terra em que pôr os pés me fallécia,
Ar para respirar se me negava
E faltava-me enfim o tempo e o mundo...

Disseste-o, meu Luiz... Olha tu lá do ceu, vê que nuvens de fumo toldam o teu Tejo... Annuncia Portugal, ao mundo que Camões é seu... Agora tens terra, terra que tuas lagrimas a amassaram... Vi a tua gloria! Leva-me agora, ó meu amigo de toda a vida, leva-me agora n'um raio do teu resplendor!

Recahiu de novo extenuado, com os olhos meio velados, e um sorriso nos labios entre-abertos.

Rodaram o carrinho para o quarto do leito. Pediram-lhe os braços para o despirem; e, como elle não respondesse, ergueram-lh'os com brando movimento, e viram que elles decahiam logo que se achavam desamparados.

Houveram susto d'aquella atonia. Chamaram-o com anciedade, agitaram-no com a força que dá a afflicção.

Mathias Salazar, o maior amigo de Luiz de Camões, como alma immaculada em longa vida de oitenta e seis annos, subira á bem-aventurança n'um raio da gloria do seu poeta, que tambem lhe fôra o anjo do conselho, das lagrimas, e da paciencia.

The first step in the process of the American Revolution was the signing of the Declaration of Independence in 1776. This document declared the thirteen colonies to be free and independent states, no longer under British rule.

The Declaration of Independence was signed by representatives from each of the thirteen colonies. The signatories included John Hancock, John Adams, and Thomas Jefferson. The document was adopted by the Continental Congress on September 3, 1776.

The Declaration of Independence was a bold statement of the colonies' desire for self-governance. It outlined the principles of natural rights and the social contract. The document stated that all men are created equal and have certain unalienable rights, including life, liberty, and the pursuit of happiness. It also declared that the British monarch had violated these rights, and therefore the colonies were justified in declaring their independence.

The Declaration of Independence was a key document in the American Revolution. It provided the legal basis for the colonies' fight for independence. The document was widely distributed and played a significant role in inspiring the American people to support the revolutionary cause.

The Declaration of Independence was also a statement of the colonies' commitment to the principles of democracy and self-governance. It established the foundation for the United States as a free and independent nation.

The Declaration of Independence was a landmark event in American history. It marked the beginning of the United States as a sovereign nation. The document's principles continue to guide the United States today.

The Declaration of Independence was a key document in the American Revolution. It provided the legal basis for the colonies' fight for independence. The document was widely distributed and played a significant role in inspiring the American people to support the revolutionary cause.

HELOISA E ABAILARD

WILLIAM R. BAYLARD

A Heloisa deve Abailard a sua immortalidade. Por tal preço poucos a quereriam, e creio até que elle a não acceitou voluntariamente. Um amor desgraçado, assumpto de admiração e piedade para os philosophos e poetas de oito seculos, deu ao amante de Heloisa a celebridade que a sua assombrosa intelligencia, a maior d'aquella época, não conquistaria.

Abailard, aos vinte annos, renunciou os direitos de primogenitura, e deixou a Bretanha, os bens, e a familia, para, cavalleiro andante da sciencia, andar-se disputando, de cidade em cidade, com os professores de philosophia. Victorioso sempre, coroou os seus triumphos em Paris, vencendo Champeaux, o maior dialectico d'aquella cidade; e abriu escola onde concorreram de toda a Europa cinco mil discipulos.

A leitora não se lhe dá de saber o que Abailard ensinava: outro tanto, porém, não aconteceu a Heloisa.

Esta menina, sobrinha de um conego, e dotada de peregrina formosura, sabia, aos quinze annos, grego, latim, e hebreu, e quiz aprender grammatica e dialectica com o famoso Abailard.

O mestre viu a discipula, e propoz ao conego estabelecer-se em sua casa, para mais de perto promover o adiantamento da sobrinha. Fulbert, como fôna que era, annuiu á proposta, acceitando o mestre como pensionista, e recommendando-lhe que fosse severo com Heloisa, se ella se dêsse á mandrice, como costumava. Diz Abailard, n'uma carta ao seu amigo Foulques, que o amor, e não a cólera magistral o impelliam a disciplinar de vez em quando a discipula; o castigo, porém, accrescenta elle, era o mais doce do mundo. Isto deve acreditar-se piamente.

O philosopho dá longos feriados aos rapazes, e entra a fazer versos amorosos á discipula. A poesia n'aquelle tempo era festejada como um phenomeno, e as mulheres deixavam-se levar d'isso. O caso é que as endeixas sentimentaes de Abailard chegaram aos ouvidos do conego, homem espalmado e prosaico. Entendeu elle que a versalhada do seu hospede podia inquietar a moça, e, á cautela, pôl-o na rua. Fez bem.

Heloisa, na ausencia do mestre, faz tambem o que era justo: chorou, e escreveu longas cartas em latim, prevenindo Abailard contra as insidias vingativas do conego. O poeta, receiando o publico testemunho do aproveitamento grammatical de Heloisa, tirou-a de casa, vestiu-a de freira, e trasladou-se com ella á Bretanha, onde, radiosos de jubilo, abraçaram o seu primeiro filho, ao qual deram nome de *Astrolabius*, que o mesmo é dizer: *estrella-brilhante*. Fiem-se lá na grammatica!

Entretanto, o conego dava á lingua escandalosamente. Abailard procedeu como cavalheiro. Foi a Paris, e amaciou as iras de Fulbert, promettendo-lhe casar com a sobrinha, clandestinamente, para não damnificar os seus interesses do professorado ecclesiastico.

D'ali, partiu para a Bretanha, e com grande pasmo seu, encontrou Heloisa mal disposta a matricular-se com elle. As razões d'esta recusa dá-as ella na seguinte passagem de uma carta que fielmente vai traduzida:

« Deus sabe que eu nunca desejei de ti senão tu
 « mesmo. Foi por ti que eu me apaixonei, e não pelo
 « que de ti me poderia provir. Nada esperei do ca-
 « samento, nem dos seus direitos e convenções. Meus
 « prazeres e vontades tive-os sempre em nenhuma
 « conta: bem sabes que o meu fito era agradar-te e
 « obedecer-te. Se o titulo de esposa parece mais santo
 « e magnifico, o de amiga, amante, e ainda o de in-
 « famada mulher toda entregue a teus deleites, me
 « seria sempre mais affectuoso ¹. Quanto mais invi-
 « lecida eu fosse por ti, mais valor me darias, e me-
 « nos empêços eu poria á tua gloria... Deus me é
 « testemunha, que, se Augusto, soberano do Univer-
 « so, me offertasse para sempre o throno e o impe-
 « rio, eu seria mais soberba de ser tua, que do ti-

¹ Et si uxoris nomen sanctius ac validius (videtur) dulcius mihi semper extitit amicae vocabulum; aut si non indigneris concubinae vel scorti. Ut quo me videlicet prote amplius humiliarem, ampliorem apud te consequerer gratiam, et sic etiam excellentiae tuae gloriam minus loederem.

«tulo de imperatriz; por quanto, nem poder nem
 «riquezas sublimam; estas são dons da fortuna; a
 «virtude é que engrandece. Mulher que esposou um
 «homem voluntariamente por que elle é mais rico,
 «e que ama os bens de seu marido mais que a elle,
 «tem uma alma venal. Não se deve a tal mulher affei-
 «ção; mas sim o preço de uma veniaga: appareça-
 «lhe outro mais opulento, e ella se prostituirá.»

Não se dá o trecho como prelecção de moral; mas denota-se assim o apaixonado desinteresse de Heloisa, e os esforços que a sua exquisita resistencia custaram ao philosopho.

Casados a occultas, voltaram a Paris, e aquartelaram-se em casa do conego. Este, para salvar a reputação manchada da sobrinha, divulgou o casamento. Correram os parentes a felicital-a; ella, porém, sabendo que prejudicava os interesses escolares de seu marido, negou o facto, e recrudesceu as iras do tio. Opprimida e vexada pelo padre, queixou-se a Abailard, que a encerrou no mosteiro de religiosas de Argenteuil, onde ella fôra educada.

O rancoroso conego suggeriu a mais atroz das vinganças. Abailard, vendido por um servo, foi assaltado em seu quarto por cinco parentes de Heloisa. Embora prove um escriptor jesuita que o philosopho, ainda depois d'esse assalto á sua inteireza, podia recahir na culposa imprudencia que o perdeu, as cartas de Heloisa asseveram o contrario. Abailard pas-

sou á cathogoria dos Origenes, dos Nicetas, dos Photius, e Methodius, muito contra sua vontade. Foi tremenda a catastrophe; mas a sciencia, e a humanidade ganhou em livros substanciaes o que a população poderia ganhar em almas.

Heloisa, instada por Abailard, vestiu o habito de professa. «É a tua vontade, diz ella, e não o meu ascetismo que me forçou a subjugar minha mocidade a uma regra monastica. Se me não agradeces o sacrificio, em vão me immolei, porque já agora que recompensa devo esperar de Deus por quem nada fiz?»

Ha ainda uma phrase mais significativa da moderada devoção de Heloisa: «Em vez de gemer ante o altar as minhas passadas culpas, lamento a impossibilidade de ser culpada»¹. Isto é de mais! Heloisa não estava muito no espirito evangelico quando escrevia essas palavras pouco edificativas! Deus perdoar-lhe-ia a blasphemia pelo muito que ella amava; mas a gente séria, como o leitor e eu, não podemos deixar de nos escandalisarmos de semelhante despropósito, porque temos cá as nossas virtudes, umas sãs e outras pôdres, mas, emfim, sempre são virtudes.

Não pára aqui o desafogo reprehensivel da freira:

«Precedi-te nos votos monasticos—escreve ella
«—Tu receiaste de certo que eu seguisse o exemplo
«da mulher de Loth, e por isso antepozeste o meu
«sacrificio ao teu. Doeu-me e envergonhou-me a froi-

¹ «Quæ cum ingemiscere debeam de commissis, suspirò potius de amissis.»

«xa confiança que eu te merecia. Deus sabe que eu «não hesitaria em seguir-te, ou preceder-te, ao inferno, se assim quizesse. O meu espirito estava em «ti, e não em mim. E se agora não está contigo, é «que não existe, porque não póde existir sem ti. Rogo-te, porém, que o tenhas de boa vontade. Tê-lo-«has, se te apiedares de mim, se me deres amor por «amor, sacrificios pequenos por grandes, e palavras «por acções» ¹.

Abailard professou depois de Heloisa, e só annos depois soprou indirectamente o fogo sopitado no coração da ardente esposa. Vira ella uma carta em que Abailard, em vez de carpir-se, consolava das suas proprias dôres a compaixão do seu amigo Foulques. Parece que o laureado philosopho, embriagado com a ambrosia da sciencia e dos triumphos, transigira com o infortunio, e esquecêra um pouco a lamentosa Heloisa. São assim quasi todos os philosophos, e, na ingratição, ha muito lôrpa que leva as lampas aos philosophos. Heloisa prorompeu em amorosos queixumes n'uma carta. Abailard respondeu com medio-

¹ «Properantem te ad Deum secuta sum habitu, imo praecess. Quasi enim memor uxoris Loth retro conversae prius me sacris vestibibus et professione monasticâ quam te ipsum Deo mancipasti, in quo fateor uno minus de te me confidere vehementer dolui atque erubui. Ego autem, Deus scit, ad vulcania loca te properantem praecedere vel sequi pro jussu tuo minime dubitarem. Non enim mecum animus meus sed tecum erat. Sed et nunc maxime si tecum non est, nusquam est; esse vero sine te nequaquam potest. Sed ut tecum bene sit age, obsecro. Bene autem tecum fuerit, si te propitium inveneri, si gratiam referas pro gratiâ, modicâ pro maguis, verba pro rebus.»

cre enthusiasmo, e continuou a escrever-lhe com a gélida austeridade de um director de consciencia, coisa de que ella não fazia o maior caso, diga-se a verdade.

Abailard, treze annos depois da separação, conseguira trazer para si Heloisa com mais dez religiosas. A freira era ainda formosa, e a maledicencia inculpou a mystica sociedade, espremendo sobre a chaga da desgraça a esponja da calunnia.

Abailard morreu, atormentado de pezares com que o alanceavam os emulos de seu talento. Heloisa sobreviveu-lhe vinte annos, e de crêr é que as lagrimas dos ultimos delissem do coração da infeliz as cicatrizes deixadas pelo fogo da paixão.

Nota-se a coincidencia de morrerem aos sessenta e tres annos de idade. O cadaver de Heloisa foi encerrado no sepulchro de seu marido. «Affirma-se, diz o chronista Gregorio de Tours, que ao descerrar-se o tumulo, Abailard abrira os braços para receber Heloisa, e, aconchegando-a bem ao peito, legou á posteridade um exemplo pathetico e inimitavel de conjugal amor além da vida, e assim mostrou que o amor é mais poderoso do que a morte, pois que, n'elles, nem a morte o extinguiu.» D'isto ninguem póde duvidar. É verdade que, em 1792, foi trasladado a Nogent o carneiro que continha as duas ossadas no Paraclete, e viu-se que uma grossa lamina de chumbo os separava. Ha-de averiguar-se como foi isto. Mais tarde, as preciosas reliquias foram depositadas no museu dos monumentos francezes, e parece que actualmente

são veneradas, como monumento de amor desgraçado, no cemiterio publico de Paris.

As genuinas cartas de Heloisa foram vertidas para francez em 1723, em 1782, e em 1840. Esta ultima edição é prologada por uma noticia historica, affectuosamente escripta, por m.^{me} Guisot.

Pope e Colardeau poetisaram as cartas de Heloisa; mas a prosa da erudita religiosa é muito mais pathetica e sublime de angustia e singeleza.

Um litterato portuense, o sr. H. E. de Almeida Coutinho, se é que a indigencia o não matou ainda, receba os emboras da excellente versão que nos deu da carta de Pope. Eis-aqui alguns versos acaso extrahidos do primoroso traslado:

Ai, desgraçada! todos te contemplam
 Qual esposa d'um Deus, quando és sómente
 D'amor, e d'um mortal misera escrava!
 Soccorro, ó ceus! Mas d'onde nasce agora
 Esta supplica miuha? Será filha
 Da desesperação, ou da piedade?
 Que! n'este sitio mesmo, n'este asylo
 Consagrado á pureza, será crível
 Tenha amor un altar, onde ateadas
 Lampejam suas chammas criminosas?
 Cumpre que eu me arrependa; e posso acaso
 Fazer o que me cumpre? Assás lamento
 Perder o amante, e não deploro o crime:
 Este crime está sempre ante meus olhos,
 D'elle me accuso, e ao coudemnal o, o amo.
 Dos passados prazeres me arrependo,
 Mas vou no alcancc de prazeres novos.
 Ora, elevando ao ceu supplices vistas,
 Pranteio o meu delicto, ora embebida
 Toda em idéas tuas, abandono,
 Essa innocencia a que aspirar andava.

A CARTEIRA DE UM SUICIDA

Um meu amigo, que tinha conhecido muitos amigos infelizes, e tinha lido as minhas novellas, disse-me assim uma vez:

— Tenho observado que vossê inculca verdadeiras todas as suas historias.

— E vossê duvida?

— Duvido por que as acho verosimeis de mais.

— Isso é um absurdo, com o devido respeito.

Pois, se as minhas historias fossem impossiveis, seriam mais possiveis?

— A pergunta formulada d'esse modo é irrespondivel; mas o que eu queria dizer não é o que vossê entendeu.

— Faça favor de se explicar.

— Lá vou. A verdade é ás vezes mais inverosimil que a ficção. O engenho do romancista conca-

tena os successos com tanta logica e coherencia que o espirito não póde negar-lhes a naturalidade. As occurrencias advem tão harmoniosas, os successos filiam-se e reproduzem-se tão espontaneamente, que o leitor póde, sem desaire da sua critica, pensar que o romancista é muitissimo mais correcto e natural que a natureza. Ora agora, o modo como as coisas reaes se passam, os disparates que a gente observa, o desconcerto em que andam a providencia do homem com o resultado phenomenico e sempre ordinario das realidades, isso, meu amigo, é que as torna inverosimiveis e inacreditaveis, se vossê ou eu as contarmos com a simplicidade e nudez de que se ellas vestiram aos nossos olhos. Sei eu acontecimentos que relatados, como eu os presenciei, seriam incriveis, e cômpostos com a mentira da arte seriam as delicias do leitor, que julga só verdadeiro o que é possivel ter acontecido. Donde eu concluo que a arte é muito mais verosimil que a natureza, e que os seus romances são inacreditaveis por isso que são verosimeis. Se vossê estivesse agora de pachorra, lia-lhe eu um romance, que tenho n'esta gaveta, e que não ousarei publicar sem a certeza de que a moderna escóla do verosimil cedeu a época á escóla da verdade.

— Queira ler, se não tem medo que eu me imposse da sua propriedade.

— Não tenho: faça o uso que quizer do que vai ouvir.

Disse, e tirou uma carteira da gaveta, e da carteira algumas cartas.

— O romance está aqui — proseguiu elle — De minha lavra tenho pouquissimo que lhe diga. Leia vossê essa carta.

Antes de a desdobrar, li escriptas a lapis estas palavras: *segunda carta*. Disse eu ao meu amigo:

— Olhe que diz aqui *segunda*: veja se tem alguma primeira que deva ser lida antes.

— Não tenho. Ahi principiam as inverosimilhanças da verdade: a primeira carta é segunda. Nenhum romancista de imaginação começaria o entrecho da sua novella pela segunda carta; e, quando mesmo tivesse de adulterar a verdade, não faltaria aos respeitos de uma arithmetica verosimil. Ora leia lá a segunda que é a primeira.

Li:

«Se eu fosse pontual na promessa, que fiz, de lhe não escrever outra carta, seria mentiroso o amor, que lhe confessei. O amor da alma, que facilmente transige com o amor proprio, deve ser muito froixo e incapaz de sacrificar-se. Não a amo como vulgarmente se ama: deve, por isso, consentir-me a segunda culpa, ou a segunda impertinencia.

«Disse v. ex.^a que não conhecia a pessoa, que lhe escrevêra: era isso mesmo o que eu previra; semelhante suspeita era a causa do muito que eu sofria, quando tirava do coração essas poucas linhas, que deviam trazer-me um desengano. Veiu o desen-

gano triste e desanimador. Não me conhece. Equivale isto a dizer que eu tive a presumpçosa vaidade de julgar-me distincto aos seus olhos, e concebi a loucura de me crêr comprehendido não sei porque, nem com que merecimentos. Ainda mais: esse não me conhecer é uma reprehensão justiceira ao meu orgulho; é o mesmo que dizer-me: não cuides que realças para ser visto entre tantas obscuridades, que passam desapercibidas debaixo dos meus olhos.

«Quer agora saber o que é um grande amor? É sentir o coração invulneravel, quando a vaidade sangra; é amal-a com a mesma ternura, depois do desengano que ultraja o amor proprio; é esquecer-me de mim e das minhas esperanças, para me só lembrar do grande valor da sua alma e do pouco que fiz para lh'a merecer.

«Conhece a sociedade, «minha amiga?» — Não repare n'este titulo, que lhe dou; tenho-a na minha imaginação, e considero-a minha: posso dar-lhe o nome que mais suavemente me sahir do coração.

«Conhece a sociedade? Sei que não. Póde o seu elevado espirito adivinhal-a qual elle é; mas o que em redor de nós se ostenta, a hedionda miseria que por ahi se entraja de farrapos e lantejoulas, isso de certo o não conhece, minha amiga...

«Sabe, ao menos, como é o amor d'estes tempos?

«Não ousou interrogar, segunda vez, o seu coração; mas dir-lhe-hei, em nome da minha longa ex-

perencia (fica intendendo que sou um velho, e tem razão) que o sentimento por ahí profanado com o nome de amor, é raio de luz, que fere os olhos, e entra morto no coração; é luz que se extingue sem passar dos sentidos ao sentir intimo, chamado dedicação, confiança, sacrificio, e enlace de duas almas em vida inteira de lagrimas ou de contentamentos.

«Concorda n'este juizo, minha amiga? Pareceu-me vêr-lhe um gesto de approvação. Se eu estivesse ao alcance das suas palavras n'este momento, creio que v. ex.^a, me apertaria a mão, dizendo: é verdade o que dizes: o meu coração reconhece a desgraçada exactidão das tuas idéas.

«E eu que serei?

«O que seria, no futuro, este amor tão santo que lhe offereci? Seria o que justamente esta sociedade denomina absurdo. Seria o amor, que se crê feliz, quando faz o que as almas fracas denominam sacrificios. Seria uma vontade sempre ardente de lhe dar felicidade — que eu sinceramente creio que na vida de v. ex.^a ha desgostos, que só o coração e a intelligencia poderão mitigar.

«Disse-lhe o que seria. Quer agora saber o que fico sendo? O que até aqui religiosamente fui: um homem tão grande no soffrimento como na affeição; um seu intimo amigo que bendiz a Providencia pela esmola da dolorosa saudade com que fico. Esta dôr é um signal de vida no coração: não tinha outro: creia-m'o.

«Hei-de procurar vê-la. Se lhe fôr indifferente a minha attenção, hei-de suffocar o despeito, e attribuir sempre o desprezo ao nada que sou. Já vê que sinto não sei que prazer amargo em envilecer-me. Penso que o verdadeiro amor é assim: gosa exaltando quem o humilha.

«Se v. ex.^a me pedisse a primeira prova de dedicação, dir-lhe-ia que ha um symptoma que jámais engana: é a naturalidade, a clareza das palavras. O coração falla assim, minha amiga.

«Uma supplica por ultimo: quando a sua alma estiver cerrada de trevas, n'uma hora de tristeza, que faz da vida tédio, e da idéa do suicidio consolação recorde-se de mim como de um homem, cujas horas são todas assim escuras.

«Verá então que é menos infeliz. Não posso desejar-lhe maior bem. Adeus.

—Ahi tem a segunda carta, disse o meu amigo.

—Mas vamos ao principio — respondi eu — Quem é este homem, quem é esta senhora, em que terra se passa o drama epistolar, a idade e a profissão de cada um dos presonagens?

—No fim direi o que souber e puder. O que eu não puder, será inutil pedir-m'o; o que eu não souber imagine-o vossê.

—Eu não imagino nada, meu amigo. Já agora

quero vêr como se escreve um conto verdadeiro, sem ser verosimil. E li a

TERCEIRA CARTA

« Não falla o coração na sua carta.

« O soffrimento dá um vista dupla. Vi-lhe a sua alma atravez das poucas linhas traçadas por um pulso onde passava o sangue quieto e regular.

« Isto não é accusação, minha amiga; é magoa, é pena de mim mesmo; será mesmo egoismo até certo ponto.

Não é a razão humana uma coisa bem miseravel? Tenho no espirito a convicção de que não sou o homem que deve exercer na sua alma imperiosa influencia; reconheço-me vulgar de mais para abraza-la no amor que transporta e cega; escuto com triste complacencia a voz intima do juizo; e, com tudo, o coração insensato insurge-se contra a razão, e doe-se por não poder vencê-la.

« Pois não aspirava eu a um dominio absoluto na sua vida?! Não imaginei eu todas as venturas, que podem gosar-se debaixo do ceu, debuxadas na tela que até hoje a mão do futuro me escondia?

« Vou contar-lhe as minhas esperanças todas. Fallemos d'ellas como se falla de um morto, que deixou saudades.

« Tenho passado tres noites de vigilia de febre,

talvez de delirio, encostado á mesa, em que escrevo.

« Conversava com a sua iamgem; sentia-me feliz n'este recolhimento; dava azas á phantasia; creava delicias como as que rebrilham e douram a imaginação do homem virtuoso a quem o Senhor concedeu a prelibação do ceu.

« O meu ceu era todo n'este mundo, local unico onde elle existe, por que tambem existe o inferno cá.

« O ceu era nosso, só nosso. Estavam em volta de nós apenas as formosuras da natureza, que o nosso amor fizera mais bellas. Corria-nos a vida como um sonho feliz. Memoria do passado nenhuma tinhamos. Entre nós estava o anjo do esquecimento que nos não deixava corar um do outro. Era o nosso presente uma d'aquellas alegrias, que se respiram na atmosphera perfumada de uma manhã de estio. Era-nos o futuro uma visão esperançosa de contentamentos sempre os mesmos, um horisonte sempre sereno e luminoso do mesmo arrebol.

« Não à fatigüe esta linguagem nimiamente florida. Estou escrevendo como o coração scismava. Desdigo da naturalidade, por que me ergui um pouco das baixezas da vida real.

« Como havimos nós chegado a esta situação, minha amiga?

Eu lhe conto em resumo a outra chimera.

« Imaginei que tinha em si uma alma fervorosa a dizer-me em momentos de desofogo:— O primeiro

homem, que eu verdadeiramente amei, és tu. Uma corda havia no meu coração da qual ninguem tirara sons. Procurei o amor. É que eu sentia um vacuo de saudade e angustia por não sei que ser essencial á minha vida. Enganada pela sêde, cheguei os labios á fonte d'agua, que me parecêra clara, e estava saturada de peçonha. Recuei horrorizada da perfidia das minhas esperanças, e cheguei a perguntar a mim mesma se a felicidade do amor era um prazer mesclado de dissabores, e acabado pelo tedio, e pelo esquecimento. Se alguma vez me pousou sobre o coração mão estranha, senti que o fogo d'essa mão não passava da superficie. A realidade ao aproximar-se de mim muitas vezes me atterrou. Nunca senti o arrojo de confiança que para ti me impelle; nunca experimentei este consorcio da alma que parece estranho ás sensações; nunca me senti, orgulhosa do teu amor, tão sobranceira á sociedade que me enoja. Sou tua.

«Pareceu-me ouvil-a assim fallar, e recordo-me que esta era a resposta que eu lhe dei com lagrimas de gratidão: Serás minha por toda a vida. Sou mais que teu amante. Sou um amigo que reúne os tres mais sublimes amores da terra — de pai, de irmão, de esposo, tudo que ha, todas as affeições que podem conspirar para a tua felicidade. Creio que és rica; mas os teus cofres não encerram ouro sómente: ha n'elles muita lagrima, e o que não é lagrimas são alge-mas, que tanto se fabricam de ouro como de ferro.

Cospe n'esse ouro, e calca essas algemas. Sou só no mundo, e o mais rico dos homens. Dou-te o maior dos thesouros o meu coração, a minha intelligencia, o incessante trabalho do meu espirito, tudo que sou, que posso, e que pela influença miraculosa do teu amor, possa vir a ser.

« Ainda assim, arrisco duas linhas, e depois peço-lhe perdão.

« Lembrava-me que nos assentavamos sobre as raizes musgosas de uma arvore secular. Em redor de nós morava o silencio, e a alegria do ceu e da terra. Comprimi-a ao seio, e fiz-lhe esta pergunta: Estás saciada do meu amor? Sentes no coração a falta de vida, que te quiz dar? A sua resposta...

« Basta de visões, minha amiga. Não me chame doido, por quem é, nem romantico, que detesto essa palavra. Antes diga que muito d'alma a devo amar para me elevar tanto sobre o raso das minhas ordinarias meditações.

« O que lhe peço agora é muito pouco: creia-me. É prazer para mim a certeza de que me estima, agradecida ao muito que lhe quiz.

« A nossa correspondencia não deve acabar. Chamou-me seu amigo. Ha-de provar-me que n'essa conta me tem, fazendo-me confidente dos pesares que a mortificarem. Sentirá suave conforto, ao lembrar-se que tem no mundo um amigo sem restricções, quando o coração lh'o pedir.

« Por fim dir-lhe-hei que, se me pediu a sua carta

por suspeita da minha probidade, peccou: mas não me offendeu. Vivo no foco mais illustrado e sujo da sociedade; sei o que isto é; tenho presenciado com repugnancia a villania da ostentação; desculpo-a, pois, e devolvo-lhe a sua carta, sublinhando as palavras que não quizera ter visto.»

Segue-se outra, designada *quarta*, com a seguinte nota a lapis — 25 de maio de 1850.

Dizia assim:

« Espero ámanhã uma carta da minha amiga. Ha de essa carta trazer-me uma grande dôr. Será mysteriosa a intenção; mas a linguagem clara para mim. Verei em seu coração uma saudade que a faz escrava de uma esperança. Respeitarei tal sentimento, e terei a generosidade de não discutir até que ponto deve guardal-o. Imporei silencio eterno á minha dignidade por amor da sua. Não luctarei com essa saudade rival invencivel para mim. Honrosa será a minha retirada pedindo-lhe perdão de a não ter adivinhado. Ficarei sendo para v. ex.^a o seu primeiro amigo, depois d'aquelle que lhe domina o coração. Deixar-lhehei de mim uma agradavel memoria, e a estima que nos merece a pessoa que nos não offende. Dir-lhehei um adeus com amargura, e esse adeus será o ultimo.»

QUINTA CARTA

Dir-lhe-hei um adeus com amargura, e esse adeus será o ultimo.

« Creança de cabellos brancos! Veja que puerilidade! Poderia eu dizer-lhe assim um adeus?! Devia rir-se de tamanho despropósito, se soubesse como a amo, como hei-de amal-a sempre, e que funebre demonstração eu hei-de dar ao mundo, se não a v. ex.^a, d'este amor.

« Não se diz assim um adeus, quando vai n'elle a morte de uma esperança em que está a luz e o ar da vida.

« O final da sua carta de hontem convida a uma analyse demorada.

« Vai agora vêr-me tal qual sou. E ha-de rir. A dôr moral tem desatinos que fazem rir os observadores de animo frio. Os padecentes denomina-os a critica loucos ou românticos (que demonio de palavra!). Os chocarreiros são os filhos dilectos do senso-commum, as pessoas de tino, na giria da sociedade, tricana impavezada que arrasta a cauda do vestido, para esconder o desaire dos pés modelados pelo tamanco.

« Quer saber v. ex.^a? Estava eu agora com excellente disposição para escrever coisas aciduladas e mordentes contra a sociedade! O epigramma, a iro-

nia, o sarcasmo está a querer ressaltar dos bicos da penna. Contra quem... não sei. Penso que é contra o meu destino, que chega ás vezes a fazer-me nojo de feio que é. Como imagina v. ex.^a a minha alma n'este momento? Escurissima? Não acertou, A... Tenho um clarão de alegria no espirito; é um clarão de luz infernal; mas é luz. Sabe porquê? Porque vou acceitar o seu conselho: *vou fugir-lhe.*

Fuja de mim como de uma mulher, que não póde dar-lhe a felicidade.

«Foram estas as suas palavras, minha senhora.

«Devia ter 'o doloroso convencimento da verdade quem as escreveu. Quem as não acreditasse devia ser mui pouco penetrante de espirito.

«Fugirei, minha amiga. As suas palavras são pára mim preceitos sagrados, qualquer que seja a significação terrível d'ellas, velada pela delicadeza.

«Deixe-me ter um rasgo de vaidade, suppondo que v. ex.^a me considera digno da sua estima. Deu-me nome de amigo. Já foi muito, foi de mais para eu crêr que não lhe tendo sido até hoje importuno.

«O que a minha amiga não póde é amar-me. E não póde (parece absurdo o que vai lêr) pór que acreditou as minhas cartas, viu que eu amava com a energia d'alma apaixonada, consultou-se, entendeu que eu a forçaria a igualar-me na paixão, fez-me a justiça de suppôr que eu não poderia ser enganado, e resolveu affastar-se com senhoril delicadeza.

«Fez bem. Praticou uma rara e sublime virtude.

Ainda lhe não chamei anjo : hei-de por força chamar-lhe anjo agora.

« Fez bem. O fogo de minha alma havia de fazer-lhe mal. Julgaria em mim um insensato, por que eu, de joelhos a seus pés, não poderia ser uma repetição das phrases do dia anterior. Umas vezes mostrar-me-ia creança embriagada de innocente felicidade ; outras, havia de receiar que eu a roubasse a todo o mundo com a furia de demonio.

« Um amor assim seria funesto á sua situação. Grandes angustias poderiam sobrevir á minha amiga. No momento em que eu lhe visse o signal de uma lagrima, chorada por minha causa, no momento em que me dissesse :— fazem-me soffrer por que te amo — vêr-me-ia de joelhos pedindo-lhe que me accitasse como irmão.

« Feri agora a sua dignidade? Póde ser ; por que ahi falta o amor que denomina virtude esta prova de extrema amizade.

« Ora vê, minha amiga, que prudente foi em me dizer que não era a mulher da minha felicidade?

« É preciso, pois, fugir-lhe ; mas fugir-lhe não é renunciar a escrever-lhe, a vê-la, a contemplar, noite alta, uma sombra que possa ser a sua, atravez dos transparentes. Não, que é preciso mais.

« Fugir-lhe é deixar esta terra, é devorar não sei em que solidão o veneno do desespero, sem maldizer a mão que m'o dá : é soffrer o inferno que soffre quem não póde chorar.

« Triste desenlace ! se soubesse o que tenho sido para si ! Se me adivinhasse ha dez... ha quatro annos ! Se calculasse as situações amarguradas em que me tenho visto por sua causa !... Se soubesse de que heroismos têm sido capaz o animo de um homem, que a sociedade injuria á traição !... »

« Ha na minha vida lances tão singulares em desgraça, com referencia á minha amiga, que se os soubesse, se lh'os eu contasse, amava-me : faria o milagre de achar dois corações em si. »

« Agora, já posso dar-lhe um adeus com os olhos enchutos. Lá vai tudo quanto a desgraça me fez esperar. A esta agonia ha-de seguir-se a prostração de longos tempos, se a morte bemdita não vier. Não vem. A maldição ha-de continuar. Aceito-a com paciencia, e sirva ella de merecimento para que a minha amiga seja feliz. »

SEXTA CARTA

« Prophetisei a sua carta de hontem, e não prophetisei o seu silencio de hoje. Donde concluo que tanto se póde ser propheta como tolo. »

« No presupposto de que v. ex.^a aqui não manda mais, peço-lhe licença para enviar uma carta, que v. ex.^a rasgará com as outras. Se me lastima infeliz, regeito a piedade. »

SETIMA CARTA

« Queres o impossivel ? Eu não sei dizer-te o que é esta transfiguração ! Não cessaram as contracções violentas do coração desde que recebi a tua carta. Sahi do theatro ha duas horas : tenho esperado o momento da tranquillidade para te escrever. Chega a ser dolorosa esta alegria. Cá sinto os dezoito annos. Não amaria eu nunca ? Serás tu o meu primeiro amor, o verdadeiro, o fatal, filha da minha alma ? !

« Diz-me que comprehendes este desalinho de idéas. Diz-me que nunca homem algum te disse o que me sahe da consciencia como um juramento feito na presença de Deus. Adoro-te com mais vehemencia do que póde o coração humano. Não quero que alguém tenha adorado assim. Diz-me que não. Jura-me que eu não seria acolhido em tua alma, se tivesses encontrado quem por ti sentisse este amor que me endoidece ! Serei eu o teu amor de toda a vida ? Não sentes que hei de preencher todas as tuas ambições ?

« Esqueço que fui infeliz. Queria ter padecido mais para convencer-me de que és a minha recompensa. Tenho soffrido pouco para te merecer. Sabes tu quanto vales ? Quero que tenhas orgulho do muito que podes, Quero que oiças a confissão do homem, que só

tinha no coração a tua imagem, e no horisonte do seu futuro a tua sombra.

« Terei eu de perder-te? diz-me que não. Abre-me a tua alma com piedosa franqueza. Pinta-me o nosso futuro. Vem ao encontro do pensamento que me arrebatava a um futuro em que sejamos invejados do mundo. Não sonhas isto? »

« Sou fraco, não póde o coração com tanto. Aqui tens o homem que se julgava um cadaver. Fizeste de mim uma creança... Recorro á tua intelligencia para ser comprehendido. O que serei eu quando te sentir o arfar do coração!... Será isto o presagio de grande infortunio!... Se tenho de perder-te, despreza-me.»

OITAVA CARTA

« Queres que eu te diga *o que eu li no teu rosto?* Pareceste-me expansiva de contentamento. Li as alegrias intimas de uma alma que sabe que é adorada. Resplandecia d'esses olhos, unicos em formosura e expressão, o intimo ardor em que se ha de queimar o coração que ouvir as pulsações do teu. Mal te fitei nos olhos, temeroso de ser surpreendido. Eu não tenho nem quero «amigo intimo» de quem fie este segredo. Queria que toda a gente soubesse que te amo, e ao mesmo tempo escondo, como avarento, este thesouro.

«Manda-me as flores promettidas, e um beijo na rosa unica. Uma só.»

—Vejo isto bem encaminhado— disse eu recebendo outra carta.

—Leia, se não está aborrecido.

—Não estou. São toleraveis as cartas, á conta da sua simplicidade; mas não promettem catastrophe, que dê péga a um romancista. Se vossê me adiantasse uma parte do fim da historia, parece-me que eu iria lendo com mais curiosidade.

—Não adianto nada. Leia, se quer.

NONA CARTA

«Enganou-me, e eu não lhe merecia isto. Não ha liberdade na sua alma. Não me ama, nem já póde amar-me. Eu tinha accumulado desgostos sobre desgostos. Respirei uma hora contando-lhe o meu viver com lealdade e franqueza, que me espanta. Fallei-lhe sempre como se falla a Deus. Quando a via na minha imaginação, vibrava-me o tremor do respeito.

«Procedi indiscretamente. Não devia escrever-lhe com o desassombro de homem que pensa encontrar um coração desligado de saudades ou esperanças. Antes de supplicar-lhe a sua estima, devia con-

frontar-me com quem lh'a mereceu. Se eu assim fizesse com despreocupação e consciencia, vista a minha incapacidade, convencer-me-ia de novo que está o impossivel entre nós.

« Está fria, fria de morte para mim !

« Um homem soberbo não faria esta confissão. Eu, humilhado pelo infortunio, até confesso o que me faz corar.

« Chamou ás suas flores um *adeus*. N'essa intenção as recebi.

« Quando me erguer d'este leito, onde a febre me mortifica, irei buscar outro mais longe. Póde morrer-se aos trinta annos, saciado da existencia.»

DECIMA CARTA

« Para a atrocidade das suas expressões não ha esquecimento nem stoycismo.

« Franqueza por franqueza. Eu não posso mais volver á folicidade que sentia, antes de receber a sua carta. Estava affeito ás desillusões ; mas com tal crueza nunca as experimentei. A minha maior dôr guardava-m'a a pessoa, que me chamou amigo.

Grande confiança tens na affeição que me inspiras! — palavras suas. Isto offende o coração e a cabeça. Não sou orgulhoso ; mas sou homem. D'este medo nem a um inimigo se dizem as coisas. A ver-

são da sua phrase, se a ha mais baixamente litteral, é: *presumes muito de ti*. Não, minha estimavel senhora, não presumo nada. Por isso mesmo que lh'ou disse muitas vezes, devêra v. ex.^a abster-se de m'ou atirar á cara.

Não sinto ainda paixão nem amor! Estas palavras recebem-se; censural-as é um contra-senso. Tanto posso eu queixar-me de v. ex.^a que as escreve, como de Deus que nos manda a morte. É a fatalidade. O que muito é de notar-se é a coragem da punhalada. Não devia assim enganar-me. Tem havido algozes muito delicados no officio d'elles, minha senhora. V. ex.^a, se quizesse, podia tomar qualquer pretexto. Fosse qual fosse, havia de ser por força muito mais delicado. Certas franquezas, se as não adoçarem o melindre, orçam pela barbaridade. A delicadeza é tão necessaria para a conservação do amor como para extinguil-o.

O verdadeiro amor só o dá a fascinação. É uma maxima de v. ex.^a Eu não fascino ninguem, minha senhora. Sou como a maxima porção dos homens; a maxima porção dos homens é que me faz a justiça de me julgar differente d'ella.

Pois a prova de grandeza da minha alma é esquecer-me de que v. ex.^a póde ser minha?! Que remedio tenho eu senão dar-lhe essa prova! É uma abnegação que se finge com mascara. A comedia do mundo tem d'estes heroes á força; eu, porém, sinceramente lhe digo que amei muito para acceitar

de boa vontade o heroismo. A minha amiga quer fazer-me santo? Muito obrigado.

« Agora rio-me de mim proprio, e v. ex.^a, se quizer, pôde fazer o mesmo.

« Se eu fosse um homem dôido em ancias dos mil prazeres que a posse da sua vida poderia dar-me, sabe o que fazia agora? Fingia esquecer as phrases da sua carta, acceitava a de amanhã como um desmentido á de hoje, e simulava a mais amorosa resignação aos caprichos de uma senhora tão opulenta de seducções.

« Não sou assim. Paguei franqueza com franqueza. Queria o seu amor, e queria — deixe-me ceder ainda a esta exaltação! — queria um amor virginal, porque a virgindade está no coração. Cite-me das minhas cartas uma palavra incoherente. Fallei-lhe sempre como já ninguem falla a Deus, e ás mulheres nunca fallou alguém, a não serem os parvos.

« Acabou tudo, menos o respeito com que pronunciarei sempre o seu nome, e o desejo de morrer, pronunciando-o ao anjo bom, que não fugiu ainda de minha alma. A amizade desinteresseira e duradoura faz estes prodigios.

« Não me comprehendeu: é o que foi.

ULTIMA CARTA

« Para que hei de illudir-me e illudil-a ?

« Se lhe digo que sou seu amigo, creia-me, porque ha sentimentos de sympathia superiores á nossa vontade.

« Se para provar-lhe esta verdade me ordenasse um serviço superior ao que podia fazer-lhe um irmão, tudo faria com risco de vida, e pouco lhe dava, porque a minha vida é um poste de supplicio a que estou acorrentado.

« Disse-lhe que, lida uma sua carta, não podia volver mais á felicidade que sentia antes de a lêr. É desgraçadamente certo. A minha alma está toda na ferida que me fez. Cahi.

« Bem podia eu pedir uma falsa linguagem aos recursos da minha imaginação. Respeito-a de mais para mentir-lhe. Tenho uma memoria infeliz ; mas a sua carta está em letras de fogo.

« Minha amiga, eu creio que não haverá no mundo um homem que não a ame. Se haverá ali amor como eu lhe dera, seria orgulho, se não pieguice, decidil-o eu. Eu sei cá mesmo se ainda assim era indigno de v. ex.^a !

« Tenha a certeza de que eu sei que esta carta a não faz soffrer. Já vê que o seu sorriso desdenhoso não é bem applicado.

« Oiça agora as reflexões que lhe faz um amigo,

receba-m'as como conselhos, e zombe do conselheiro, se quizer.

« Olhe, senhora, se a sua vida precisa de uma afeição carinhosa, nunca se dedique a pessoa por quem não sinta uma attracção forte e vehemente.

« Nunca se fie do amor que vem depois da posse.

« Faça por encontrar um homem de coração e de intelligencia ; por que a estupidez mata o amor com a grosseria, e engana sómente a distancia.

« Se encontrar esse homem, considere-o distincto e não pense que o segredo de se fazer amar muito consiste em saber mortificar com pequenas ou grandes injustiças. Na maior parte dos amores mortos devia escrever-se este epitaphio : capricho.

« Ao homem que lhe enviar temerariamente ou apaixonadamente uma carta, devolva-lh'a sem resposta, se um dia tiver de dizer-lhe que o não ama, nem o authorisa a julgar-se amado, por demasia de confiança na afeição que lhe inspira.

« Estas reflexões bastam para que a minha amiga dê ao seu intelligente espirito o trabalho de as estudar. Occulto uma por delicadeza. Não estou authorisado a fazer-lh'a, minha amiga, por amor de si propria, e não deve querer ouvil-a.

« Se as rejeitar, poderá ser feliz no vigor da mocidade, mas os ultimos annos da sua vida serão cortados de amargura. Ha-de volver os olhos ao seu passado, e vêr-me-ha então, sem talvez saber em que oito palmos de terra eu durmo o somno eterno.

« É tempo de concluir.

« Dou-lhe um abraço de amigo, e um adeus com saudade e melancolia.

« Pela terceira vez lhe digo que não costumo chorar. As lagrimas de sangue não se mostram nos olhos.

« Sempre, e com não vulgar estima, seu amigo. »

—

— Não ha mais cartas, disse o sujeito.

— Vamos agora a explicações.

— As que eu poder dar, já lh'ò disse.

— Primeiro que tudo, a mulher era casada? Parece-me que adivinhei.

— Cubro a fronte purpureada de pudor, e digolhe que sim.

— Era formosa?

— Não sei; mas está aqui n'esta carteira uma poesia que esclarece as nossas incertezas. Queira vossê lêr, que eu não sei declamar versos, e receio que a ossada do poeta estremeça sacudida por alguma injuria ao rythmo:

— Li:

EM FRENTE DO TEU RETRATO

Como tu és bella e amada!

Como a Circassia te inveja

Os arcos negros, que enquadram

Teus olhos, onde lampeja

Fogo do genio e paixão,

Faixas vivas da lava

Que te escalda o coração!

Na fronte lisa e escampada
Que translucido talento!
Que bello espelho do vago
Volitar do pensamento,
N'um orbe todô de luz
Em redor do ideal no bello,
Que te arrebatava e seduz!

Nos labios te nascem beijos
Como as espontaneas flores,
Beijos calidos ou ternos
Dos que refrigeram dores
Ou abrasam sensações:
Beijos de mãi na ternura,
Beijos de amante em vulcões.

— Isto pouco diz. Dê-se, porém, de barato que é formosa a mulher. Posso saber d'onde é, e quem é?

— É da sepultura, e não é nada.

— Tragica resposta! Faz lembrar o *Ninguém!* de frei Luiz de Sousa, e o *qu'il mourut!* de Corneille. Então morreram ambos?

— Morreram.

— Homem! estou a temer que estas cartas sejam contagiosas, e lembro-me, se morrerei antes de saber a historia!... Diga lá o que quizer... Mas ahi está outro papel... Que é isso? póde vêr-se?

— Póde: é outra poesia. Ahi tem.

Li a poesia. Volte o leitor a pagina, se a não quizer lêr que é longa.

ERAS TU

Eras tu, irmã dos anjos,
 Aquella imagem tão linda
 Que eu recordo agora ainda
 E tantos annos lá vão!
 Eras a luz oudulante,
 Que scintillavas errante
 Quando em ancias delirante
 Te buscava o coração.

Os meus olhos mal sabiam
 Conhecer a formosura;
 Mas a alma prematura
 Te sonhava linda assim!
 No ceu, na flor, que magia!
 Não sei que era o que eu via;
 Sem saber o que sentia,
 Sentia o ceu dentro em mim.

Eras tu! Lembra-me, á tarde,
 N'aquellas horas d'amores
 Em que o perfume das flores
 Filtra vida ao coração,
 Lembra-me vêr-te indecisa
 Como a sombra que deslisa
 Nas folhas que a leve brisa
 Beija em doce agitação.

Quando, mais tarde, a belleza
 Os sentidos me encantava,
 E a minh'alma se abrasava
 N'outro fogo d'outros ceus,
 Via uns olhos, — ai! se via! —
 Nas densas trevas, no dia,
 E eu d'amor d'elles morria,
 Que esses olhos eram teus,

Que presagio ! Era um mysterio,
Um fallar d'anjo invisivel,
Uma voz imperceptivel,
Que me vinha assim dizer :
Quando um rosto peregrino
Te der esse olhar divino,
Que ora sonhas, teu destino
E' amar : depois... morrer!

Eras tu! Já morta a crença,
A meia estrada da vida
Julguei extincta, perdida,
A suspirada visão.
Muitos annos decorridos
Eram já, e já sumidos
Chorava os olhos, perdidos
Como a luz da salvação.

Muitas vezes me enganára
A ancia d'elles, e eu ia
Beijar um rosto que via
Com olhos cheios d'amor.
Que dolorosa chimera !
Era lindo, mas não era,
Um certo olhar, que eu quizera
De queimar-me em seu ardor.

Erás tu ! Agora sinto
Que o eras, anjo da vida
Porque sinto renascida
A mocidade, a paixão.
Era um impio atheu, e adoro ;
Não tinha prantos e choro ;
Era um devasso, e hoje... coro
Quando aperto a tua mão.

Amor d'alma é isto. Oh ! crê-me...
Nunca foste assim querida,
Nem viste assim abatida
Tão forte alma a teus pés !
Sinto-me grande ao teu lado,
Soberbo de ser amado...
Podesse eu ser inspirado
Para dizer o que és !

— Tem vossê a palavra — disse eu ao meu amigo.

— A mulher recebeu a ultima carta do poeta, e cuidou que no dia seguinte recebia outra, desdizendo da linguagem grave e fria do adeus que vossê naturalmente leu, pensando como ella. Como se enganasse, esperou tres dias, enganando-se sempre. Ao quarto, foi ella quem lhe escreveu, segundo as informações que tive, ha pouco, de uma creada, que então estava na confidencia de ambos. Ao quarto dia, já o sujeito tinha sahido da terra em que estas obscuras e trivialissimas scenas se passavam, e viera parar a uma das minhas quintas, onde eu então residia.

Acolhi-o com muita satisfação: pedi-lhe a historia do seu ultimo anno, e elle respondeu-me que a ultima pagina de um mau romance era a peor de todas. Vi-o triste e contemplativo; mas, a dizer a verdade, nunca o tinha visto com mais alegre sombra. Fallou-me algumas vezes de uma mulher, e d'isso conclui apenas que elle tinha gostado muito de uma mulher, que devia ser a quinquagesima da sua primeira paixão.

Esteve em minha casa tres mezes, e sahiu de repente para a cidade d'onde viera. Li os jornaes que elle recebêra n'aquelle dia para descobrir alguma novidade que esclarecesse aquella subita sahida. Com effeito, nas locaes de duas gazetas, dava-se a noticia de ter recebido os sacramentos a ex.^{ma} sr.^a D. Fulana de tal, esposa do sr. Fulano de tal.

Recebi no seguinte correio os mesmos jornaes, com a noticia de ter fallecido a mesma senhora de uma tysica tuberculosa, que arrebatara no melhor dos annos uma esposa estremecida, cheia de virtudes e formosura.

Fui á cidade onde estava o meu amigo. Com muito trabalho, pude encontral-o no cemiterio publico, encostado ao gradeamento de um jazigo, onde se liam os appellidôs da senhora que os jornaes deram morta.

Travei do braço ao homem, que parecia impedrado como uma estatua de adorno do jazigo, e levei-o para o meu quarto na mesma hospedaria, e disse-lhe tudo que o espirito socegado dos mestres de necrologio inventam. Onviu-me silencioso, e eram mais os cigarros que elle fumava do que as phrases que eu dizia.

Decorridos tres dias, pedi-lhe que fosse para minha casa, e elle respondeu que iria, passada uma semana.

Por saber que a minha companhia o importunava, deixei-o andar sósinho, mas espiado. Soube que elle ia, todos os dias, ao cemiterio, e trazia al-

veneis a assentar as pedras de um jazigo. Fui vêr as obras do meu amigo, e vi os pedreiros a abriem uma sepultura simples com uma cruz tosca, á beira do moimento onde estava enterrada a senhora, já com um epitaphio em maus versos, se me é licito ajuizar de versos.

Receei que o meu amigo se suicidasse, e disse-lhe os meus receios. Respondeu-me com gravidade e socego que se suicidava. Não sei o que lhe disse; só me lembra que tive muito pouco que lhe dizer. Segui-o sempre, mas elle pediu-me com muita delicadeza que o deixasse, e não lhe tirasse as suas horas de solidão.

Cuidando eu que o salvava, com dizer-lhe que a morte de F. resultara de uma disposição hereditaria para a tysica—informações que me havia dado o proprio medico d'ella—o meu amigo respondeu-me que tambem assim o pensava, nem tinha interesse em pensar outra coisa. Isto era mandar-me callar, ou levar informações a quem m'as pedisse.

Quinze dias depois da morte da dama, cujo marido vi ha dias com a sua segunda mulher, o poeta entrou á meia noite na hospedaria, e escreveu poucas linhas sobre um papel, tirado da sua carteira.

Presumo que se deitou depois, e tomou serenamente umas pilulas como quem se medica para dormir.

Medicina fôra aquella que o fizera cahir n'um somno d'onde ha-de acordal-o a trombeta do juizo

final. Se é certo este juizo final, espera-se que o meu amigo se levante com a sua mortalha ao lado da mulher por quem se matou. Escassamente medeia um palmo entre as duas sepulturas.

Esta carteira estava sobre a mesa, onde elle escrevêra as ultimas linhas, que diziam uma coisa assim: «Sou fulano de tal. Quero ser enterrado no jazigo n.º..., cemiterio de..., o qual jazigo comprei em tantos de tal.» E nada mais.

Está dito tudo. Se vossê contasse a historia como a ouviu de mim, ninguem lh'a acreditava, porque é verdadeira. Ao meu amigo cumpre agora recompô-la com mentiras, se a quer fazer verosimil.

TREZENTOS MIL CRUZADOS POR UM DENTE

E foi esta a maior proeza que (na India) obraram os portuguezes.

Francisco de Sousa. (ORIENTE CONQUISTADO.)

Faz hoje trezentos annos ao certo que visorei-nava na India portugueza D. Constantino de Bragança, um dos raros governadores que mantiveram sem nodoa de covardia ou extorsão as quinas arvoradas no oriente pelos Castros e Albuquerque. D'aquelle visorei celebram as chronicas a galharda liberalidade com que castigou a ingratição do rei. Foi o caso que, voltando da India ao reino D. Constantino, todos os seus haveres eram dez a doze mil cruzados em pedraria, que a tanto orçavam as suas dividas na patria. El-rei, avisado por inimigos do honrado e pobre fidalgo, da magnificencia do thesouro, mandou tomar a pedraria. Examinado o pequeno cofre na casa da India, cahiu o rei na aleivosia dos aulicos, houve pejo de sujar-se por tão pouco, e mandou dizer ao irmão do duque de Bragança, que levasse as pedras, pagos os direitos. D. Constantino, exaltado

pela baixeza da côrte, respondeu que «pois lhe mandavam pagar direitos de coisa tão pouca, devia de estar mui attenuada a fazenda real, e que, se assim era, elle fazia serviço a el-rei seu senhor de toda a pedraria.» A fazenda real não acceitou as pedras nem os direitos: bastava-lhe a ironia pungente do alto e dilatado animo do fidalgo.

Posto isto, vamos á historia de um dente.

Contam os historiadores da India que, mil annos antes da era christã, floresceu um philosopho na Asia, filho do rei de Bagdad. Chamou-se elle *Budo*, *Buda*, ou mais correctamente *Buddah*, que em sans-krit quer dizer «sabio». Este philosopho fez o que fizeram todos os philosophos: prégou, doutrinou, presidiu a um numeroso apostolado, creou uma religião, e converteu a si a maxima parte das nações asiaticas. Ao cabo de noventa annos morreu o philosopho; antes porém, de fechar os olhos ás desgraças do genero humano a cuja redempção se devotara, conta o *Bhâgavata Pôurâna*, citado no *Jornal Asiatico* de Burnouf, que Buddah dissera: «tudo me entristece. Desejo entrar no repouso eterno.» Disse, e expirou para cahir no inferno, como demonio disfarçado que era, segundo as piedosas conjecturas de S. Francisco Xavier, apostolo das Indias, e de outro jesuita por nome Francisco de Sousa, que assevera ter sido Buddah um grande feiticeiro. Este juizo diz tanto contra a virtude do philosopho, como a favor da illustração do padre.

Como quer que fosse, o feiticeiro, pouco antes de expirar, arrancou um dente, e brindou com elle os povos de Ceilão de quem fôra particular amigo. Estava este dente com grande reverencia n'um pagode, quando os portuguezes, inflammados no santo fervor da sua fé, deram de sobresalto no templo pagão, esmoucaram uns idolos, desnarigaram outros, e, por amor de Deus, empalmaram o relicario onde estava o dente de Buddah.

O rei do Pegú, sabedor do desacato, chorou muitas lagrimas, e mandou a D. Constantino de Bragança uma embaixada, offerecendo-lhe trezentos mil cruzados pelo dente, pazes perpetuas, e vitualhas para a fortaleza de Malaca, sempre que o viso-rei as pedisse. O governador fez conselho de estado, e os fidalgos convocados todos disseram á uma que se dêsse o dente pelos trezentos mil cruzados. O negocio estava resolvido, quando o arcebispo, sujeito de entranhas elevadas, subiu ao pulpito, e bradou contra o dente e contra o negocio. D. Constantino, mordido de escrupulos, convocou uma junta de theologos, prelados, ministros da corôa e da fazenda. Estes decidiram que (textuaes palavras da acta) «se não podia entregar aquelle dente, ainda que se ariscasse o estado e o mundo todo.»

Resolvido assim o debate conspicuamente, com grande jubilo dos anjos e terror do inferno, foi trazida a infame reliquia. O viso-rei benzeu-se antes de pegar no dente com uma tenaz, passou-o ao arce-

bispo, este lançou-o n'um almofariz, pisou-o, pulverizou-o, lançou o pó ás brazas, e as cinzas ao rio.

Trazida a Portugal a noticia da façanha, alguns «espíritos fortes» censuraram as demasias piedosas do visor-rei que pulverisava n'um almofariz trezentos mil cruzados, quando o erario não tinha com que pagar aos soldados da Asia. Porém, o jesuita Francisco de Sousa, relatando as queixas dos maus politicos, exclama: «Mas viva D. Constantino que com esta esclarecida acção eternisou a fama da christandade portugueza por todas as nações europeas e asiaticas. Já hoje estaria apagado o resplendor d'aquelle ouro, se por ventura então luzisse, e ainda hoje se lê o glorioso nome de D. Constantino á luz do fogo, com que se abrasou tão abominavel reliquia. Se vendessemos o dente aos gentios, não bastaria todo o ouro do Pegú para dourar a nossa cobiça na estimação dos bons catholicos; e, lançando-o nas brazas, fizemos á nossa fé um dos mais applaudidos sacrificios.» Até aqui o jesuita.

Mas o melhor da pia inepecia dos alumiados varões apostolicos do oriente é que os gentios não soffreram pirraça alguma, e ficaram com os seus trezentos mil cruzados, porque o maldito dente, como de feiticeiro que era, coou-se pelo fundo do almofariz, e foi apparecer em Candia na corolla de uma linda flor.

Ahi fica uma amôstra da politica atilada dos nossos avós. Cotejem-se com as das outras nações, que

se engrandeceram nas conquistas, as pequices da nossa estúpida religiosidade. Ao passo que estas piedosas bravatas se praticavam, espantam e envergonham as cruezas, a carnagem, as perfidias com que os portuguezes deshonravam a religião do amor, cujo symbolo hasteavam nas suas fortalezas, salpicado do sangue dos indefesos indios, que viviam quietos no seu torrão, com a sua feliz ignorancia.

Em quanto o hespanhol Francisco Xavier santifica a vida em desbravar almas para a christandade, quantos centenares de aventureiros a piratearem de cruz alçada, e a rirem do santo que não tinha umas botas! Se a caridade heroica de raros pregoeiros da lei nova conquistou para a corôa portugueza o renome de *fidelissima*, a pompa d'esse vão superlativo custou muitos milhões, milhões que vinham da Asia e do Novo-Mundo, e tornavam mar em fóra para aquell'outra Asia de Roma. Em tudo o dedo da Providencia Divina! Todo esse ouro parece que foi pulverisado e lançado á torrente como as cinzas do dente de Buddah; nós, porém, ainda impenitentes na miseria, fazemos praça e galardão das proezas de nossos antepassados, e impamos de soberba, pregoando as facções que melhor fôra cancellar nas chronicas, renunciando ao desdouro da herança.

Os curiosos abram a historia do rei D. Manuel escripta por Jeronymo Osorio, coevo do monarcha que expiou na Africa os crimes de seus avós. A cada pagina encontrarão um caloroso protesto contra a

selvageria dos hypocritas soldados da cruz. Ha ali pinturas de sorte doridas da carnificina em que andavam sevados os portuguezes; o virtuoso bispo conta e recrimina com magoa tão christã o mau fado das victimas cortadas pelo nosso ferro, que mui de pedra será o peito que se não enternecer a lagrimas.

E á volta com os afflictivos paineis de barbaridade que ahi estão nas chronicas, apparece, a modo de zombaria, o facto do dente de Buddah, como se o testemunho de mais uma tollice fosse preciso para a condemnação de nossos avós!

Não se levantar n'aquelle congresso de theologos, prelados, capitães da Asia e ministros, uma voz que dissesse: «Dae esse dente por trezentes mil cruzados, que eu vos darei uma queixada de dentes tão inoffensivos como o de Buddah. Mandae ao papa a quarta parte do preço do dente, que elle não só vos indulta da veniaga, mas até vos manda os dentes todos dos martyres de Diocleciano, com que façaes arruaça ao dente do philosopho, que morrendo de noventa annos, não podia legar senão um dente cariado e podre!»

O TORMENTO DA MEMORIA

I

.....
Quando entrei na sala, em que ella estava, ia triste. A escuridade interior do espirito vinha fóra espessar em volta dos olhos da face uma zona, cõr das minhas imaginações, negra como a desesperança, como os vinte e dois annos sem amor, como o tédio das delicias da vida apenas provadas.

Vi, como se vê n'um sonho, sem conhecimento da alma pensante, o quadro confuso de espectaculos agradaveis. Giravam as walsas, sentia nas faces o halito das mulheres offegantes de cansaço, os vestidos em redopio agitavam o ar tepido, rossavam-me o braço hombros nús, seios alvos e duros como o alabastro, e não sei se mais animados pela vida do coração que o marmore das estatuas. Se eram Galatheas não o sabia eu; Pigmaliões, no ardor do olhar, pareciam-me todos os que as levavam cingidas no pular vertiginoso da dança. E ellas deixavam-se aper-

tar, e elanguesciam, ageitando as feições de modo, que pareciam envergonhadas da lubricidade d'elles. O espectaculo devia ser deleitoso para todo o homem que estivesse em paz consigo e com os outros. Para mim era triste. Ali foi que eu conheci o que é o doer da solidão moral.

Cessaram as danças. Um homem deu-me o braço, e disse-me :

— Venha vêr as tres mulheres mais lindas d'esta terra.

Da que primeiro vi mal me recordo. Se a procurar hoje, depois de doze annos, para acordar as reminiscencias de então, não a encontro, que morreu.

Da segunda nunca poderei esquecer os olhos. A luz, que elles tinham, como o fogo das vestaes, nunca se apaga: a terra da sepultura abafa o recipiente da alma que chammejava n'elles, mas a flamma vive sempre na memoria do coração, que os contemplou um momento. Morreu tambem essa.

A terceira eras tu.

Vestias de branco, caía-te da cintura aos pés uma faixa de seda em ondulações, emastravam-te os cabellos enfeites de fitas escarlates tão graciosos como singelos.

Aqui tenho diante de mim o teu retrato. Eras assim. Aqui me estás, no estio da vida, florindo a primavera de então. Doze annos, e nem uma pétala murcha d'estas flores! Frescura, graça, meiguice, o

sorrir caricioso, o olhar morbido, a voluptuosidade innocente, os teus dezeseis annos aqui, n'este retrato, que me está dizendo :

«Se queres achar os estragos do tempo, procura-m'os no espirito. A formosura em mim é duradoura como a dadiva funesta de um destino irrevogavel.»

Deixa-me recordar aquella noite.

Eu contemplei-te. Viste-me; e, d'ahi a momentos: procuraste o desconhecido que ouviras dizer-se em sua consciencia: «Com esta impressão alimenta-se uma longa vida.» Não me viste já.

O restante d'aquella noite passei-o lendo Werther, e comprehendí-o. Imaginei-te amada, imaginei-te esposa d'aquella que disputava a tantos um sorriso teu, comprehendí a paixão que nega o dever, que acovarda a dignidade do homem, e o desata das correntes da vida. A um relampago dos teus olhos, vi todos os arcanos tenebrosos do coração humano. Ao outro dia, podéras vêr impressa a historia de um cinerario que se abrija, para que as cinzas de um coração revivessem. Leste-a. Fallava-se ahi de um anjo que pozera o dedo sobre a urna funerea. Os traços debuxados da creatura celestial eram os teus; mas n'essa sala estavam tres mulheres bellas, e tu renunciáras o primor á mais ambiciosa.

Has de crêr-me. Vêr, nos extasis scismadores da juventude, uma imagem, um aggregado de feições, que raro se nos deparam complexas depois, e que

se vão encontrando separadas, e acaso se amam do amor reflectido do typo imaginario, não é mentira, nem mera visualidade do poeta.

A minha mocidade passei-a por entre brenhas e florestas. Havia um remanso na margem penhascosa do meu rio. Era uma alfombra de relva, ladeada por enredados regatinhos de agua derivados da fonte que rompia da fenda de uma rocha. Ahi, foi que eu li a Eneida que tu amas tanto, e do grande cantor aquelle episodio de Ignez que tu sabes de cór. Estas leituras, a sós, com o coração em flor, e as faculdades da razão ainda embrionarias no instincto, incutiam-me a duvida na lealdade dos poetas. Bellos sonhos eram, a meu vêr, aquelles amores, que a minha alma não entendia; dulcissimas amarguras que a inventiva idéa de Virgilio e de Camões creára á competencia com as lendas orphicas de Leandro e Hero, de Pyramo e Thisbe.

Ao toque das Ave-Marias fechava eu os livros, e scismava. D'ahi a pouco, por entre os sinceiraes de ambas as margens, coava-se a viração da noite. O borborinho da fonte era suavemente melancolico. Por perto de mim, as aves, minhas amigas, voejavam com o derradeiro cibo para o ninho. A lua emergia da escuridão que do alto da serra fronteira descêra ao córrego, como manto negro de um gigante. O reverbero prateava a agua represada. Era de incutir medo a magestade d'aquelle silencio. E eu, vendo-me ali sósinho, e sem temor, amava muito a

noite, embalava-me áquelles mil sons confusos, e então era o sonhar d'aquella infantil poesia, que lá se desfolhou, e veiu na torrente d'aquelle meu rio a perder-se, como elle, no oceano das paixões.

Amava a noite, e sonhava.

N'uma d'essas noites, e d'esses sonhos, foi que eu te vi.

Da Castro de Camões tinhas a formosura meiga; da Dido de Virgilio a gentileza varonil. De uma os olhos lagrimosos e as preces supplicantes; da outra a real magestade do aspecto e a vehemencia abraçada da paixão.

Da minha namorada da noite as fórmãs eram estas, eram as tuas. O braço vigoroso da prophetisa da Gallia. O intono soberano da rainha oriental, que vem acorrentar os deleites insaciaveis do monarcha da Judea. A meiguice humilde avassallando, como a sobranceria orgulhosa. Agora chorando como Agar, e commovendo o ceu com os prantos. Logo sentindo arfar as arterias febris no pulso em que seria leve o cutello de Judith.

Não és tu assim?

Assim é que eu te sonhei, quiz-te assim, e amote, e morrerei amando-te, porque assim vieste ao encontro do homem que devia contigo entrar no amphitheatro, e sorrir contigo aos alaridos ebrios do pharisaismo, a cada pedaço do coração que nos sae escorrendo sangue das garras das feras.

E o passado? Aquella noite, aquelle baile, aquelle

presagio que tu viste n'um relance de olhos, que deviam por ti chorar as primeiras e ultimas lagrimas do coração?

Que saudade ahi deve ir, na tua alma, d'aquelles dias! Que fizeste áquellas flores tão lindas que te adornavam a cabeça? que é d'aquella fita de setim, que te caía aos pés? O teu sorriso, aromatisado com os primeiros perfumes da alma virginal, que labios devassos t'o impeçonharam?

Que é da tua alegria, que se espelhava em todos os rostos? Que fizeram de ti, alma ingenua, filha humilde, joia que a todos symbolisavas o ceu da terra, a formosura do anjo, e o jubilo radioso da innocencia descuidosa?

Lá vão doze annos.

Entra comigo, outra vez, n'essa sala, em que te deixei a alma, para m'a restituires n'estes dias de prova.

Olha: estamos rodeados de cinzas, que tiveram um nome. Estas cinzas eram então as duas vencidas rivaes da tua formosura. Chora ao pé d'esta cruz. Colhe essa flor, que tem as raizes no pó do seio de jaspe da que era então tua irmã.

Não vás mais longe colher outra, á sombra de outra cruz, porque o emblema da caridade é uma irrisão providencial n'aquella sepultura. Esquece e perdôa.

Aqui tens ao perto os mais queridos da tua familia. Entre esses ossos que se confundem e abraçam,

se podesses verter lagrimas, sentirias o allivio do queixume, que não é rebatido com a injuria.

Aquelle pequeno anjo, que ha doze annos balbuciava apenas, vimol-o, faz ámanhã dois annos, despregar o vôo, e esconder-se em Deus, para que a sociedade o não forçasse a cuspir-te na face.

Os nossos amigos d'aquella noite aonde estão?

Os melhores não podem carpir-te, nem consolar-te. Se vissem, insultar-te-iam como os despreziveis que ahi rastejam com a alma por debaixo dos teus sapatos.

Que ha ahi d'essa noite fatidica?

Duas vidas, abraçadas á beira de um abysmo; a sociedade a despenhal-as, e ellas a sorrirem.

II

Que maviosa melancolia a d'aquelle cantico da minha filha, da filha dos meus sonhos e das minhas afflicções!

E eu bebia-lhe as lagrimas, já que não podia dar-lh'as. Instillava o fogo d'ellas no coração que só lagrimas podiam aquecer sob os gelos de trinta annos de soledade. Eu pedira a Deus a paixão em que um dia de prazer custa annos de agonia. Pedi-lhê o flagello do ciume; e o Senhor poz a meu lado o anjo maldito que matára Desdemona, e arrojára um cadaver aos pés de Carlota. Uma tortura para cada fibra, um rugido de homicida para cada homem que a contemplava, e, podia, no secreto da sua phantasia, imaginar o sabor de um beijo dos labios d'ella. Tinha amigos, e injuriei-os e perdi-os para que m'a não vissem. Escutava-lhe anciado as palavras do sonho, e contemplava-lhe o scio com o amor vertigi-

noso de um louco, e a insania furiosa de quem quizera na ponta de um punhal roubar-lhe o segredo do coração. E, se ella balbuciava, n'um vagido infantil, o meu nome, os meus labios convulsivos respondiam-lhe com um beijo em que me saía da alma o inferno incomportavel da duvida.

Ella dissera-me um dia: «Sou a tua mulher fatal!» Eu fitei-a com o assombro de homem, affeito a vêr na mulher a creatura fragil, a linda e quebra-diça argila que não podia conter seis lagrimas sinceras de um coração varonil.

«Sou a tua mulher fatal!» Contemplei-a, ouvi-me na voz da consciencia que nunca invocára para as chimeras do amor, e a consciencia disse-me:

«Será.»

Eras, eras, senhora de minha alma, mão divina que soppezaste as paixões todas que se me gladiavam no espirito, redemptora de instinctos bons que a ignominia convertêra em consciencia de deshonra.

Ó mulher fatal, o que eu te devo, o que eu descobri na minha alma, que thesouros de amor, de gratidão, de paciencia, de devoção religiosa, de consoladoras lagrimas, de esperanças immortaes, de phantasias ridentissimas! Tudo teu, tudo por ti, minha providencia!

Cada lagrima tua, uma flor, aberta a perfumar a Divindade, em minha alma!

Corôa de espinhos, se o mundo m'a dava, rossava-me a frente a tua aza de anjo, e os espinhos eram-

me suaves e deleitosos como caricias de filha que consola chorando.

E os teus cantares, quando o archanjo da saudade, e o ciume dorido do amor que parece caprichar em sentil-o, te visitavam na tua solidão!

Lembra-te, luz que me alumias e me cegas, lembra-te... Era assim que tu me dizias, no dia em que os anjos me invejaram o destino, o cantico da saudade, que eu te ouvi quando já podias sorrir á reminiscencia da magoa que t'o inspirára:

Tu foges-me, anjo!? Na terra,
Sou sósinha! Ai! desgraçada!
Do pó, a um alto sublime!
No abysmo, hoje... no nada!

Eras-me vida de enlevo;
Eras Deus na magestade!
Raio de sol, eu te via
No fragor da tempestade.

Eras o talisman santo,
Que me dava a formosura;
Eras a graça, a magia,
Da existencia a ventura.

Sonhei contigo o impossivel,
Quiz arrancar-te a essa cruz,
A tão negro e mau destino,
De que eu tentei ser a luz.

Quiz esconder-te no seio,
 No sacrario da paixão ;
 Fechar-te os olhos no mundo,
 Postos no meu coração.

E quiz mesmo além da morte,
 Corpos, almas, n'uma só,
 Para o ceu, se o ceu existe,
 Para o pó, se tudo é pó.

Tentar a Deus fôra isto !...
 Vil creatura que eu sou !
 Em tão alto cume erguida
 D'elle um sopro me baixou !

Foste tu o fraco e o forte !
 Vi-te sorrir e chorar...
 Mataste-me ! e eu, já fria,
 Ponho as mãos p'ra te adorar.

.....

Adorar, adorava-te eu, quando sobre o hombro me pendias a face formosa onde viçavam flores regadas pelo pranto da hora triste em que tua alma suspirára.

Olhava-te com a soberba de te sentir minha ! Procurava-te o coração no rosto, e esquecia-me d'elle, enlevando-me no extasis de uma formosura, que perpassara um instante entre duas estrellas, na hora mais arrobada da minha infancia.

Por que vieste a este mundo, cherubim?

Não tinhas anjos no ceu para os teus amores?
Não viu Deus que eras linda e pura de mais para
homens?

Por que baixaste a mão a erguer um verme? Que
viste em mim para te merecer uma d'essas lagrimas
que sobem de mim para Deus, na oração da manhã,
no scismar á hora das Ave-Marias, em que a poetica
uncção da saudade me faria, por amor de ti, acari-
ciar os meus inimigos?

Bem dita sejas tu, mulher!

A RAINHA DAS MALDIVAS

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

O padre Agostinho Rebello da Costa, na sua *Descrição topographica e historica da cidade do Porto*, cap. x, ácerca das—«Mulheres illustres em virtudes, em sabedoria, e outras raras qualidades»—que, pelos modos, são dons antiquissimos nas damas portuenses — diz o seguinte:

«D. Maria, rainha de Maldiva na India oriental. Foi sobrinha do V. Agostinho da Trindade, conego secular da congregação do Evangelista, varão consummado em virtudes e letras, e como tal muito attendido de el-rei D. João III. Apenas este monarcha soube que elle tinha n'esta cidade do Porto esta sobrinha, e que vivia em summa indigencia, a mandou logo conduzir para Lisboa; e depois de a ter algum tempo no recolhimento do Castello d'aquella côrte, a enviou para a India em companhia de ou-

tras donzellas, recommendando-a muito ao governador D. Garcia de Sá para que lhe procurasse um estabelecimento honrado. N'este mesmo anno, que foi o de 1549, veiu a Goa el-rei de Maldiva, mancebo de vinte annos de idade, pedir soccorro aos portuguezes para domar certos vassallos rebeldes. Tocado interiormente da graça celeste, converteu-se á fé de Christo, detestando a idolatria que professava, e recebeu por esposa a illustre D. Maria, com a qual voltou para o seu reino satisfeitissimo, não tanto pelo soccorro que alcançou, quanto pela digna esposa que levava consigo. Tão poderosa é a virtude!» Até aqui o padre Agostinho Rebello.

A virtude é em verdade poderosa, e tanto que dispensa o romance para acrisolar os realces da sua muita valia. O historiographo do Porto, querendo inxertar um garfo illustre na arvore desmedrada de celebidades do Porto, tomou á sua conta fundar uma dynastia ahi pelas Congostas ou Bainharia, e inventou uma rainha levada pela virtude ao throno das Maldivas, para onde seu marido a levou *satisfeitissimo, não tanto pelo soccorro que alcançou, quanto pela digna esposa que levava consigo.*

O meu finado amigo Antonio Coelho Lousada achara de aproveitar para novella o assumpto, e formara d'ella o entrecho unicamente. Tão convidativa lhe parecia a idéa que já na *Rua escura*, romance muito de lêr-se do estudioso mancebo, faz elle de passagem menção da lenda do padre Agostinho. N'um

dialogo, diz a tia Briolanja, encomiando os dotes da gentil Maria Aldoar :

—... Merecedora é ella de tudo : até de um rei.

— Já não estamos no tempo em que os reis requestavam pastoras por esse mundo de Christo ;— (disse um tal frei João) que, se estiveramos, nenhum milagre era esse : formosura tem ella bastante para pleitear com as que a tem.

— Nem tão longe vai isso, sr. frei João — redarguiu Briolanja — que a minha mãe ouvi fallar, porque a conheceu como as palmas das mãos, pois era rapariga do seu tempo, de uma tal Maria ahi dos Pelames, que foi rainha de Maldiva, que, dizem, é um bom reino lá pelas Indias.

— Tambem ouvi fallar n'ella muitas vezes... era sobrinha de um conego Evangelista ; mas pobre, coitadinha, a mais não ser...

Esta noticia, dada no romance, alvoroçou os espiritos de muitas meninas portuenses, que não tinham ainda posto o fito da sua ambição além de um brasileiro cotado na praça em cincoenta contos, e d'ahi para cima. Depois, segundo me consta, algumas meninas, induzidas pelo romance de Lousada, entraram a perguntar aos papás se as portuguezas na India já não casavam com os reis. Os pais circumspectos e sabidos nas coisas da Asia, respondiam que actualmente os portuguezes não tinham feitorias

de mulheres além-mar; mas que as tinham cá para legitimōs e christianissimos portuguezes que volviam de lá com os espolios dos reis sertanejos de Africa. E como vinha aqui a ponto a historia sabida, contavam elles de um portuguez contemporaneo, ornamento do Porto, titular da primeira nobreza, que casara com a filha de um soba, riquissima de pedraria, e presumptiva herdeira da corōa. Porém, como quer que o portuguez fosse não só desambicioso de thronos, mas até casto ao ponto de desdenhar as caricias da real consorte, foi o caso que vendeu a mulher e o cortejo de aias, açafatas, e aulicos que eram todos negros, e voltou para Portugal, senhor de alguns milhões, e ornou a fronte, illesa do raio divino, com uma corōa de conde, e raro é o dia em que os periodicos seus conterraneos o não festejem, com canticos novos ás muitas virtudes em que o monarcha fugidiço floresce.

Este desvio veio impertinente ao conto da rainha das Maldivas.

Agora vamos nós averiguar em fonte limpa noticias que vislumbram alguma verdade, e achal-as-hemos bem mais talhadas para o romance e a poesia do que as outras mal vestidas pela imaginativa peca do crendeiro padre que espiolhou n'este lixo do Porto tantos primores de talento e virtude, que, a terem existido, dissereis que nunca se deu uma degeneração tão acabada.

O nosso homem em noticias da Asia é o jesuita

Francisco de Sousa, grande stylista, profundo pensador, muitas vezes propheta, e de todos quantos da sua ordem escreveram ácerca da nossa organização social o que mais abonos dá de luzes, e juízo claro, e desapêgo das regras impostas pela companhia de Jesus aos seus chronistas.

O sr. José Feliciano de Castilho, no tomo XVI da *Livraria Classica*, invocando o testemunho do padre Francisco de Sousa, para julgar de Fernão Mendes Pinto, escreve assim:

«Em todos os assumptos do Oriente, e com especialidade n'este, as suas palavras devem ser consideradas como evangelhos. Francisco de Sousa, o author do *Oriente Conquistado*, era homem sabio; tão conhecedor das coisas da India, como nenhum outro escriptor pessoalmente... Em Goa mesmo é que vestiu ainda menino a roupeta de jesuita...» etc.

Do citado author colhemos o que vai lêr-se:

«Estava S. Francisco Xavier em Cochim, em 1552, quando ali appareceu, fugitivo á rebellião dos seus vassallos, o rei das Maldivas, que são *onze mil ilhetas*, diz o chronista, *muitas d'ellas deshabitadas, e infecundas, e todas tão visinhas umas ás outras, que de longe parecem uma só ilha, mas cortadas do mar com innumeraveis canaes se dividem em tantas.*»

Eu, por mim, apezar do computo dos geographos, creio tanto n'estas onze mil ilhas como nas onze mil virgens. Vá, porém, que sejam; o certo é que os ilheos, que deviam ser pelo menos tantos como as

ilhas, conjuraram contra o rei, e este correu a Cochim implorando auxilio dos portuguezes para restaurar a corôa. Trataram logo os padres da Companhia de o abrigarem no convento, e persuadiram-n'o a *trocar a monarchia das ilhas pelo firmamento das estrellas*. Este despacho da diplomacia portugueza devia de ser medianamente consolador para o pobre rei; mas Francisco Xavier, acabou de o cathequisar, e baptisou-o.

Entretanto aprestava-se a frota para a conquista das Maldivas sublevadas; porém, a velhaca protecção dos portuguezes, vendo que as ilhas careciam de ouro, e outras drogas preciosas, *despresaram a gloria da empreza* e o cayro e côcos medicinaes de que sómente abundava a terra.

O desprotegido rei, vendo-se sem reino, sem dinheiro, sem amigos, e não podendo gastar todo o seu tempo a resar e *conquistar o firmamento das estrellas*, para passar menos aborrecidas as horas vagas, namorou uma menina de *muita virtude e nobre sangue*, com a qual casou. Não nos diz o chronista se ella era Maria, se do Porto, e se fôra recommendada ao governador Garcia de Sá, que o era de Goa, e não de Cochim, onde correu o successo, depois de 1552, e não em 1549.

No que toca ás prosperidades supervenientes a este enlace, o padre Francisco de Sousa, dil-as em concisas palavras: « o rei casado... acabou o curso da presente vida em Cochim, velho, pobre e dester-

rado». Isto, e ir *satisfeitissimo* para o seu reino, não tanto pelo soccorro que lhe deram os portuguezes, quanto pela esposa que levava comsigo, parecem-nos coisas que não concertam muito.

O que elles tiveram foi a riqueza de dois filhos, que deveram pouco á fortuna. O primogenito, de nome D. Francisco, successor á corôa, quando teve idade, veio a Lisboa requerer a Philippe II sobre os direitos de seu pai, e ali foi morto ás estocadas em 1581. A este succedeu D. João, que morreu novo, deixando dois filhos, os quaes se estabeleceram em Goa.

D. Luiz de Sousa foi o derradeiro representante d'estes principes infelizes. Entrou na conspiração contra D. Vasco Mascarenhas, conde de Obidos, e visorei da India, e foi encarcerado na fortaleza de Mormugão, á ordem do conde de Sarzedas, D. Rodrigo Lobo da Silveira, em 10 de novembro de 1655 e depois remetido preso a Portugal, em 1656, na nau *Nossa Senhora da Graça*

Esta nau desmastreou no Cabo da Boa Esperança, com a grande tormenta, e ao mesmo tempo o rei preso expirou, legandô ao rei de Portugal as suas onze mil ilhas.

Ora aqui está a recopilação do desfigurado successo. Se era portuense a rainha das Maldivas, não lhe invejem a sorte as suas patricias. Vão mais pelo seguro como até aqui, conquistando não reis des-thronados, senão que para soberanos de suas almas, esses galãs que o paquete traz a rôdos das costas

africanas para cá, em quanto outros barcos levam d'aqui para lá, a desterro de longos annos e de toda a vida, outros mais nobres miseraveis, que não teriam perdido patria e familia, se podessem negociar a liberdade com o preço de alguns negros.

E as ilhas Maldivas que é feito d'ellas? Que fizeram os portuguezes d'essa herança?

É pena que n'esta occasião não sejam nossas! Está lá um sultão, gosando-se d'aquelle fertilissimo solo, é opulentissimo commercio.

Á URNA!

1871

Que é o mundo? Hospital de doidos.

SOLILÓQUIOS (*P. M. Bernardes*).

I

O bacharel Matheus José Nunes recolhêra de Coimbra á casa paterna, enramado com os louros de uma travêssa Minerva que lhe intrançara alguns *rr* por entre a folhagem e as lustrosas bagas da corôa. Nem o jurisconsulto se doía por isso da sua reputação mareada, nem a consciencia litteraria d'elle fôra molestada por injustiças do magisterio universitario.

Macario Joaquim Alves, mercieiro do Porto, é pai do bacharel, tres dias depois que o filho concluiu formatura, e estava dormindo sobre os louros, e bagas, e *rr*, e tudo, entrou-lhe no quarto ás sete horas da manhã, acordou-o com o estrupido dos tamancos, e disse ao filho estremunhado:

— Então, rapaz, isto é modo de vida?! Escusa-

vas de ir a Coimbra gastar seis mil cruzados e mais uns pósinhos para aprender a dormir!... Abre esses olhos, Matheus!

— Que madrugada é esta?! — regougou o bacharel, formando com a mão um docel ao olho esquerdo, unico que se abriera á estrondosa apostrophe.

— Fóra do ninho! — tornou Macario mais infadado — Tu cuidas que eu roubei ao dote de teus irmãos para te dar um modo de vida que te não serve de nada? D'essa não te has-de tu gabar. Está lá em baixo uma conta do alfaiate; nemja que a pague eu. Has-de ganhal-o, se quizeres. Trata de alugar um escriptorio, e vai para lá com os teus livros. Dou-te de comer em quanto não tiveres freguezia; depois, meu amiguinho, arranja-te lá como poderes.

Dito isto, Macario Joaquim Alves desceu a resfolegar para a loja, assentou no balcão um murro puchado d'alma, e disse:— Seis mil cruzados... e tanto! — O soliloquio foi cortado por o caixeiro que lhe perguntou quantos arrateis de cevada moida devia ajuntar á arroba de café em pó que estava pesando. Só uma ladroeira podia, n'aquella hora, divertir o animo attribulado do mercieiro. Voltou-se já de cara mais composta para o caixeiro, e disse:— quatorze arrateis de cevada no café; não te esqueças de despejar a sacca da farinha no caixão do asucar; olha se meches isso a preceito, que já se me queixaram alguns freguezes... — Occorreram ao sr. Macario outras providencias, que foram interrompi-

das por um officio da commissão do asylo de mendicidade de cuja philantropica associação era membro o honrado mercieiro. E muito de fugida diremos, para maior gloria d'elle, que o sr. Macario Joaquim Alves tambem era mesario da ordem terceira de S. Francisco, thesoureiro do hospital do Carmo, irmão bemfeitor da veneravel ordem do Terço, e mordomo perpetuo da festividade das almas de Santa Catharina. Lido o officio em que, mais uma vez, a commissão appellava para as virtudes altamente christãs do illustre bemfeitor dos pobres do asylo, Macario, que tambem era o fornecedor de arroz e farinhas para o consumo do hospital de Santo Antonio, examinou de novo as contas que devia n'essa manhã apresentar ao thesoureiro, e deu um repellão ao primeiro papel. O caixeiro olhou de lado o patrão, e disse:

— Ha ahi algum erro?!

— Eu não lhe disse a vossê — trovejou o mordomo perpetuo das almas de Santa Catharina — que n'este arroz para a santa casa puzesse mais 110 réis em arroba?!

O caixeiro fez um gesto de humilde assentimento, e Macario, desarmado na ira, respondeu apenas:

— Parece que andam todos apostados a roubar-me!...

No emtanto, foi o logista chamado para almoçar. Antes de sentar-se á mesa benzeu a malga de café com leite em que a sr.^a Joanna, esposa estremecida d'elle, estivera aboborando una pyramide de bis-

coitos de Avintes. O bacharel, ainda tresnoitado, almoçou também, e disse ao mesmo tempo:

— O pae está enganado com o modo de vida que me deu. Um doutor não pôde dar conselhos sem primeiro andar na pratica. Eu preciso de ir primeiro estar algum tempo no escriptorio de um advogado; e depois é que posso dar conselhos por minha conta.

— Então que foste tu fazer a Coimbra, pedaço d'asno? Eu cuidei que era lá o estudo!

O bacharel deu novas explicações, que foram desabridamente repellidas, até que a sr.^a Joanna, edificando nova pyramide de biscoitos, e amaciando com maternas reflexões o azedume do marido, conseguiu não só que o filho fosse praticar, se não que vingou que a verba do alfaiate fosse paga. Na noite d'esse dia, foi o bacharel ao club: fallou na politica intrincada da Italia; disputou o poder temporal ao papa; descreveu as vantagens da união-iberica, sob o titulo de republica peninsular; lamentou a desconsideração do parlamento portuguez, minguido de oradores distinctos; jogou duas partidas de bilhar; fez o elogio do seu alfaiate; discorreu ácerca da liberdade do commercio, e da utilidade dos bancos ruraes; declarou-se, finalmente, phisocrata em economia politica; e, ás duas da noite, foi para casa dormir sobre os louros, e as bagas, e os rr, e tudo.

No dia seguinte, bella manhã de agosto, foi a bacharel Matheus a S. João da Foz. Apenas saltou

da caleche, viu sentadas no muro, que fecha a barbacan do castello, umas secias senhoras que denotavam serem de provincia, posto que de sobra tinham ellas graças e formosura para darem quinau e inveja ás senhoras do Porto.

Com estas damas estava um condiscipulo de Matheus José Alves. Abraçaram-se com effusão de bons amigos, e o da provincia apresentou á mãe e manas o condiscipulo. Apenas Matheus encarou n'uma das quatro, que era a mais vistosa e bonita, deu-lhe rebate o amor no coração, e logo d'ali ficou tão captivo d'ella, que nunca mais largou o rancho. Foi convidado a jantar, ficou o dia todo, ficaria a vida inteira n'aquelle enlevo, se ao intardecer, hora em que os poetas amorosos vêem chorêas de anjos no horisonte purpureado do mar, não visse elle o vulto carrancudo do mercieiro, atraz do balcão, com os dedos musculosos e gretados sobre um peso de oito arrateis, com o ar minacissimo de quem não poria muito em abrir na cabeça do scismador de amores brecha larga por onde saisse o cupido que lhe encavalgava o espirito.

Despediu-se o bacharel Matheus d'aquella boa gente de Cabeceiras de Basto, e quando apertou a mão de Dorothêa não sabia elle dizer, nem eu, o que foi que d'aquelle contacto se fez no coração de ambos, que nunca mais se poderam separar as duas almas, que o amor atou em suavissimo laço.

Foi o bacharel para casa. O coração amante é

engenhoso, e não ha ahi alarve apaixonado que se não tire a salvo de quantos barrancos o empecem.

Matheus inventou um tribunal onde se julgava uma causa-crime celebre. Inventou um parricida; contou commovido a historia sanguinaria do crime: fez chorar a sr.^a Joanna, e enraivou Macario que ficou mais socegado quando soube que o réo havia de ser enforcado n'um d'aquelles dias.

No dia seguinte foi outra vez de fugida á Foz o bacharel, e assim continuou já carteando-se com Dorothea, mas sempre atormentado de saudades. Resolve descobrir á mãe a paixão que lhe mina a existencia. A sr.^a Joanna descobre ao marido a existencia minada do filho, e o sr. Macario não se espanta nem se zanga, quando lhe dizem que a menina além de ter um bom dote, era galantinha, e de muito boa gente de Cabeceiras de Basto, onde elle mandou pedir informações a mercieiros que se forneciam da casa d'elle.

Aventura-se Matheus José Alves a pedir a mão de esposa da sr.^a D. Dorothea, e o pedido é desdenhado pelo pae da menina, que não quer casar sua filha com o filho de um especieiro. A estação de banhos acabara, e a familia partiu para a sua terra; a menina, porém, á ultima hora, lançou-se aos pés do pae, implorando-lhe o consentimento ou a morte. O pae enternecido alguma coisa lhe disse que a reanimou, e deu alentos para escrever ao amado Matheus estas linhas:

«Meu pae disse-me que consentiria na nossa união, se tu te fizesses distincto, e entrasses n'al-guma carreira que te ennobrecesse. Isto já é uma bella e risonha esperança; sei que o coração te ha de inspirar e engrandecer. Para mim és assim o ente mais sublime da terra; mas o que vêem olhos de amante é bem differente do que vê o mundo, *etc.*»

—Engrandecer-me! dizia mentalmente o bacharel, tendo lido a carta. — Que hei-de eu fazer!... N'este paiz como ha-de um bacharel formado fazer-se grande de repente! Aqui não ha os grandes triumphos do fôro que levam um nome glorioso aos angulos de um paiz! E quando poderei eu acceitar a procuração de um enorme scelerado, que eu consiga arrancar ás presas da justiça com a minha eloquencia!? Se viesse ahi um exercito estrangeiro affron-tar a nossa autonomia, eu iria ás fronteiras bater-me como um leão, e arrastaria as bandeiras inimigas aos pés de Derothea! Se eu pudesse salvar dois ou tres naufragos, roubal-os á garganta do oceano, iria ap'resentar-me a Dorothea, levando ao peito a medalha da Humanitaria, e a copia do discurso do meu amigo Moser, que faz todos os annos a acta da immortalidade de tanta gente! Se eu pudesse tirar pelas tra-peiras de uma casa incendiada uma familia já com o lume nas saias, ou fazer parar um carroção que os bois arribatasse á desfillada com trinta e seis pessoas em paroxismos, ou se eu pudesse... o que?

como se póde ser celebrado e distincto n'este Portugal?... Se eu podesse... se eu podesse ser deputado!

Disse, e propoz-se candidato ao pae. O pae foi fallar com os mesarios da ordem terceira, com os do Terço, com os do Carmo, com alguns irmãos da Santissima Trindade. Voltou com cara festiva, e disse ao filho;

—A coisa ha-de arranjar-se; o ponto é que os deputados sejam dissolvidos.

N'um dos proximos dias foi dissolvida a camara. Alguns amigos de Macario fallaram á auctoridade superior do districto; esta entendeu-se com o governo, o governo apoiou a candidatura de Matheus, e Macario chamou a casa o regedor da freguezia, que por um feliz acaso havia mais de um anno que lhe gastava da loja a giz. O regedor deu como vencida a candidatura, e levou debaixo do paletó um queijo flamengo de um lado, e um presunto de Melgaço do outro.

Entretanto, o bacharel Matheus, mediante o governador civil, foi ao escriptorio de um jornal da situação, e entregou ao redactor em chefe um artigo que resava assim:

«Cidadãos, á urna!

«Liguemo-nos compactos, e ergamo-nos como um só homem!

«Cidadãos! Catilina bate ás portas de Roma! A patria está na aresta do abysmo.

«Liguemo-nos contra esses degenerados portuguezes que querem entrégar a Castella a patria de D. João I, de Nuno Alvares Pereira, de D. João IV, e de João Pinto Ribeiro!

«Cidadãos, á urna! unidos, e cerrados, como os esquadrões de Montes Claros e Badajoz!

«Portuguezes! Já Sá de Miranda disse:

Mister é fazer liança

Senão maus bichos nos comem!

«Eleitores do circulo 719! Se quereis um representante, repleto de aspirações grandiosas, capaz de erguer-se á altura das vossas necessidades, votae no talentoso bacharel Matheus José Alves, honrado filho d'esta terra, que conhece como ninguem as theorias dos melhoramentos moraes e materiaes do paiz, e que tem o seu elogio feito dizendo-se que é filho do probó e virtuoso commerciante Macario Joaquim Alves, bem conhecido na praça da cidade eterna por sua honra, e nos asylos e hospitaes por sua incansavel philantropia!

«Cidadãos! Perto está o dia em que se hade decidir dos destinos d'esta terra! Temos fé na estrella de Affonso Henriques que d'esta vez não será submergida a patria, se Portugal escolher d'entre os seus filhos alguns como o bacharel Matheus José Alves.

«Á URNA!»

O artigo foi publicado. O bacharel mandou tres

exemplares a Dorothea. Esta, doida de jubilo, respondeu assim :

«Ó papa leu a folha, e disse que se sahiſſes deputado, fallariamos. Ai! Matheus! salta-me o coração no peito! Vê se consegues, que eu fico pelo resto. Olha, meu bem, disse-me o papá que deves fallar aos cabos de policia; falla, falla aos cabos de policia! convence-os com a linguagem do coração, sim, meu amor? Logo que saías deputado, dá-me parte. Se eu fosse contigo para Lisboa!... Tenho tanto desejo de vêr os arcos das Aguas livres, e a Memoria!...»

O restante da carta são maviosidades de internercer a lagrimas.

II

A carta da menina de Cabeceiras de Basto, se o bacharel Matheus José Alves dormisse ao pé da enxerga da patria agonisante, valeria tanto como o *surge, Brutos!* dos conjurados na morte de Cezar.

Não era preciso o aguilhão do patriotismo. Matheus tinha em si o quer que era da predestinação dos Codros, dos Mucios, e dos Washington; mas a ferroada do Cupido ia por muito na afogadura com que Matheus fervilhava de porta em porta, corroborando e desenvolvendo com discursos aos eleitores a causa do apoio que o illustrado governo dava ao seu nome, assoprado nos foles das typographias sahidas do cofre da policia secreta.

O vencimento da candidatura, mesmo assim, estava duvidoso. Alguns eleitores influentes do circulo

719, mal-avindos com o governo que os desattendera em certas exigencias de summa justiça, haviam franzido o nariz descontentadiço, quando Macario lhes pediu o suffragio. É de saber que estes cidadãos eram influencias do contracto do tabaco, e traziam a soldo algumas duzias de votos. Matheus atemorizou-se, e incutiou na auctoridade o seu receio. A auctoridade industriou alguns esbirros de gravata e açulou-os á consciencia dos eleitores, rebeldes ainda; porém, Macario José Alves, homem de expediente e talhaço para crucificar a dignidade dos governos e grudar com lama as paginas do codigo, rasgadas na cara do senso publico, houve-se de modo que logo se dirá, para exemplo de futuros *galopins* e vergonha da maltrapilha liberdade illustrada com que nos andamos a lograr uns aos outros.

Por ora, conte-se o que fez o bacharel na antevespera da eleição. Primeiramente escreveu, no afôgo da sua paixão, esta carta á menina:

«Anjo!

«As camarinhas da agonia orvalham-me a fronte, onde eu levo a mão convulsa, e digo como o girondino:

«*C'est dommage! J'avais pour tant quelque chose lá!...*

«Oh! tu não sabes quanto é exulcerante vêr morrer a patria, e a luz da esperanza bruxulear como lampada de sepulchro ao abrir da manhã!

Patria, patria ! rival tu foste d'ella !

«Tua rival, Dorothea ! Salval-a e merecer-te, era a aspiração generosa, que me escaldava no intimo. A minha eleição não vinga. Estes selvagens são refractarios ao raios da intelligencia. Eu tinha o coração a trasbordar de idéas grandes, bafejadas por ti, querida. Se eu chegasse a sentar-me entre os legisladores, ergueria ali pedestal que me levantasse até ao nivel do teu seio, cofre de graças, que deslumbram os vangloriosos titulos dos ambiciosos javardos d'este lodaçal chamado «a politica.»

«Que importa o talento?» Coriolano e Alcibiades foram expulsos dentre os ingratos concidadãos a quem queriam dar patria e independência !

«Cheguei a fallar aos cabos : estes estão comigo e com o governo ; mas ha aqui uma tribu de onagros que nem esporeados pela salvação commum, responderam ao destino das nações que lhe fallou pela minha lingua. Brutos !

«Mas os áditos do templo da gloria não estão ainda trancados para mim. A tribuna da imprensa é a mais civica e alterosa de todas. De lá conquistarei o renome que fará empallidecer de inveja os analphabetos que me usurpam a tribuna no parlamento ! Eu me farei benemerito da tua mão ; e para mais cedo carear a estima admirativa de teu pae, tu me irás dizendo as necessidades do teu concelho, os melhoramentos que teu pae deseja, como estra-

das, divisão territorial, demissões de auctoridades, etc., etc.; enfim sê tu o despertador da minha intelligencia como o has sido do coração, que raiou com ella para o dia esplendoroso dos triumphos do espirito, e das castas deleitações do amor.

«Imbebe-te da minha ternura, e suspira por mim com o rumorejo das tuas florestas. Adeus, Dorothea! A minha alma está triste...»

Matheus mandou a carta, e atirou-se consternado sobre a cama, sobre os loiros, e bagas, e *rr*, e tudo.

No emtanto, Macario chegou de fóra encalmado, descalçou as botas que lhe premiam a torniquete os callos penhascosos, refrigerou as plantas nos taman-cos, e disse ao filho:

—Toma folego, Matheus!... A coisa ainda está em arranjo. Eu venho de fallar com os eleitores que te não queriam. Pedi que viessem ouvir-te; agora olha lá se lhe botas uma falla que os deixe aterrados. Se souberes fallar, conta com mais de cento e cincoenta votos só á conta d'elles.

O bacharel resurgiu do lethargo; saltou abaixo da cama, compoz o gesto, tirou do pescoço a luneta odiosa aos bons burguezes do Porto, montou uns oculos verdes de jornada, e passou ao escriptorio do pae onde iam entrando os eleitores. Estes receberam-lhe os cumprimentos com ar protector, e sentaram-se para ouvir a seguinte allocução que rompeu abrupta da facundia de Matheus:

— Meus senhores ! Eu quando sollicitei dos meus concidadãos a honra de represental-os na camara electiva, foi por que senti em mim o impulso que faz os homens necessarios á salvação das nacionalidades.

— Olha lá, Matheus — atalhou o mercieiro — estes amigos não aprenderam lá essas palavras da sciencia ; falla agora de modo que te entendam, e lá nas côrtes dirás o teu palavriado como quizeres.

— A minha linguagem, tornou o orador, é franca e clara como o coração que a dicta. Estes senhores tem sobejo entendimento para conhecerem que Portugal está perdido.

— Isso lá é verdade ! — disse o mais conspicuo dos ouvintes.

— E perdido — tornou o bacharel — por falta de um braço robusto, de uma intelligencia fecunda, que embargue o passo ao demonio da devastação, e explore os mananciaes virgens dos recursos salvadores.

Os eleitores olharam-se uns aos outros cabeceando affirmativamente.

Matheus, inflammado com o applauso tacito, prometteu n'estas vozes, concertando com elles um gesto adequado :

— Senhores eleitores ! nós e as nossas familias e nossas fortunas estamos sobre um vulcão. O suor do nosso rosto, preço honrado dos bens que possuímos está em risco de ser absorvido pelos hespanhoes, que alguns portuguezes (principalmente os da opposição ao governo actual) tratam de chamar para to-

marem conta das vossas fazendas, das vossas mulheres, das vossas filhas, das vossas...

—Irira! exclamou um.

—Ha-de haver bordoadada de crear bicho, antes d'isso!—exclamou outro floreado a grossa bengala de junco.

—Cidadãos!—continuou Matheus, com os cabellos em pé, e a fronte aberta ao bafo da inspiração, que lhe vinha com o cheiro do sail—Aqui n'este peito alberga-se um coração portuguez. Eu quero salvar a minha patria porque lhe devo o berço, o ar, as esperanças, o futuro, e o sangue das veias. Haverá ainda um digno filho d'esta terra que estenda mão generosa ao desgraçado Portugal que se fina?!

—E a respeito de contribuições,—interrompeu o bacalhoeiro José João—que me diz o sr. doutor?

—É verdade... irão por diante as contribuições pessoas?

—Se eu fôr ao parlamento, respondeu Matheus, farei vêr aos poderes publicos que a eiva da indigencia contamina a economia social, e que o contribuinte avexado pelos desperdicios e sinecuras do machinismo governamental já não póde ser mais desangrado por impostos, e não quer pagar mais.

—Apoiado!... exclamaram todos, contentissimos de entenderem o remate do periodo.

Macario, aquecidos os animos, aproveitou a oportunidade, e disse:

—Matheus, estes senhores vão arranjar votos

para ti, com a condição de tu lá em Lisboa lhe arranjares umas coisitas que elles querem do governo.

—Tudo que humanamente se poder fazer—disse o bacharel—Diga cada um dos meus nobres amigos o que pretende.

O mais grave dos seis, fallou assim :

—Eu queria que o sr. doutor arranjasse uma commenda, ou uma coisa assim para meu primo Antonio, que tem a loja da esquina da praça de Carlos Alberto, e já na outra eleição andei a trabalhar pelos historicos, ou que diabo são, e por fim de contas a commenda não veio.

—Conte seu primo Antonio com a commenda ; e v. s.^a não quer nada?—disse o candidato.

—Eu só queria que o sr. doutor dissesse lá ao governo que mandasse cortar as arvores que plantaram na praça e me tiram a vista á minha casa.

—Serão cortadas as arvores.

—Eu, disse o segundo, tenho um filho formado a comer-me ha doze annos as meninas dos olhos, e queria que o sr. doutor lhe arranjasse um despacho para delegado.

—Póde dizer a seu filho que está despachado.

Fallou o terceiro :

—Queria eu que v. s.^a fizesse com que a estrada em vez de passar em Guinfaens, fizesse uma curva por traz da egreja de Ranhados, que me ia passar mesmo á porta.

— Nada mais facil. Terá v. s.^a a estrada á porta. E o meu amigo que quer?

— Eu queria que se botasse a terra o conselho de saude, sendo possivel.

— É possivel: logo que eu chegue a Lisboa o conselho de saude hade cair para nunca mais se levantar.

O quinto disse que tinha uma questão de grande importancia no supremo tribunal, depois que a perdêra em todas as instancias. O bacharel teve a paciencia de escutar os direitos do demandista, e lavrou logo o accordão.

Finalmente, o sexto eleitor pediu a bagatella de um caminho de ferro a Mirandella, por Murça, onde elle tinha uma herdade e parentela que nunca vira por falta de communicações.

Maravilhou-se Matheus da parcimonia das pretenções e animou-os a exigirem mais alguma cousa. Tomou assentos na sua carteira, e deu um abraço em cada um, quando todos á uma lhe disseram:— Está deputado o sr. dr. Matheus.

N'este comemos, Macario abriu um armario e tirou uma rosca de pão de ló, e duas garrafas de vinho de 1830. Abancaram todos, amiudando os tragos para amollecere as belfas enfartadas do pão. Matheus, com o coração em Cabeceiras de Basto, e o espirito aquecido das libações frequentes, ergueu-se de copo em punho, e disse:

«Eu brindo, com a expansiva effusão de portu-

guez, e portuguez filho d'esta cidade invicta, paladium das liberdades patrias, e mãe de grandes homens, brindo os honrados e intelligentes constituintes que me vão honrar com o seu voto. Espero provar á Europa que os Pombaes em Portugal não são uma historia, quando a patria os chama. Á vossa saude, cidadãos, que me engrandeceis, engrandecendo a cidade dos livres, e a nação dos heroes, e os heroes... e os heroes na nação!

— Viva! viva! viva! — Urraram compactos! Macario, a chorar, deu um abraço no filho. A sr.^a Joanna, que estava á espreita, não se teve: correu ao grupo, e abraçou o filho pelas pernas. O caixeiro tinha seis foguetes de lagrimas reservados para a noite de S. João; vai á porta da rua, e fura o ambiente com os foguetes.

Os eleitores, esses, bracejavam apenas, porque as linguas não podiam furtar-se á faina com que devastavam uma lingua de porco que a sr.^a Joanna fôra tirar da panella.

Até as irmãs de Matheus arrancharam ao delirio, depois que se toucaram de grandes fitas vermelhas e amarellas.

Era uma doidice em que até os freguezes que vinham á loja se rejubilavam!

Falta dizer o que mais encarece o enthusiasmo; Macario chamou dentro o caixeiro, e disse-lhe:

— Rapaz, amanhã não se leva dinheiro a quem vier cá matar o bicho!

Matheus fugiu ás ovações; não podia com o co-

ração; entrou no seu quarto, e escreveu com mão tremula estas linhas :

« Dorothea ! Venceu Cupido ! Vou ser deputado ! e tu, minha ! Cantam-me na cabeça todos os passaros do universo ! O ar, que me aviventa, tem perfumes de cardamomo ! Sinto-me o rei da criação, e vassallo no estrado do teu solio ! Dorothea ! diz a teu pae que o teu Matheus é legislador, e que em breve terá nos conselhos da corôa a posição que se deve aos genios. D'aqui até vinte de maio devem realisar-se os nossos esponsalicios. Depois... verás das varandas do parlamento, com soberba, o eleito da tua alma e da nação pairar nas alturas onde o guinda a eloquencia aquecida pelo coração, debaixo dos olhos da mulher amada.

«Agora, tu, e a patria, Dorothea!

«Adeus!»

A candidatura de Matheus José Alves foi um triumpho!

Á hora em que o humilde chronista das glorias do bacharel Matheus escreve estas linhas, estouram em Campanhã, onde Macario tem uma fabrica de cortumes, centenaes de foguetes, e tilintam vertiginosas as sinetas da igreja. Consta-me que na tenda de Macario todos mataram o bicho gratuitamente. Agora, resta-nos vêr sahir um Pombal de traz de uma ancoretta de geropiga!

POST-SCRIPTUM

A innocencia de alguns d'estes contos é de crêr que venha a ser questionada por muitas pessoas, sobre respeitaveis, intelligentes.

Se alguém disser que estes contos podiam ser e deviam ser mais innocentes, para não desmentirem o titulo da obra, ficarei pesaroso, por que a intenção é boa, e o peccado é-o de mera ignorancia do que devam ser leituras innocentes. Ora vejam que esta minha ignorancia vem de longe.

Ha sete annos publiquei eu um romance intitulado LAGRIMAS ABENÇOADAS. O sr. D. Antonio de Jobim, egresso cruzio, orando na igreja do Recolhimento de S. Lazaro, no Porto, recommendou aos pais de familia que pozessem, na mesa de estudo, e no toucador de suas filhas, o romance «Lgrimas abençoadas»: tão innocente e christã era a novella!

Não sei que mais possa dizêr-se em panegyrico

da moralidade de um romance, quando a pessoa, que o inculca, é dotada da clara e cultivada razão do sr. D. Antonio de Jobim.

A extracção d'este livro tambem diz muito em abono e prova da publica moralidade: de quantos escrevi, aquelle foi o menos procurado. Se isto significa que o publico dispensa moralisação, bem é.

Contou um periodico portuense o caso estranho da recommendação de uma novella, constituida materia predicavel. Desconhecia o censor o livro; não tirou isso, porém, que elle dêsse como irracionaes e desnecessarias similhantes leituras, em razão de ahí superabundarem livros encendrados no melhor ouro do espirito, já conhecidos e celebrados pela fertilisação de almas, que taes directorios asceticos tinham encaminhado á bem-aventurança. E o critico citou como sobre-excellente a INTRODUCCÃO Á VIDA DEVOTA, de S. Francisco de Salles.

Achei de bom juizo a censura, e folgei de vêr os meus livros, com quanto regeitados, em competencia com os devoceionarios de tão mirifico santo.

Eu nunca tinha lido a «Introduccão á vida devota», escassamente sabia que este titulo infeixava umas cartas com que o santo dirigia o espirito de uma sua confessada, a sr.^a de Chantal, que tambem foi santa, avó da Sevigné, e da qual reza a igreja a 21 de agosto.

Decorreram seis annos em que por vezes desejei lêr o livro de S. Francisco de Salles, e debalde o

rebuscava nas livrarias publicas, e nas estantes curiosas dos meus amigos, onde havia tudo que a devoção tem inspirado aos theologos mysticos e moralistas mais entendidos em materia de salvação, excepto o livro tão encarecido pelo jornal portuense. Fez-me lastima vêr que em Portugal era tão rara, senão desconhecida, uma obra que a meu vêr só viera com os seus conselhos parar a casa do jornalista.

Hontem fui eu á feira dos *Ferros-velhos* que está ali debaixo das copadas arvores das carmelitas, obstruindo um espaço, que devêra ser uma curta mas bellissima rua. Enxerguei entre duas botas, adamas-cadas de tombas, e uma chocolateira sem tampa, um livro em capa de pergaminho, com o titulo já safado ao correr da lombada. Abri-o, presagiando raridade, e achei a « Introducção á vida devota de S. Francisco de Salles », traduzida do francez pelo licenciado hespanhol D. Francisco de Cobilhas Donyagues e offerecida em portugez por Francisco de Sousa, mercador de livros e familiar do santo officio, a D. Fernando Martins Mascarenhas, e impressa na officina de Miguel Manescal, em Lisboa, anno de 1682.

Cá está o suspirado livro! E, por demasia de ventura, trasladado em portuguez visinho dos velhos tempos de ouro da nossa lingua, por este bom Francisco de Sousa, primeiro livreiro litterato de Portugal. Regalou-me a certeza de que o succo do bom livro, ha quasi duzentos annos, gira no sangue portuguez, de geração em geração, e de vêr é que mui-

tos exemplares estão derramados por mãos que os estimam e escondem do olho cubiçoso dos amadores de livros em pergaminho:

Razão tinha o critico da gazeta. É antiga a nomeada do livro, e tão bem-merecida, que eu, á imitação do devoto familiar do santo officio, vou offerer aos amantes dos folhetins espirituaes, algumas das mysticas admoestações que S. Francisco de Salles manda ás donzellas, ás senhoras casadas, e ás viúvas.

Seja o primeiro relanço o do capitulo intitulado:

DOS AMORES E NAMORADOS

Deleitem-se as almas innocentes com as espiritualidades d'estas celestiaes iguarias dos anjos:

«Quando estas loucas amizades ¹ se praticam entre gente de diverso sexo, e sem pretensão de matrimonio, se chamam namoramentos ou amores; por que não sendo mais que certos abortos, ou, por melhor dizer, phantasmas da amizade, nem d'ella podem ter o nome, nem de amor meramente, por sua incomparavel vaidade e perfeição... E posto que estes loucos amores de ordinario param, e se afogam em carnalidades e lascivas mui torpes, com tudo

¹ O santo tem dito no anterior capitulo contra as amizades grosseiras, que fundam sobre virtudes frivolas, e sentidos exteriores.

não é este o primeiro designio dos que o exercitam; por que então não foram namoramentos, senão des-honestidades, e amancebamentos manifestos. E succede que entre os que são tocados d'esta loucura, se passam ás vezes muitos annos, sem que coisa alguma lhes succeda, que directamente seja contra a castidade do corpo, não se alargando os taes a mais que a derreter seus corações em ancias, ternezas, suspiros, desejos, e outras similhantes loucuras e vaidades.

«Alguns ha que não tem outro designio mais que faltar seus corações em dar e receber amor, seguindo n'isto sua inclinação amorosa. Estes, outra coisa não olham, em a eleição de seus amores, mais que seu gosto e instincto; pois logo que se lhes offerece algum sujeito agradavel a seus olhos, sem examinar o interior, começam esta communicação de namorados, mettendo-se em a miseravel rêde, da qual, para depois haverem de sahir, o não fazem sem lhes custar grande trabalho.

«Outros d'esta loucura se deixam levar por vaidade, parecendo-lhes que não é pequena gloria atar e prender os corações por amor; e estes, como fazem sua eleição vangloria, lançam seus anzoos, e estendem suas rêdes em logares levantados, raros, illustres, e famosos.

«Outros juntamente se deixam levar de sua inclinação amorosa e de sua vaidade; e estes, posto que tem o coração inclinado ao amor, nem por isso

o querem emprender, sem conseguir alguma vantagem de gloria. Estas amizades são todas más, loucas, e vãs..., ¹ porque não rendem nenhum proveito, contentamento, nem honra; antes pelo contrario, perdem o tempo, e embaraçam a honra, sem dar em outro prazer que o de uma ancia de pretender e esperar, sem saberem o que querem, nem o que pretendem: por que sempre a estes fracos e apoucados espiritos lhes parece que ha um não sei quê digno de se desejar, em as mostras que de amor reciproco lhes dão a entender, e, como o não sabem, nasce d'ahi que o seu desejo jámais se termina, antes sempre se vai augmentando, apertando-lhes o coração com perpetuas inquietações, desconfianças, e ciúmes.

«S. Gregorio Nazianzeno, escrevendo contra as mulheres vãs, diz maravilhas a este proposito; e aqui verás uma pequena parte que dirigiu ás mulheres más, e para os homens é boa tambem: — Tua natural formosura basta para teu marido; por que, se esta é para muitos homens, como uma estendida rêde a um bando de passaros, que succederá d'aqui? Verás algum, que te agrada, a quem tua formosura agradará tambem. Então pagarás um lançar de olhos com outro, e uma vista com outra vista; seguir-se-hão logo os risos e palavrinhas de amor, deixando-as como cahir ao principio; mas, domesticando-as sem

¹O copista, quando usa reticencias, quer dizer que se teme de offerecer aos seus leitores a linguagem nua e sincera do santo.

demora, se passará a manifestas desenvolturas. Ó lingua minha palreira, guarda-te e refrea-te de dizer o que depois succederá; mas, com tudo isso, não deixarei de dizer esta verdade: Nenhuma coisa de todas quantas os moços e mulheres dizem, obram, e fazem n'estas juntas, e loucas complacencias, está livre de grandes anzoos e perigos. Todas as patranhas d'estes namorados se prendem umas com outras, e se seguem nem mais nem menos que um ferro tocado da pedra iman que tira a si e attrahe consecutivamente outros muitos.» Até aqui S. Gregorio.

Na carta que entende sobre as falsas e verdadeiras amizades, commenta difusamente a seguinte ponderação do santo citado, o qual diz em podendo estylo:

Quando o pavão grita, logo que formou sua roda, excita a luxuria grandemente as suas femeas: assim, quando se vê a um homem galantear, compôr, chocarrear, e dizer ditos, chistes, e affagos aos ouvidos de uma mulher ou donzella, sem pretensão de um justo matrimonio, sem duvida que tudo é para a provocar a alguma deshonestidade. Então ella, se fôr honrada, cerrará suas orelhas para não ouvir os gritos d'este pavão, nem a voz do encantador, que com finezas a pretende encantar, por que, se o ouve, ó Deus! que máu agouro lhe prognostica da futura perda do seu coração!»

No tocante á decencia dos vestidos, admoesta o santo d'este theor:

«A mulher casada se póde e deve adornar, quando está presente seu marido, de sorte e modo que elle quizer; porém, se faz o mesmo, quando elle está ausente, perguntarão a que olhos quer favorecer com adorno tão particular? Ás donzellas lhes é permitida mais galanteria; porque parece que podem ellas licitamente desejar agradar a muitos, com tanto que isto não seja senão com o fim de ganhar um só para o santo matrimonio. Não se tem a mal que as viúvas, que pretendem casar-se, se adornem em parte e de algum modo, com tanto que não dêem nota de leviandade e loucura, que, como já tem sido mães de familia, e passado pelos sentimentos da viuvez, tem seu espirito puro, brando, e temperado. Porém, as verdadeiras viúvas, que o não são só de corpo, se não tambem de coração, nenhum adorno lhes é conveniente, senão a humildade, modestia, e devoção; porque, se querem namorar os homens, já não são verdadeiras viúvas, e, se os não querem namorar, para que trazem os instrumentos d'isso?! Que quem não quer receber e agasalhar hospedes, e passageiros, necessario é que tire a insignia da estalagem.»

As viúvas não se comprazem de certo na estalagem que entra rhetoricamente no discurso; mas a intenção do santo é limpa de menospreço.

É muito de vêr-se e pensar-se este periodo do artigo — *Murmuração*:

« Nunca digas: fulano é um borracho, ainda que o tenhas visto bebado; nem é um adultero por o haver visto n'este peccado, nem é incestuoso por o haver colhido n'esta desventura; por que á coisa má não lhe dá o nome um só acto. O sol se parou uma vez em favor da victoria de Josué, e se escureceu outra em favor do Salvador; mas nem por isso dirá ninguém que o sol é immovel ou escuro. ¹ Noé se embebedou uma vez, e Loth outra, e ainda este ultimo commetteu um grande incesto, mas nem por isso foram borrachos um nem outro, e nem o ultimo incestuoso,... por que para se tomar o nome de algum vicio ou de alguma virtude, é necessario haver feito costume e habito. Testemunho falso é, pois, dizer que um homem é colerico ou ladrão por o haver visto encolerisar ou roubar uma vez. »

Corram-se de pejo, á vista d'isto, os barbaros codigos penaes, que condemnam como ladrão o innocente, que roubou pela primeira vez. Dá a entender S. Francisco que devem deixar roubar o homem quatro vezes para o verem em conta de ladrão por

¹S. Francisco de Salles morreu em 1622, e a *heresia* astronomica de Gallileu, ácerca do sol, data de 1633. E' presumivel que o santo bispo de Genebra, sobrevivendo ao professor da Toscana, abundasse na sentença que condemnou o innovador a prisão indeterminada.

habito. Deus nos defenda de juizes do crime com as virtudes do santo bispo.

Concede o santo os seguintes passatempos como recreação licita e louvavel :

« Tomar o ar ; passeiar-se ; entreter-se com discursos alegres e amigaveis ; tocar uma viola, laude, ou outros instrumentos ; cantar em musica ; ir á caça. »

Tambem não reprova o santo bispo o jogo da pelota, dos pausinhos, do aro, da argolinha, xadrez, e gamão. Fulmina o jogo de azar ; e, a tal respeito, diz que a casta donzella Sara, fallando com Deus da sua innocencia d'ella, dissera : « Vós sabeis, Senhor, que eu nunca conversei com jogadores. » Prova é isto que a tabolagem é coeva de Tobias.

No concernente a bailes, é este o parecer do director da sr.^a de Chantal :

« As danças e os bailes são de sua natureza coisas indifferentes ; porém, segundo o modo ordinario com que este exercicio se faz, é á parte do mal muito inclinado, e por conseguinte cheio de risco e de perigo : este se faz de noite e por meio das trevas e obscuridades, e é muito accommodado para cair em muitos accidentes tenebrosos e viciosos ¹. »

¹ Escreve o traductor portuguez á margem : « Falla do exercicio dos festins de França que são de noite. » Dir-se-ha que os bailes em Portugal eram de dia, e os de França ás escuras. Não nos parece verdadeira alguma das conjecturas.

O santo aconselha o seguinte balsamo para sanear as feridas espirituaes, que se recebem nos bailes :

« Diz-se que sobre os pepinos comidos se ha de beber bom vinho. E eu digo que, depois das danças, convém usar de algumas santas e boas considerações, que embaracem as perigosas impressões, que o vão prazer, que se ha recebido, ao nosso espirito póde occasionar. »

O artigo *Aviso para os casados* é muito mais substancial que a *Carta de guia* de D. Francisco Manoel. Mesmo assim, não inculco a meninas solteiras a leitura de tal peça, que pertence nimiamente á escola, que os francezes denominam *realista*. O subsequente é mais defeso ainda. O titulo lhe basta : *Da honestidade do leito nupcial*. Pigault-Lebrun e Voltaire foram mais commedidos.

As viúvas admoesta S. Francisco com estas e outras considerações :

« As alampadas, que tem azeite aromatico, despedem mais suave cheiro, quando se apagam. Assim as viúvas, cujo amor tem sido puro em seu matrimonio, derramam maior cheiro de virtude e castidade, quando sua luz se extingue e apaga pela morte. Amar ao marido, em quanto vivo, coisa é mui trivial entre as mulheres; mas anal-o tanto, depois da

sua morte, que não queiram outro, gráu é de amor, que só pertence ás verdadeiras viuvas... A verdadeira viuva é em a igreja uma pequena viola, cuja flor espalha uma incomparavel suavidade com o cheiro de sua devoção, guardando-se quasi sempre escondida debaixo das folhas do seu abatimento, e dando testemunho da sua mortificação na côr que mostra pouco resplandecente. Dá-se em logares frios e incultos, apartando-se da conversação dos mundanos, para melhor conservar a frescura do seu coração, contra todos os ardores, que o desejo de bens, de honras, e tambem de amores, lhe póde causar.»

São de sobra as amostras copiadas do encarecido directorio espiritual. Antes de o lêr já eu jurava nas palavras da gazeta, que malsinou a minha novella como leitura vã, em confronto da « Introeção á vida devota.»

Em remate, direi que cheguei a escrever uma carta-prefacio ao meu romance — *Lagrimas abençoadas* — dedicando-o a uma menina de sete annos. Hoje, que essa menina tem treze, custar-me-ia muito se ella, levada de sua devoção ou curiosidade, viesse aprender no livro do santo novidades que o meu romance, nem estes *contos innocentes* lhe dizem.

Offerece-se-me cuidar que o virtuoso bispo escrevia a uma devota sobejamente iniciada nos sentimentos que elle descarna, e define com expressões de mau som a ouvidos puros.

Agora, não ha santos que escrevam cartas edificativas ás suas amigas ; mas, em compensação, ha peccadores delicados, que perfumam a athmosphera infecta, e mostram por entre flores as chagas do vicio, sem amiudarem a historia lenta da posthema, que cancerou o coração. Isto parece-me melhor ; e se é erro, S. Francisco de Salles me perdôe.

FIM

INDICE

Promessa cumprida.....	129
Tres medicos.....	13
O Padre Macedo e a Zamperini	30
A mulher da azinhaga.....	50
Mulheres celebradas e exquisitas.....	77
O maior amigo de Luiz de Camões.....	204
Heloisa e Abailard.....	125
A carteira de um suicida.....	139
Trezentos mil cruzados por um dente.....	173
O tormento da memoria.....	181
A Rainha das Maldivas.....	195
Aterna !.....	205
Post-scriptum	227



